



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DE LUANDA
COORDENAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

IZILDA MARIA DA SILVA BEJE

**SUPERVISÃO DA «PRÁTICA DOCENTE» :QUE PERFIL DE DESEMPENHO
PARA O PROFESSOR DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR**

TUTOR: DOUTOR LUÍS ALEXANDRE DA FONSECA TINOCA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO NA ESPECIALIDADE DE
PEDAGOGIA DO ENSINO SUPERIOR

LUANDA/2015

IZILDA MARIA DA SILVA BEJE

**SUPERVISÃO DA «PRÁTICA DOCENTE»: QUE PERFIL DE DESEMPENHO
PARA O PROFESSOR DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR**

TUTOR DOUTOR LUÍS ALEXANDRE DA FONSECA TINOCA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO NA ESPECIALIDADE EM
PEDAGOGIA DO ENSINO SUPERIOR

LUANDA / 2015

AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim deste longo, árduo mas desafiante e gratificante percurso é, por si só, uma conquista que não teria conseguido concretizar sem o apoio de todos os que comigo partilharam as angústias e as descobertas, os avanços e recuos inerentes a um trabalho desta natureza. Assim, quero deixar expressa a minha gratidão a todos.

Ao Professor Doutor Luís Alexandre da Fonseca Tinoca, que orientou este trabalho, problematizando, ouvindo, encorajando... e que do ponto de vista pessoal e profissional sempre me deu apoio e ânimo nos momentos menos bons ao longo deste trabalho, amizade que muito estimo e retribuo.

À minha família que sempre me apoiou e incentivou, muito em especial aos meus pais, aos meus filhos, irmãos e colegas que sempre estiveram presentes, desta mãe e amiga, esta etapa dirijo-o à minha família que nunca me deixou desistir, apoiou, ajudou a suportar as ausências e impaciências e acreditou que chegasse até aqui, contribuindo para o bem-estar e garantia das rotinas familiares.

À minha amiga e colega Laura Matos, companheira inseparável na formação, no trabalho e na vida, pelas animadas viagens, discussões, críticas e sugestões que tanto ajudaram a tornar menos isolado este percurso.

Agradeço também a todos quantos, directa ou indirectamente, contribuíram para a realização deste estudo. Desde os docentes do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa que disponibilizaram o seu tempo e os seus testemunhos; a Mariana Bessa (mami), a tia Augusta, aos colegas do mestrado em Pedagogia do Ensino Superior e Administração Educacional, amigos que ajudaram a resolver as mais diversas situações, a todos, muito obrigada.

Por fim, dedico este trabalho ao colega Feliciano Ngungi que tudo fez para chirbitar e estar connosco, mas, o destino não deixou. Que a sua alma descanse em paz.

RESUMO

Neste trabalho, vamos analisar a supervisão da prática docente, o perfil de desempenho para o professor de prática docente, bem como o impacto da supervisão no desempenho dos professores. A abordagem desta temática não se propõe a encontrar fórmulas e receitas para solução dos problemas da supervisão e orientação das práticas, mas melhorá-la. O supervisor e orientador de prática docente é um profissional experiente, capaz de planificar, organizar, leccionar, orientar, reflectir de forma crítica e avaliar todas actividades inerentes ao processo de ensino aprendizagem com rigor e sucesso. Tratando-se de pesquisa qualitativa e descritiva, fizemos um estudo de caso e analisamos o quotidiano de uma instituição de formação do ensino superior em Angola. Como participantes professores, estudantes e chefes de departamento. Para a recolha dos dados tivemos em conta a entrevista semi-estruturada e observação das aulas; para o tratamento dos dados recorremos a análise de conteúdo. Tendo por base a literatura científica sobre a supervisão pedagógica, no nosso contexto, o trabalho traz a discussão o perfil deste profissional quanto a orientação e supervisão das práticas nas escolas de formação. Este estudo permitiu constatar o impacto da supervisão no desempenho dos professores, a falta de formação dos orientadores, para conduzir e supervisionar as práticas, o número elevado de estudantes para um orientador.

Palavra-chave: perfil de competências, supervisão da prática docente, supervisor, Prática Pedagógica e desenvolvimento profissional.

ABSTRACT

In this paper, we are going to analyze the supervision of teaching practice, the performance profile for the teacher of teaching practice as well as the impact of supervision on the performance of teachers. The approach of this subject is not intended to find formulas and recipes for solving the problems of supervision and guidance of the practices, but improve it. The supervisor and mentor of teaching practice is an experienced professional, able to plan, organize, teach, guide, critically reflect and evaluate all activities related to the teaching-learning process with accuracy and success. In the case of qualitative and descriptive, did a case study and analyze the daily lives of a training institution of higher education in Angola. As participants: teachers, students and department heads. For the collection of data we took into account the semi-structured interviews and observation of classes; for the treatment of the data we used content analysis. Based on the scientific literature on the pedagogical supervision, in our context, the work brings to discussion the guidance and supervision of practices in training schools. This study allowed to verify the impact of supervision in the performance of teachers, lack of training of supervisors, to conduct and supervise the practices, the high number of students to a mentor.

Keywords, skills profile, supervision of teaching practice, supervisor, Pedagogic Practice and professional development.

CITAÇÃO

Aqueles que se apaixonam pela prática sem a ciência são como marinheiros que embarcam no navio sem timão ou bússola, que nunca têm certeza aonde se dirigem. A prática deve ser edificada sempre sobre a boa teoria, da qual, é porta e guia, sem a qual, nada é bem feito.

(Leonardo Da Vinci 1452-1519).

BREVIATURAS

PP	Prática Pedagógica
NEE	Necessidades Educativas Especiais
ADPP	Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo
CD	Chefe de Departamento
P1	Professor 1

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO.....	4
ABSTRACT	5
CITAÇÃO	6
ABREVIATURAS.....	7
INTRODUÇÃO	10
1. Problemática.....	10
2. Objectivos de estudo	13
CAPÍTULO I. QUADRO TEÓRICO/ REVISÃO DA LITERATURA	15
1.1. Perfil do professor universitário	15
1.2. As componentes do perfil profissional do professor do Ensino superior	15
1.3. Competências básicas do professor do ensino superior	18
1.4. Características ou qualidades do professor	22
2. Requisitos básicos do professor universitário	25
2.1. Modelos de Formação Inicial de Professores no Ensino Superior...	26
2.2. Papel do formador de prática pedagógica	28
2.3. Atitudes básicas dos professores universitários	30
3. O Desenvolvimento Profissional dos Professores Universitários	32
3.1. Modelos de desenvolvimento profissional.....	34
3.2. O portefólio como dispositivo de desenvolvimento profissional docente	36
3.3. Avaliação do desempenho docente	39
4. Modelos de Supervisão do Estágio Pedagógico	44
4.1. Composição da Prática Pedagógica	44
4.2. Estatuto da prática pedagógica.....	47
4.3. As práticas curriculares dos formadores.....	51
4.6. Avaliação da prática pedagógica	58
CAPÍTULO II. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA	65
2.1. Paradigma qualitativo	66
2.2. Modelo de Pesquisa.....	67
2.2.1. Design: Estudo de caso	67
2.2.2. Contexto:	68

2.3. Participantes do estudo	69
2.4. Técnicas de recolha de dados	71
2.5. Técnicas de tratamento de dados	79
2.4. Questões de ordem ética	81
CAPÍTULO III. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	82
3.1. Análise dos dados dos estudantes resultantes das entrevistas	82
3.1.1. Professor de prática pedagógica/ preparação para o trabalho	83
3.1.2. Desempenho dos professores na perspectiva dos estudantes.....	85
3.2. Análise Das Observações Feitas Aos Estudantes	92
3.2.1. Dificuldades descobertas na orientação das práticas	92
3.3. Análise das entrevistas dos professores de prática pedagógica.....	93
3.3.1. Características do professor para orientar na visão dos inquiridos .	94
3.3.2. Quem deve ser professor de prática pedagógica?	96
3.3.3. Funções do professor de prática pedagógica	96
3.3.4. Mudanças propostas pelos professores	98
3.4. Análise das Observações Feitas aos Professores	100
3.4.1. Dificuldades vividas no terreno na supervisão das práticas.....	100
3.4.2. Aulas simuladas leccionadas na instituição de formação	101
3.5.1. Selecção dos professores.....	104
4. Desempenho do professor universitário.....	106
CAPÍTULO IV. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	114
4.1. Competências identificadas para o processo de supervisão	114
4.2. Competências identificadas para desempenho da profissão	141
4.3. Competências identificadas pela instituição para selecção dos professores	148
CONCLUSÕES	153
RECOMENDAÇÕES E SUGESTÕES	158
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
ANEXOS	163

INTRODUÇÃO

«Supervisão da «prática docente»: Que perfil de desempenho para o professor de Prática Pedagógica no Ensino Superior».

1. Problemática

Neste trabalho, vamos analisar a supervisão da prática docente, o perfil de desempenho para o professor de prática docente nas escolas de formação de professores.

A prática docente, no currículo dos cursos de formação de professores, é das disciplinas destinadas a profissionalização dos futuros docentes. Ela baseia-se concretamente na prática de ensinar, na qual os mesmos são colocados para leccionarem num período variável de quatro a seis meses, sob a supervisão dos professores da escola cooperante e da instituição de orientação.

A escolha deste tema foi motivada pela experiência vivida por nós na fase das Práticas Pedagógicas e reforçada agora na experiência de trabalho do estágio; fez constatar que a orientação do trabalho não se evidencia tal como deve ser, visto que, a fraca formação pedagógica dos professores determina a forma como os mesmos actuam em sala de aula.

Vamos falar da supervisão feita por estes professores, no que tange a prática docente, inquieta-nos a discrepância entre os saberes docentes e científicos, que vai resultar na desarticulação entre a teoria e a prática, conteúdos e métodos.

O professor ao ministrar as suas aulas, quando é observado por um outro profissional, o seu estado emocional altera-se e muitas vezes não consegue trabalhar, pensa que o supervisor ou orientador procura simplesmente detectar as suas dificuldades e punir as pessoas envolvidas. (Alarcão, 1996).

Este papel do supervisor ou orientador é desconhecido por muitos dos professores, ou mesmo pela maioria e muitas vezes rejeitado e mal

interpretado pelos seus colaboradores, ou aqueles cuja função é trabalhar em colaboração (Alarcão, 1987).

Por isso, muitos professores tentam esconder as suas dificuldades no exercício da profissão, o desempenho pedagógico não é satisfatório, porque a maneira como olham para os supervisores, é a menos harmonizada, temendo represálias encaram as suas orientações com muito medo, muitas vezes acabam por abandonar a sua formação e até mesmo a sala de aula sem grande responsabilidade. Shón (1969, citado por Alarcão, 1996) alerta que o estágio não pode ser considerado um aspecto menos importante nos currículos, uma actividade de segunda, mas deve ser-lhe reconhecida legitimidade e estatuto devendo os formadores ser escolhidos entre os melhores elementos do corpo docente e adverte que o possível fracasso de um estágio que se afaste muito das condições reais ou que os alunos estejam demasiados sobrecarregados.

Supervisor é aquele que se preocupa em ajudar alguém a crescer como professor, alguém que proporciona aos seus alunos ambientes formativos, estimuladores de um saber didáctico, alguém que influencia o processo de socialização, contribuindo para o alargamento da visão de ensino, estimulando o auto conhecimento e a reflexão sobre as práticas, transmitindo conhecimentos úteis para a prática profissional. (Alarcão e Roldão, 2008:54).

Segundo Silva (2011) o estágio supervisionado é o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício, supondo a relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário.

Ribeiro, (2014) diz aprender em contexto de prática implica aprender a observar, reflectir, planificar e agir, dispondo os vários conhecimentos trabalhados em todas as disciplinas do curso.

Entretanto, o docente universitário necessita de uma serie de requisitos para administrar o seu trabalho com segurança, assim precisa de conhecer

que, metodologia usar na sala de aula, estratégias, conteúdo, formas de actuação e reflexão do trabalho.

Ribeiro, 2014 ressalta o papel do docente de Prática Pedagógica da instituição de formação relevante para mediação entre a escola de formação, escola de prática e para articulação entre a teoria e a prática.

Menezes (2010) salienta que há poucos estudos de investigação sobre o ensino superior em Angola e se existe não tem merecido a divulgação necessária.

O primeiro capítulo refere-se a problemática, as questões científicas, os objectivos e a importância do estudo e trata da fundamentação teórica que serviu de suporte para o nosso trabalho onde retratamos temas como o perfil do professor universitário que dará habilidades, hábitos, competências requeridas para o exercício da profissão docente; a formação inicial dos professores retratando importância da formação pedagógica dos professores. O desenvolvimento profissional do professor refere-se ao progresso profissional dando aos professores respostas aos requisitos de ingresso ao mercado de trabalho; competências desejáveis ao perfil docente para o exercício da profissão como criatividade, espírito crítico, iniciativa e investigação; os modelos de supervisão dos estágios que realçam o processo de supervisão das práticas, dificuldades e o estágio como ferramenta na formação e aprendizagem da profissão, mudanças desejadas pelos docentes para melhoria da prática pedagógica.

O segundo capítulo, o da Metodologia aborda questões referentes ao paradigma qualitativo, ao modelo de pesquisa, as técnicas para a recolha dos dados como entrevista semi-estruturada onde participaram 7 estudantes, 2 professores e o chefe de departamento de prática pedagógica e observação das aulas e respectiva análise; para o tratamento do conteúdo fizemos a categorização dos dados onde recortamos as entrevistas e arrumamos em categorias e subcategorias e finalmente as questões de ordem ética dando garantias do anonimato aos participantes do estudo.

O terceiro capítulo diz respeito a análise e interpretação dos dados, onde apresentaremos os resultados recolhidos, o seu tratamento, a categorização, análise e interpretação de toda informação.

No quarto capítulo fizemos a discussão dos resultados encontrados no terreno confrontando com o quadro teórico que serviu de suporte.

Finalmente, surgem as conclusões, as sugestões, as recomendações, as referências bibliográficas, e os anexos aonde constam os instrumentos elaborados, utilizados durante a nossa pesquisa.

2. Objectivos de estudo

2.1. Objectivo geral:

Estudar o processo de supervisão e identificar um perfil de competências do professor de prática docente, que se revele facilitador do processo de desenvolvimento e aprendizagem da profissão.

2.2. Objectivos específicos:

Caracterizar o processo de supervisão pedagógica do ponto de vista dos professores da prática Docente/ Supervisor Institucional/ chefe de departamento;

Caracterizar o processo de supervisão pedagógica do ponto de vista dos estudantes;

Identificar o perfil de competências considerado pelos professores de prática docente indispensável ao desempenho da função de supervisão;

Caracterizar o perfil de competências dos professores supervisores considerado pelos Estudantes facilitador do processo de supervisão e de aprendizagem da profissão;

Caracterizar o perfil de competências considerado pela Instituição de Formação para a selecção dos professores supervisores;

Comparar/analisar os perfis de competências identificados (pelos, professores da PD/Supervisor Institucional, estudantes), com os perfis referenciados no quadro teórico.

A formação docente envolve a prática de ensino que considera a observação, imitação, reprodução de vários modelos teóricos existentes, análise, investigação e reflexão da acção, pois, este docente terá a capacidade de planificar e preparar as actividades de forma a evitar o imprevisto levantando várias questões pertinentes.

3. Questões de estudo:

Quais as concepções dos professores de prática docente/supervisor, da instituição de formação acerca do processo de supervisão pedagógica, nos cursos de Formação?

Que competências são identificadas pela Instituição de Formação (Supervisora Institucional), para a selecção dos Supervisores da prática docente na escola de formação?

Quais as concepções dos Estudantes acerca do processo de supervisão pedagógica, nos cursos de formação de professores?

Que competências são identificadas pelos professores supervisores, como indispensáveis para o desempenho da função de supervisão pedagógica?

Que competências são identificadas pelos Estudantes do curso de formação, como facilitadoras do processo de supervisão pedagógica e de aprendizagem da profissão?

Quais as concepções dos professores / chefe de departamento da instituição de formação acerca do processo de supervisão pedagógica, nos cursos de Formação?

Que competências são identificadas pelo chefe de departamento como indispensáveis para o desempenho da função de supervisão pedagógica?

CAPÍTULO I. QUADRO TEÓRICO/ REVISÃO DA LITERATURA

1.1. Perfil do professor universitário

Segundo Zabalza, (2007) definir e concretizar um perfil profissional não é uma tarefa fácil. Definir perfil possui importância especial porque actua como ponto de referência e guia para todo processo. Os conteúdos seleccionados, as práticas incorporadas e a sequência integram o perfil profissional de um determinado plano de estudo.

1.2. As componentes do perfil profissional do professor do Ensino superior

- 1º.** As saídas profissionais;
- 2º.** Âmbito das formações prioritárias;
- 3º.** A formação pessoal e sociocultural básica considerada recomendável.

Bricall, (2000 citado por Zabalza, 2007) no lugar de perfil profissional, adapta-se ao perfil de estudos com quatro tipos de estudos segundo o nível de preparação que oferecem e orientação prática e científica dos mesmos permitindo a transição de um para o outro.

- Cursos curtos de preparação disciplinar;
- Cursos curtos de orientação fundamentalmente profissionalizante;
- Curso longo que implicam elevada especialização disciplinar;
- Curso longo profissional e especialista.

Define **Perfil profissional**, Rico (2010), como uma representação de características essenciais, que descrevem as acções/actividades e as circunstâncias em que o profissional as executa num determinado contexto, onde profissional e socialmente se assumem com deveres, direitos e valores de cidadania.

A profissionalidade docente é o conjunto maior ou menor de saberes, capacidades e valores, que dispõe o docente e o conjunto do grupo profissional

dos professores no domínio das suas actividades, num dado momento histórico (Sacramento, 1996 citado por Formosinho, 2009).

Segundo (Perrenoud 2002) competência é aptidão para enfrentar uma família de situações análogas, mobilizadas de forma correcta, rápida, pertinente e criativa de múltiplos recursos cognitivos como saberes, capacidades, atitudes, valores, informações, micro competências, esquemas de percepção, de raciocínio e de avaliação. Estrela (2005, citado por Estrela 2010) faz referência aos saberes científicos, técnicos e experienciais.

Tudo o que tem sido mencionado reflecte-se nas competências, Formosinho (2009) reitera o perfil de competências para a docência como um conjunto de requisitos fundamentais ocupando todos os campos do saber a dimensão profissional, social ética; a dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; a dimensão da participação na escola e da relação com a comunidade; a dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida, que permite, que o docente seja um participe activo no processo de socialização do futuro professor.

É bom realçar que Ribeiro (2014) destaca alguns requisitos para o desempenho cabal do trabalho deste profissional como:

- a) Conhecimento base – os supervisores precisam entender a condição, como os professores e as escolas podem ser, em confronto com o que os professores e as escolas são normalmente.
- b) Competências interpessoais - os supervisores devem saber como os seus comportamentos interactivos afectam, quer os comportamentos individuais, quer do grupo, de modo a promoverem estratégias de interacção positiva.
- c) Competências técnicas – os supervisores devem possuir saberes de observação, de planificação, de organização, e de avaliação da melhoria da formação.

Como diz Ribeiro, (2014) existem algumas tarefas para melhorar o desenvolvimento profissional dos futuros professores, que o supervisor deve cumprir.

- Assistência directa – a observação do desempenho dos estagiários no contexto de prática.
- Desenvolvimentos de grupo como segurança, de os professores tomarem decisões mutuamente reflectidas, numa perspectiva colegial.
- Desenvolvimento profissional - que abrange estudo de oportunidades para apoiar o corpo docente através da participação da escola e sistema escolar.
- Desenvolvimento do currículo abrange revisão e modificações dos conteúdos, planos, materiais de apoio às actividades pedagógicas.
- Investigação acção-aborda estudo sistemático, corpo docente, tentando averiguar qual é o sucesso na classe e na escola, com objectivo de melhorar a aprendizagem.

Zabalza, (2007) cita algumas competências indispensáveis para o desempenho do docente universitário e facilitadoras do trabalho como a planificação das actividades, seleccionar e preparar os conteúdos disciplinares, oferecer informações e explicações compreensíveis e bem organizadas, domínio das novas tecnologias, planear a metodologia e organizar as actividades, comunicar-se e relacionar-se com os alunos, dar tutoria aos estudantes, avaliar, trabalhar em equipas e identificar-se com a instituição.

Perrenoud (2002) identifica várias competências tais como: organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação, envolver os alunos em situações de aprendizagem, trabalhar em equipas, participar da gestão da escola, utilizar novas tecnologias, enfrentar os deveres e controvérsias éticas da profissão, administrar a sua própria formação continua. Deste modo, no que refere ao sucesso do professor universitário, necessita de actividades planificadas, acompanhadas e que se identifiquem as deficiências e se faça um plano de acção para eliminá-las a curto médio e longo prazo ganhando novas dinâmicas na resolução de problemas que tornam

o professor e o aluno participantes activos no processo convertendo o ensino de êxitos.

É bom realçar, que muitos professores ao exercerem a supervisão e orientação das práticas não assumem o seu papel com grande preparação e os resultados muitas vezes não são animadores. O docente além de saber o que fazer e como fazê-lo, sabe porque o faz e para que o faz (Imbernón 1994 citado por Moreira 2010).

Porter e Brophy (1988,citados por Garcia, 1999) incluem um novo perfil para o professor.

- Clareza nos objectivos institucionais;
- Conhecimento do conteúdo e das estratégias para ensinar;
- Comunicar aos alunos o que se espera deles e porquê;
- Utilizar de forma adequada os materiais institucionais existentes, para dedicar mais tempo a práticas que enriqueçam e clarifiquem o conteúdo;
- Conhecimento dos estudantes, adaptação do ensino as suas necessidades e antecipar os erros conceptuais no conhecimento dos alunos;
- Ensinar nos alunos estratégias metacognitivas e dar-lhes oportunidade para dominarem;
- Colocar objectivos de nível cognitivo elevado e baixo;
- Certificar-se da compreensão dos alunos, oferecendo feedback apropriado;
- Integrar o ensino com outras matérias;
- Aceitar a responsabilidade dos resultados dos alunos;
- Ser reflexivo em relação à sua própria prática.

1.3. Competências básicas do professor do ensino superior

Segundo Masetto, (2003) a docência em nível superior do professor exige antes de mais nada, que ela seja:

- **Competente em determinada área do conhecimento.**

Exige-se de quem pretende leccionar que seus conhecimentos e práticas profissionais sejam actualizados permanentemente, por meio de participações

em cursos de aperfeiçoamento, especializações, em congressos, simpósios, e intercâmbios com especialistas.

O docente deve dominar uma área do conhecimento específica mediante a pesquisa, pois, a actividade que o professor executa intervém de estudos, reflexões críticas sobre questões teóricas ou experiências pessoais, reestruturando seus conhecimentos, reconstruindo-os dando-lhe novos significados, produzindo textos. A docência no ensino superior exige um professor com domínio na área pedagógica (idem).

- **Exige domínio da competência pedagógica**

A docência no ensino superior obriga que os profissionais do processo de ensino aprendizagem apropriem quatro grandes alicerces que auxiliam o seu trabalho: conceito de aprendizagem, professor como concesso e gestor do currículo, compreensão da relação professor-aluno e aluno-aluno no processo, e a teoria e prática da tecnologia educacional Masetto (2003).

Segundo Masetto (2003) o objectivo máximo da docência é a aprendizagem dos alunos. É importante o professor ter clareza sobre o que significa aprender, quais são os seus princípios básicos, o que se deve aprender actualmente, como aprender de modo significativo de forma que a aprendizagem se faça com maior eficácia e maior fixação, quais as teorias que hoje discutem a aprendizagem e com que pressupostos, como se aprende no ensino superior, quais os princípios básicos de uma aprendizagem de pessoas adultas e que estejam valendo para alunos do ensino superior, como integrar no processo de aprendizagem o desenvolvimento cognitivo, afectivo-emocional, de habilidades e a formação de atitudes? Como aprender a aprender permanentemente? São perguntas que Masetto insiste e que os professores universitários devem repensar na sua actuação.

- a) O professor como concesso e gestor do currículo

Masetto diz que na nossa realidade é frequente os professores leccionarem duas ou três disciplinas, num determinado curso de forma independente e isolada.

- b) A compreensão da relação professor-aluno e aluno-aluno no processo.

c) A teoria e prática básica da tecnologia educacional.

- **Competência no exercício da dimensão política**

A mesma é imprescindível no exercício da docência. O professor é um cidadão, um político, alguém com o compromisso no seu tempo, sua civilização e sua comunidade; além de profissional da docência.

Como cidadão, o professor estará aberto ao que se passa na sociedade, fora da universidade ou faculdade, suas transformações, evoluções, mudanças; atento as novas formas de participação, novas conquistas, novas descobertas, referindo-se a novos espaços para discussão e debate com os alunos sobre aspectos que afectam a formação e o exercício profissional. (idem)

Masetto (2003) diz que a reflexão crítica e sua adaptação ao novo de forma criteriosa são indispensáveis para o professor compreender como se pratica e como se vive a cidadania nos tempos actuais, buscando formas de inserir esses aspectos em suas aulas, tratando de diversos temas, seleccionando textos de leitura, escolhendo estratégias permitindo ao aluno adquirir informações, reconstruir seu conhecimento, manifestar suas opiniões, tudo isso conciliando o técnico com ético na vida profissional.

O mesmo autor ressalta ainda a necessidade de estarmos atentos para o que se passa hoje no campo das profissões, suas mudanças, para a velocidade das transformações, novos perfis profissionais que estão projectando para as novas exigências de uma era com novos recursos tecnológicos e propostas de globalização com os grandes problemas do desemprego das massas não qualificadas.

O professor terá de abrir os olhos, e ver claramente o que está se passando na sociedade contemporânea, analisar seus objectivos educacionais e encaminhar proposta que façam sentido para os tempos actuais e argumentando com os alunos os aspectos políticos da sua profissão e do exercício na sociedade, posicionando-se como cidadãos e profissionais. (idem).

Shulman (1986,1993, citado por Ribeiro, 2014) sustentam que existem conhecimentos que o professor deve desenvolver para melhorar o desempenho do seu ofício:

- Conhecimento do currículo - neste caso deve incluir conhecimento do currículo e de todos os recursos que o professor necessita para a acção docente como a planificação das acções, recursos materiais e humanos, espaços, tempo, facilitadores do desempenho adequado à concretização do currículo.
- Conhecimento da matéria - contém o conteúdo, os seus principais conceitos e a relação entre eles. Neste tipo de conhecimento presume diferentes formas de compreensão e organização dos conteúdos, assim como a forma de integrar conteúdos novos.
- Conhecimento pedagógico geral – inclui o conhecimento das teorias da aprendizagem, dos diferentes fundamentos da educação, conhecimento dos princípios e técnicas de organização da classe.
- Conhecimento pedagógico de conteúdo – envolve a compreensão do modo como se ensina um determinado conteúdo num determinado contexto, o que implica conhecer as estratégias e procedimentos mais adequados, tendo em vista ajudar os alunos no seu processo de aprendizagem.
- Conhecimento das finalidades educativas – inclui o conhecimento dos propósitos e valores, fundamentos filosóficos e históricos, originando uma consciencialização da concepção de formação do próprio professor e conhecimentos no âmbito das ciências que fundamentam a acção educativa quanto a psicologia, filosofia, teoria e desenvolvimento do currículo, ciências sociais de modo a facilitar a definição das metas educativas, orientadoras da acção.
- Conhecimento do contexto – inclui conhecer as estruturas escolares, suas características a nível físico e humano, a sua cultura e interesses da comunidade em que a escola se encontra integrada.
- Conhecimento dos alunos – inclui conhecer como os alunos aprendem e se desenvolvem. Este tipo de conhecimento leva à utilização da observação, como estratégia facilitadora da recolha de

informação acerca das atitudes e percepções dos alunos e o seu modo de desenvolvê-las.

1.4. Características ou qualidades do professor

O docente universitário deve possuir um conjunto de características que favoreçam a sua actuação em sala de aula e não só. Para isso, necessita de preparação dos materiais de apoio didáctico e visual atractivo, clareza nas explicações dadas, a pontualidade é imprescindível, o entusiasmo e dinamismo na execução do trabalho, o encorajamento a participação de todos com disponibilidade de ajudar os outros, sempre com espírito de diálogo em todo trabalho, consoante a promoção da autonomia e da aprendizagem activa bem como a credibilidade e fiabilidade nas avaliações.

Para dar uma visão abrangente das características que o docente deve ter Colaboração virtual UF (2011 e CEI 2012 citados por Cardoso 2013) evidenciam a sensatez, inteligência social, criação de novas ideias, transculturalidade, pensamento computacional, a transdisciplinaridade, a nova literacia, a persistência nos objectivos, a gestão nos conhecimentos.

Fernandez Dominguez, Palomero Pescador e Teruel Molero (2009, citados por Estrela, 2010) detalham competências específicas que o docente deve possuir como autoconhecimento, auto-regulação emocional, auto estima, empatia e capacidade de escuta, resistência a contrariedades, motivação, comunicação assertiva e habilidades sociais, capacidade para cooperar e trabalhar em equipas e colaborar com o meio envolvente, capacidade para enfrentar e resolver situações problemas e conflitos interpessoais, capacidade para enfrentar a mudança e incerteza, capacidade de tomar decisões, ter valores e atitude positiva perante a vida. Gil (2011) ressalta que o docente deve possuir algumas características como iniciativa, autoconfiança, disciplina, paciência, cooperação, observação, raciocínio lógico, imaginação e ser crítico.

Medina e Domínguez (1989 citados por Garcia1999) defendem a imagem do professor como sujeito reflexivo e inovador. (Heck e Williams 1994, citados por Garcia1999) usam uma imagem diferente para caracterizar o professor citando outras características como pessoa, colega, companheiro,

facilitador da aprendizagem, investigador, sujeito que desenvolve o currículo, sujeito que toma decisões e líder.

A docência no ensino superior não pode ser exercida unicamente por especialistas em determinada área do conhecimento, que buscam nas aulas uma maneira de complementar o seu salário, nem por pessoas que julgam ostentar o título de professor universitário depois de um dia árduo de trabalho (Gil, 2011).

Actualmente, os professores universitários procuram entender o seu papel de docente do ensino superior, pois, o exercício de qualquer profissão exige capacitação própria e específica, que não se limitam a ter um diploma de bacharel, ou mesmo de mestre ou doutor ou ainda o exercício da profissão. Pois, exige-se tudo isso além da competência pedagógica porque o mesmo é um educador Masetto, (2003).

Na organização curricular do plano de estudos para formar professores, a Prática Pedagógica deve ser percebida como parte integrante dessa formação, esse espaço indispensável para a observação, planificação, acção e reflexão sobre situações reais que venham a facilitar a consciencialização gradual dos diferentes papéis que o professor é chamado a desempenhar (Ribeiro 2014). A relação desses papéis com as suas concepções e representações da acção pedagógica da escola e da comunidade também o desenvolvimento das competências requeridas para o desempenho educativo eficiente e gratificante.

Ribeiro (2014) aponta que a formação na componente prática deve ocorrer intercalada com a formação nas componentes de formação cultural, social e ética, formação educacional, didáctica geral e específica, tendo como objectivo a integração progressiva e informada dos futuros professores nos contextos de desenvolvimento profissional e a construção de saberes práticos pela articulação dos referenciais teóricos com os referenciais da prática.

O propósito desta organização propõe o desenvolvimento de estratégias formativas que relacionam as teorias com as práticas, fomentando o compromisso de investigar os pontos de vista dos futuros professores para

reverem as suas concepções iniciais da prática profissional e, gradualmente, formarem uma consciência moral e social do seu papel na comunidade, de modo a facilitar o entendimento que a teoria da educação não é uma ciência aplicada, mas uma ciência moral (Carr 1990:81 citado por Ribeiro 2014).

Assim, os docentes devem planificar fazendo um estudo da tarefa a executar e as condições em que a mesma será cumprida, organizar a documentação legal com as leis, normas, pareceres, resoluções, actas, horários, com as orientações recebidas; os problemas levantados e suas soluções apresentadas; registo das actividades realizadas e actividades a serem realizadas, onde e quando serão feitas; coordenar e controlar o acompanhamento do pessoal sob sua tutela com actividades orientadas e reajustadas antes, durante e após a realização da tarefa e sempre que encontrarem obstáculos, fará análise da situação e encontrará mecanismos de aprimorar o pessoal tendo em conta as necessidades.

A prática reflexiva possibilita a reorganização dos conhecimentos dos professores permitindo aquisição de competências técnicas e desenvolvimento de sabedoria que beneficia a capacidade de adaptar a sua acção a pormenor dos diferentes contextos. (Pérez Gomez 1993 citado por Moreira 2010).

Ribeiro (2014) exprime que a formação dos professores deve privilegiar o desenvolvimento do conjunto de conhecimentos trabalhados nas várias disciplinas que constituem o plano de estudo aconselhado por Shulman. O mesmo ressalta que é na Prática Pedagógica, enquanto âncora da formação dos profissionais para a acção docente, que os formandos vão sucessivamente mobilizando os vários conhecimentos nas experiências que desenvolvem em contexto educativo, e de acordo com os objectivos que orientam cada período de prática. Também o modo de construir os saberes, de agir e reagir às situações de ensino assume diferentes características e oportunidades, correspondente a perspectiva paradigmática adoptada na formação Ribeiro (2014).

2. Requisitos básicos do professor universitário

São o porto seguro para sua actuação segundo Gil (2011) salienta que estes podem ser:

- **Requisitos legais:**

A preparação para exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrados e doutoramentos.

Assim, as normas para desempenhar o magistério superior continuam a ser definidas pela determinação do conselho de educação.

Além da **qualificação básica, o docente deve ter:**

- Título de doutor ou mestre num curso credenciado.
- Aproveitamento em disciplinas de concentração do curso.
- Aproveitamento baseado em provas e em cursos de especialização ou aperfeiçoamento.
- Exercício permanente de actividade técnico profissional.
- Trabalhos publicados de real valor.

- **Requisitos pessoais:**

Característica para desempenhar uma determinada função.

- Aptidões físicas e fisiológicas, aptidões psicotemperamentais, intelectuais, experiência, iniciativa, criatividade.

- **Requisitos técnicos:**

- Preparo especializado na matéria.

Para o professor aplicar com maior profundidade uma determinada disciplina necessita conhece-la com profundidade, bem maior do que a exigida no programa. É importante que ele possa vislumbrar-se com os aspectos fundamentais e elucidar acerca da sua aplicação prática (Gil 2011).

Segundo Gil, (2011) no caso de disciplina de cunho prático, convém que o professor detenha a experiência na área em que está a actuar.

- Cultura geral, conhecimentos e habilidades pedagógicas. No decurso do desempenho da profissão docente exige saberes científicos, pedagógicos e profissionais que darão força a sua actividade (Gil 2011).

2.1. Modelos de Formação Inicial de Professores no Ensino Superior

Em Angola, alguns docentes estão agrupados no sistema educativo e trabalham em zonas distantes e sem formação pedagógica, como consequência do longo período de guerra que o país viveu, tendo apenas formação académica em detrimento da formação pedagógica, acarretando danos graves ao processo de ensino/ aprendizagem.

Segundo a lei 13/01 **o subsistema de formação de professores** baseia-se na formação de docentes para a educação pré-escolar e para o ensino geral, como educação regular a educação de adultos e a educação especial. O subsistema de educação de formação de professores estrutura-se em:

Formação média normal que são realizadas nas escolas normais.

Ensino superior pedagógico realizado nos institutos e escolas superiores de ciências da educação.

A formação média normal é deliberada à formação de professores de nível médio, que possuam à entrada a 9ª classe do ensino geral ou equivalente e capacitação dos mesmos para o exercício das actividades na educação pré-escolar e na ministração de aulas no ensino primário, nomeadamente: a educação regular, ensino de adultos e especial. O ensino superior pedagógico centra-se na formação de professores de nível superior, habilitados para o exercício das suas funções no ensino secundário e eventualmente na educação pré-escolar e especial

Neste nível, o ensino destina-se a agregação pedagógica, para professores dos vários subsistemas e níveis de ensino que sucedem de instituições não vocacionadas para a docência.

A docência no Ensino Superior existe, e é feita segundo regime de contratação de docentes com ou sem agregação pedagógica, consoante o decreto-lei nº3/95, o chamado estatuto da carreira docente, que realiza concurso público para provimento de vagas para monitores, estudantes do 3º ano e seguintes e tenham média mínima de 14 valores nas disciplinas feitas até altura da realização do respectivo concurso como; assistente estagiário desde que possua licenciatura e média geral do curso igual ou superior a 14 valores, assistente deve estar na categoria de assistente estagiário durante um ano, professor auxiliar com o grau de mestre ou Doutor, professor associado grau de Mestre ou Doutor e professor titular grau de doutor.

O subsistema do ensino superior organiza-se em Graduação e Pós-graduação e rege-se por um regulamento próprio. O subsistema de ensino superior tem como objectivo a formação de quadros de nível alto ou elevado, de vários ramos de actividades económica e social de forma científica, técnica, humana e cultural. (decreto-lei nº13/01)

As mudanças pelas quais a universidade tem passado, no que tange a fraca qualidade, dependem da formação de profissionais competentes de educação do Ensino Superior e ganham papel relevante, visto que, o talento é necessário, devendo apostar na melhoria das condições de trabalho, na investigação, nos recursos materiais e equipamentos, tirando proveito da elevada experiência profissional dos docentes.

No sistema educativo angolano, não são conhecidos pré-requisitos obrigatórios e exigentes para ser formador de professores no ensino superior. Questões como a fraca formação pedagógica, a escassez de docentes nacionais qualificados com experiência, a solidão no exercício da docência, a falta de investigação e a produção de obras científicas, parecem estar centradas em questões individuais, próprias, referentes ao contexto angolano. Buza, (2012) ressalta que muitos docentes universitários em Angola não possuem o perfil adequado, pois, grande parte não possui uma apropriada preparação pedagógica.

Oferecer cursos e disciplinas optativas aos docentes baseadas num programa de educação, mas aberta a mestrados e doutoramentos de vários

programas, o que constituiria um grupo heterogéneo e muito rico em experiências para estudos e análise das práticas pedagógicas, inclusive em áreas diferentes como organizar seminários, workshops, ou encontros sobre novas experiências pedagógicas realizadas no ensino superior, incentivando a pesquisa sobre o ensino superior nas distintas áreas Masetto, (2003).

2.2. Papel do formador de prática pedagógica

Hoje, os professores universitários começaram a mentalizar-se do seu papel que para além de dar aulas, é o de realizar pesquisas, produzir conhecimentos, divulgar e discutir com os seus pares e orientar os alunos na aprendizagem científica de investigação, estudo e elaboração de trabalhos Masetto, (2003). No entanto, as próprias instituições de ensino superior interessadas em projectos para valorizar os seus docentes e as preocupações da política educativa do nosso país, compete qualificar e capacitar os docentes dando respostas as opções individuais, as diligências institucionais e com a coerência nas transformações do sistema educativo, dominando competências científicas, e pedagógicas. (idem)

Alarcão (1996) realça que o papel do formador não consiste tanto em ensinar como em facilitar a aprendizagem, ajudar a aprender. A mesma autora salienta que o aspecto da prática como fonte de conhecimento através da experimentação e reflexão serve como momento privilegiado de integração de competências, como oportunidade para representar mentalmente a qualidade do produto final e apreciar a própria capacidade de agir, com tempo de esclarecer o sentido da mensagem entre formador e o formando, de diálogo com a própria acção e aceitar os desafios que a mesma provoca. Diz ainda que o papel de facilitador que o supervisor desempenha não pode envolvê-lo no ensino tradicional e expositivo, porém o mesmo deve assumir quando houver necessidade a função de comunicar informação, descrever teorias, discutir aplicações e exemplificar e sempre que necessário deverá retomar as actividades próprias como demonstrar, questionar, aconselhar e exercer o espírito crítico.

No processo de formação o supervisor deverá desempenhar as seguintes funções:

- a) Abordar os problemas que a tarefa coloca;
- b) Escolher no seu desempenho as estratégias formativas que melhor correspondem melhor a personalidade;
- c) Conhecimentos do formandos com quem trabalha e estabelecer com eles uma relação recíproca.

Segundo Goldhammer, (1969 citado por Alarcão 1996) supervisor de prática devesse assumir o processo de supervisão:

1º Encontro pré observação onde fará a planificação, antecipação dos problemas vividos, e determinar quais os aspectos a observar.

2º Observação das aulas

3º A análise da aula e organização de estratégias de apresentação dos resultados da análise

4º O encontro de pós observação onde haverá discussão das contradições entre as intenções e realizações.

5º Avaliação da eficácia do processo de supervisão.

Convém considerar, que a formação bem sucedida exige intervenção e acções que se encontrem enraizadas num determinado contexto escolar, e respondam as necessidades particulares sentidas dos docentes dando maior protagonismo ao seu desempenho enquanto aprendente ajudando a ultrapassar as dificuldades que o levaram a procurar tal formação Moreira (2010).

Retomando a questão de partida a formação inicial e contínua da Prática Pedagógica deve estar próxima da realidade escolar, do contexto, promovendo o desenvolvimento contínuo da capacidade de integrar e mobilizar sistematicamente os conhecimentos na acção educativa Ribeiro (2014).

2.3. Atitudes básicas dos professores universitários

Masetto (2003) diz, que o professor tenha conhecimento de várias técnicas ou estratégias, assim como domínio do uso destas para poder utilizá-la em aulas.

- O professor deve desenvolver capacidade de adaptação das diversas técnicas, modificando-as no que for necessário para utilizá-las com benefício por parte dos alunos de forma individual como em grupo.
- Com o conhecimento e domínio prático das técnicas e a capacidade de adaptar, o docente deve criar novas técnicas que melhor respondam as necessidades dos alunos.

2.3.1. Orientações básicas da formação de professores

Segundo Perrenoud, (2002) deve haver transposições didáticas básicas na análise das práticas e em transformações, referencial de competências que identifique os saberes e as capacidades necessárias, plano de formação organizado em torno das competências, aprendizagem por problemas baseados num procedimento clínico, articulação entre a teoria e a prática, organização modular e diferenciada, avaliação formativa baseada na análise do trabalho, tempos e dispositivos de integração e mobilização das aquisições, divisão dos saberes favorável a sua mobilização no trabalho.

A formação inicial de professores é vista como a etapa formativa anterior ao desempenho da função docente e prevê o desenvolvimento de capacidades, conhecimentos, hábitos, valores e competências, com a intenção de preparar os futuros profissionais para as funções educativas Ribeiro, (2014).

A formação inicial profissional visa proporcionar aos candidatos a docência, uma formação pessoal e social integradora de informação de métodos, das técnicas e atitudes e valores científicos, pedagógicos e sociais adequados ao exercício da função de professor (Formosinho 2009).

A área de formação e especialização em supervisão e formação pedagógica de formadores propõe-se a qualificar para o exercício da função de orientação e supervisão da formação inicial e continua dos professores e educadores (Formosinho 2009).

Ferri (1983 citado por Garcia, 1999) refere que a formação dos professores diferencia-se em três dimensões:

- a) Formação dupla combinando a formação académica (científica, literária e artística) com a formação pedagógica;
- b) Formação dos professores é um tipo de formação profissional, ou seja forma profissionais nem sempre assumindo características de docência;
- c) Formação de professores é uma formação de formadores influenciando o isomorfismo que deve existir entre formação de professores e a sua prática profissional.

A formação dos professores desempenha um dos elementos fundamentais dos quais a Didáctica intervém e contribui para a melhoria da qualidade de ensino representando a renovação do sistema educativo Garcia (1999).

A formação dos professores é a preparação e autonomia profissional do professor para realizar crítica, reflexiva, e de forma eficaz, um estilo de ensino que promova uma aprendizagem significativa nos alunos e consiga um pensamento-acção inovador, trabalhando em equipas com os colegas para desenvolver um projecto educativo comum (Medina e Domínguez 1989 citados por Garcia1999).

(Floden e Buchmann citados por Garcia1999) relatam que para dar sentido a formação dos professores, não se pode resultar do seu corpo conceptual do conceito de ensino por si próprio. O mesmo ressalta que ensinar é algo que qualquer um faz em qualquer momento, e não é o mesmo que ser um professor.

Ser professor envolve lidar com outras pessoas, “professores” que trabalham em organizações “escolas”, com outras pessoas, “alunos” para conseguir que estas pessoas aprendam algo, “se eduquem” (Floden e Buchmann citados por Garcia1999). Áreas fundamentais da dimensão conceptual diferenciada de formação de professores são os professores como

profissionais, as escolas onde ensinam, os alunos a quem ensinam e o conteúdo de ensino.

A formação de professor oferecida de forma gradual como uma eficaz matriz disciplinar, onde a própria projecção esclarece a consolidação científica, como esforço da validade epistemológica permanente pelo rigor dos seus paradigmas, pela utilização e produção de modelos e métodos de investigação próprios. (Medina e Domínguez 1989 citados por Garcia 1999).

A estrutura de uma disciplina tem a ver essencialmente com a realização e desenvolvimento de duas estruturas a conceptual e a sintáctica (Garcia1999).

- A estrutura conceptual exprime os princípios teóricos que orientam e dirigem a indagação nesta disciplina.
- A estrutura sintáctica exprime os métodos heurísticos utilizados para alcançar a verdade procurada.

A formação de professores assente como disciplina, possui estrutura conceptual interdependente da teoria do ensino, do currículo, da escola, apresenta características específicas que a distinguem de outras disciplinas do arco didáctico. (Garcia1999). A formação dos professores possui uma dimensão privilegiada da Didáctica exigindo a junção das posições teóricas em propostas de intervenção prática. A formação dos professores possui um objecto de estudo particular que são os processos de formação, preparação, profissionalização e socialização dos professores. Este objecto de estudo específico da formação de professores caracteriza-se de forma diferenciada face as outras áreas conceptuais dentro da Didáctica. (Garcia1999)

3. O Desenvolvimento Profissional dos Professores Universitários

A sociedade está cada vez mais exigente e impõe aos professores que saibam ensinar de uma forma eficaz, com recursos e métodos actuais, que sejam psicólogos, sociólogos, assistentes sociais, pais, mães e amigos de uma massa humana, com processos de socialização díspares como tal, repleta de múltiplas diferenças e de crenças de vária ordem (Rocha 2010).

Desenvolvimento profissional contínuo será toda a aprendizagem no decurso da carreira profissional, como aceitável de forma a esperar que os professores tenham oportunidades de interagir numa variedade de actividades formais e informais indutoras de processos de revisão, renovação e aperfeiçoamento do seu pensamento (Day, 1994).

De acordo com o Ministério da Educação e Ciência de Portugal (MEC, 1992, citado por Garcia1999) O desenvolvimento profissional do professor é qualquer tentativa sistemática de melhorar a prática, crenças e conhecimentos profissionais do docente universitário, com a finalidade de aumentar a qualidade docente, investigadora e de gestão. Menges e outros (1998 citados por Garcia 1999) caracterizam a teoria e prática que facilita o aperfeiçoamento na acção do professor numa variedade de domínios, incluindo o intelectual, o institucional, o pessoal, o social e o pedagógico.

Entende-se por desenvolvimento profissional dos professores como um processo colectivo e singular, que deve ter lugar na escola e que desenvolve ou pretende desenvolver as competências profissionais, formais ou informais, através de experiências diversificadas e significativas (Marcelo, 2009).

Estrela (2010) diz que a profissão docente exerce-se por delegação social e assenta num conjunto articulado de saberes, saberes-fazer e atitudes designadas de profissionalidade e um ideal de serviço que lhe confere significado e que remete para conceito de profissionalismo.

De acordo a Estrela (2010) no âmbito da profissionalidade exige-se dos docentes o domínio das tecnologias rompendo a cultura de isolamento abrindo-se a uma colegialidade desejável e desejada e não imposta, e se abra a um espírito de educação transfronteiriço e a um equilíbrio entre a ética do dever e o cuidado.

A mesma autora expressa que este profissionalismo prevê o desenvolvimento acentuado de valores como a tolerância, o respeito pela diversidade, o rigor, a solidariedade e a cooperação fazendo parte do discurso pedagógico e da prática de algumas instituições e se identificam como valores de cidadania e que transcendem a sala de aula para abrangerem toda a escola e as relações com o seu meio. Prevê ainda uma ética relacional e um novo sentido a autonomia e responsabilidade individual e do colectivo dos professores, que dê respostas à necessidade da escola funcionar como um todo, baseado no trabalho colaborativo dos professores e na aprendizagem igualmente colaborativa dos alunos, e que contribua para uma consciência crítica social que leve a colaborar na procura de soluções para os males que afligem a sociedade e a escola (idem).

Igualmente em Angola, as condições de trabalho não deixam os professores expandirem os seus afazeres de uma forma eficaz verificando que

a falta de recursos e de material didático condiciona a renovação metodológica que a sociedade e as autoridades educativas exigem como os horários, as normas internas, os regulamentos, a organização do tempo e do espaço têm influência sobre a acção quotidiana dos docentes, existindo uma escassez de recursos materiais e difíceis condições de trabalho (Esteve, 1999 citado por Garcia 1999).

Hoje, o desenvolvimento profissional docente evidencia cada momento um outro assunto, implicando o figura do docente como um todo obrigando a interligação da teoria com a prática Moreira, (2010).

O verdadeiro profissional é aquele que encara o desenvolvimento profissional de forma contínua, em permanente evolução com o objectivo de melhorar a sua prática Danielson, (2011 citado por Vita 2012). Assim, procura-se formar profissionais mediante um processo de ensino em que os conhecimentos e as experiências profissionais são transmitidos de um professor que sabe e conhece, para o aluno que não sabe e conhece, seguido uma avaliação que anuncia se o aluno está apto ou não para exercer uma profissão. (Idem)

As universidades e cursos superiores procuram profissionais renomados, com sucesso em suas actividades e convidam-nos a ensinarem seus alunos a serem bons profissionais como eles. Masetto (2003).

Moreira (2010) exprime que a valorização do desenvolvimento profissional lança um novo olhar deixando de ser meros receptores de formação, passando os profissionais a ser considerados como profissionais autónomos e responsáveis com múltiplas facetas e potencialidades próprias.

Moreira 2010 realça que o desenvolvimento da profissão docente é um processo único e contínuo, sistematizado, organizado em que os profissionais em início de formação ou no exercício da docência se envolvem individualmente ou em grupo, em experiências pedagógicas, proporcionando a aquisição ou melhoria dos seus conhecimentos, competências e disposições para melhor intervir no campo profissional, gerando mudanças da prática docente propícia de realizar actuações pedagógicas-didáticas que acertem na educação escolar.

3.1. Modelos de desenvolvimento profissional

Assiste-se nos tempos que correm, reflexões sobre as práticas pedagógicas das instituições escolares, analisando que o estágio não se faz por si. Ela envolve todas disciplinas do curso de formação Pimenta e Lima (2010). Na formação de professores os modelos de investigação não se diferenciam, na sua essência, relativas da investigação didáctica, existindo dependência da outra investigação. Existem diversas estratégias, metodologia

e modelos consolidados na formação de professores para análise do processo de ensinar e aprender. Segundo Villar Angulo (1993, citado por Garcia, 1999) existem vários modelos para o professor desenvolver-se profissionalmente e actuar de forma condigna como:

Modelo de aperfeiçoamento individual

A profissão docente tem diferentes necessidades, sendo a investigação o eixo central do trabalho universitário, que através dela se procura a promoção de conhecimentos.

Modelo de indagação

Resulta no questionamento e reflexão do professor universitário sobre as suas práticas de ensino. Aqui, a formação do professor baseia-se na investigação de modelo de avaliação para o aperfeiçoamento do ensino. Entender que, a avaliação dos professores universitários como um processo de formação realiza-se da sua própria prática, proporcionando o aperfeiçoamento e mudança na vida da universidade.

Modelo organizacional

Vai para além dos contextos pessoais ou didácticos. Este modelo resulta do questionamento de mudanças na estrutura e na organização de uma instituição universitária, no aperfeiçoamento das relações de comunicação, de democracia quanto a tomada de decisões, das participações e clareza dos processos.

O desenvolvimento profissional do professor é objectivo de propostas educacionais, valorizando a formação que não se baseia na racionalidade técnica, mas numa perspectiva que reconhece a sua capacidade de decidir (Pimenta e Lima 2010).

Assim, as transformações da prática docente serão efectivadas se o professor multiplicar a sua consciência sobre a própria prática, a sala de aula e da escola como um todo, pressupondo conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade. (idem).

3.2. O portefólio como dispositivo de desenvolvimento profissional docente

Idália Sá Chaves, (2000 citada por Moreira 2010) diz que os portefólios constituem uma derivação do dossier de estágio ou diário de bordo, são instrumentos que retêm e organizam as informações concernentes ao processo levado a cabo pelo formando no decorrer das suas práticas pedagógicas e objecto primordial da avaliação no final do processo individual de formação.

O portefólio reflexivo é imprescindível pois é onde são narrados os factos e a sua reflexão sobre os diversos aspectos sobre si próprio, questionando suas opções de acção, desempenhos, sentimentos permitindo comparações entre análises e sínteses realizados em vários momentos, possibilitando a produção de ilações que podem ser cruzadas por diferentes fontes de informação que aí se encontra (Moreira, 2010).

Segundo (Moreira, 2010) o portefólio é uma colecção organizada, planeada, e fundamentada onde incluem não a totalidade dos trabalhos produzidos pelo professor durante um determinado período de tempo, mas sim uma selecção significativa.

Moreira (2010) salienta que o desenvolvimento profissional exige que a teoria e prática se interliguem suportando um exercício de docência bem fundamentado e em permanente (re)construção ao longo de toda a carreira.

O desenvolvimento profissional, hoje é uma exigência incontornável de forma positiva, pode ser encarada como um desafio com a finalidade de tornar os professores mais aptos e orientarem o ensino das diferentes disciplinas para as especificidades de cada aluno e contribuindo para a melhoria das instituições escolares e para a sua realização pessoal e profissional. (idem)

Tendo em consideração que a transformação das práticas confere recursos a mecanismos que prevê o desenvolvimento eficaz e enriquecedor de processos de interacção entre teoria-prática propiciando a reflexão sobre o que se faz, como se faz, porque se faz, quais os resultados do que se fez, porquê esses resultados e como fazer para os aperfeiçoar numa atitude de questionamento sustentada por referentes teóricos de análise de

conhecimentos e agir de acordo com o domínio das metodologias apropriadas Moreira (2010).

A medida que os professores valorizam o desenvolvimento profissional docente, deixa de ser tida como meros receptores de formação, e passam a ser vistos como profissionais autónomos e responsáveis com múltiplas facetas e potencialidades próprias Moreira (2010).

Ambientes profissionais são novos espaços muito mais motivadores para os alunos, muito instigantes para o docente, pois, envolvem a realidade profissional do professor e do aluno, são situações complicadas, mais desafiadoras exigindo a integração da teoria e prática repleto de imprevistos, obrigando a inter-relação das disciplinas e especialidades, desenvolvimento de habilidades profissionais bem como atitudes de ética, política e cidadania (Masetto, 2003).

Formosinho (2009) destaca que a formação de professores é apontada por não ter sabido produzir profissionais competentes, que tivessem podido inverter ou abrandar a situação melhorando o desempenho dos alunos. Por outro lado a melhoria da qualidade do ensino e das aprendizagens do aluno, através da formação de professores ao longo da vida, actuando reflexivamente como profissionais de mudança a nível da sala de aula, da escola de forma autónoma e a nível do território educativo (Bártolo Campos 2002, citado por Formosinho 2009).

Formosinho (2009) questiona que no âmbito da investigação, a articulação entre a formação e a investigação isto é investigadores, os formadores, e os professores deve ser encarada como práticos capazes de reflectirem, investigarem e produzirem saberes.

A prática profissional, deixa de ser vista como um simples domínio de aplicação de teorias elaboradas fora dela, para tornar-se esta mesma prática num espaço original e relativamente autónomo de aprendizagens e formação para os práticos (Tardif et al., 1998 citado por Formosinho, 2009).

2.3.3. Desenvolvimento profissional dos actores da supervisão pedagógica

Segundo Ribeiro (2014) o conhecimento do supervisor acerca do estagiário é articulado com outros tipos de conhecimentos, indispensáveis para o supervisor agir e reagir de forma adequada em contexto de supervisão pedagógica. Ribeiro (2014) diz que compete aos supervisores da escola de formação e da escola de prática proporcionar ao estagiário formas de acesso à informação, através de estratégias que favoreçam aprendizagem para ser professor. No entanto, Alarcão (2003) citado por Ribeiro (2014) diz que a supervisão deve operacionalizar determinadas características como:

- A supervisão é uma tarefa de acção relacional, abrangendo actividades na qual a finalidade visa o desenvolvimento profissional dos professores na sua dimensão de conhecimentos e de acção, desde uma situação pré profissional até uma situação de acompanhamento no exercício da profissão e na inserção na vida da escola.
- A supervisão é uma actividade de natureza psicossocial, de construção intra e interpessoal, fortemente enraizada no conhecimento do eu, do outro e do contexto formativo em que os actores interagem.
- A actividade de supervisão joga-se na interacção entre pensamento e acção, com propósito de, dar sentido ao vivido e ao conhecido, compreendendo melhor para agir melhor.
- O contexto formativo da supervisão deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, atitudes, conhecimentos e o auxílio destes para a competência profissional, de natureza integrada.
- O supervisor é basicamente um gestor e animador de situações e recursos intra e interpessoais com vista à formação.
- A gestão de situações formativas, no contexto de supervisão envolve capacidades humanas e saberes profissionais específicos.

Ribeiro (2014) diz que o papel do supervisor é encarado como mediador de recursos facilitadores do aperfeiçoamento pessoal e profissional do

estagiário, implicando o desenvolvimento de conhecimentos profissional do supervisor nas várias dimensões de investigação e de formação.

Esta integração dos vários tipos de conhecimentos e chamando a atenção para as dimensões conhecimento dos aprendestes, das suas características, e o conhecimento do contextos, condições sem as quais nenhuma das outras dimensões fará sentido epistemológico (Ribeiro 2014).

Ribeiro (2014) encara a supervisão, enquanto processo formativo da Prática Pedagógica promotor de desenvolvimento dos saberes profissionais dos seus actores, melhorando a qualidade da educação que se pratica numa interacção dialógica entre acção e a reflexão, sendo condição necessária para a formação de um professor investigador.

3.3. Avaliação do desempenho docente

Galluzzo (1986, citado por Garcia, 1999) diz que avaliação é um processo vasto e complexo que supõe a necessidade de recolher informações de diferentes momentos com diferentes finalidades.

Avaliação para quê? Garcia (1999) ressalta para avaliar é necessário ter em conta alguns requisitos importantes.

- Controlo da qualidade;
- Aperfeiçoar o processo de formação de professores;
- Análise das necessidades;
- Comparação com outras instituições de formação;
- Análise dos custos benefícios.

Para avaliar as competências do professor é necessário ter em conta 4 requisitos importantes segundo Zabalza (2007)

- Experiência de formação que são adquiridas durante o processo de formação.
- Desempenho do professor ou seu comportamento enquanto exerce a função docente.

- Experiências de aprendizagem ou comportamento dos alunos enquanto há orientação do professor.
- Resultados obtidos pelos alunos em desenvolvimento e aprendizagem enquanto ocorre a leccionação das aulas.

A avaliação de desempenho dos professores segundo Moreira (2010) insere uma nova linha de orientação que, estabelece um regime de avaliação com efeitos na progressão da carreira, exigindo que as instituições repensem as suas políticas educativas, se organizem e iniciem um processo novo de funcionamento, exigindo que os professores como profissionais criem formas de regular a sua prática docente e de se auto avaliarem.

A avaliação na supervisão deve actuar com um termómetro, e através dela pode-se detectar os pontos fortes e fracos dos professores e fazer a retro alimentação. Assim, a avaliação deve ser feita segundo normas, pois, muitas vezes a mesma é banalizada e os docentes não estão preocupados, porque não são avaliados pela instituição de ensino onde laboram. Formosinho (2009) diz que a avaliação da aptidão profissional individual reflecte, sobre várias dimensões do perfil docente como: a dimensão intelectual, a dimensão técnica, a dimensão moral e a dimensão relacional.

O mesmo autor, alerta que a cultura académica prevalece nas instituições de ensino superior, mas habilitados para avaliar o desempenho intelectual, que o desempenho técnico, o pedagógico, curricular, didáctico do candidato a professor.

A dimensão moral da profissão docente, está cada vez mais revalorizada pelas comunidades educativas, tendo ponderação no compromisso cívico que caracteriza o ensinar nas escolas para todos inclusiva e multicultural tendo em atenção a dimensão sócio moral, ética e deontológica que desempenha a formação de crianças e jovens. (Idem)

Formosinho (2009) diz que a dimensão relacional é importante como as demais, visto que, a relação pedagógica baseia-se numa relação interpessoal e a própria eficácia e qualidade de ensino prevê um bom clima humano. A

valorização do desempenho relacional dos professores determina numa constelação de dimensões afectiva, emocional, psíquica e médica.

No entanto, Moreira (2010) conta que a capacitação para o exercício da actividade profissional é um processo centrado na complexidade de aspectos cognitivos, afectivos e relacionais de cada professor envolvendo múltiplas etapas influenciadas pelo contexto.

Masetto (2003) diz que a avaliação de desempenho do professor em sala de aula relaciona-se com duas actividades indispensáveis, o ensino e a pesquisa ou produção de conhecimentos, interligados ao exercício do magistério. O mesmo não aceita e estamos de acordo sobre, a concepção dicotómica que ao professor compete o ensino e ao pesquisador compete o papel de produzir novos conhecimentos para serem transmitidos.

A obrigação de um desempenho adequado da sua função, deverá ser capaz de auxiliar o aluno na aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes fundamentais e necessárias como mediante sua atitude e comportamento, levar o aluno a iniciar-se em produzir algum conhecimento, trabalho intelectual e comunicá-lo aos demais Masetto (2003).

Para Masetto (2003) o desempenho em sala de aula depende não só da habilidade em relacionar-se com os alunos, em planificar e fazer acontecer as melhores condições de aprendizagens para eles, bem como a produção intelectual. Formosinho, (2009) salienta que o ensino superior não exige apenas que se ensine e se investigue mas que haja interacção entre a investigação e o ensino, de modo que os conhecimentos obtidos pela investigação possam ser incorporados no ensino.

Formosinho (2009) vai mais longe afirmando, se, os docentes não investigam nas áreas em que ensinam, essa investigação dificilmente contribuirá para a melhoria e renovação do seu ensino, na formação dos professores de educação de crianças. Visto que, só se consegue, se os docentes interactuarem dentro do mesmo campo organizacional e sentirem-se orientados para a realização de uma carreira de investigação e ensino centrada nestas problemáticas. No entanto, qualquer projecto de trabalho será completo

quando prever uma análise dos resultados, com a realização de uma avaliação e os instrumentos de avaliação devem conter elementos de aspectos administrativos, didáctico pedagógico, e gerais, quanto ao progresso dos estudantes, no seu trabalho, no programa escolar, na participação de colegas numa vertente colaborativa.

Segundo Masetto (2003) **avaliação do professor** deve ser quanto a:

- **Actividade de ensino.**

- **Planificação da disciplina** pedindo ao docente que apresente um plano completo da sua disciplina para o semestre ou ano, tal como os planos de unidade daquele período de serviço. A análise e discussão desta planificação com o professor permitirão ao mesmo identificar se encontra-se preparado adequadamente para entrar na sala de aula.
- A **Entrevista** servirá para acompanhamento do professor durante o semestre na adaptação e desempenho da planificação feita. Masetto (2003) salienta que, a entrevista deverá ser efectuada pelo coordenador pedagógico ou com chefe de departamento ou ainda ser transformada numa revisão de equipa ou departamento reunindo professores da mesma especialidade, que trocam a sua experiência periodicamente no transcorrer do semestre, buscando sugestões para um melhor desempenho em sala de aula.

No entanto, Masetto (2003) diz que, o aluno pode participar na avaliação do desempenho do professor nas actividades de ensino, onde deverá ser feita em entrevista entre professor e aluno, entre aluno e coordenador pedagógico ou chefe de departamento, embora haja restrições na própria técnica de entrevista.

- **Observação directa** é uma técnica que pode ser utilizada para avaliar o desempenho do professor em acção, é necessária a presença de um observador em sala de aula, que muitas vezes dificulta o desempenho do professor podendo ficar inibido e atrapalhar as actividades e o rendimento dos alunos.

Para avaliar a **actividade de pesquisa** ou produção de conhecimentos, deve ser a partir de técnicas utilizadas como os relatórios detalhados e frequentes, descrevendo o andamento da pesquisa, sua evolução, seu progresso naquele espaço de tempo ponderado. As publicações de artigos científicos para revistas especializadas, bem como livros, informando a comunidade científica dos trabalhos realizados. As teses de mestrados, doutoramento ou de livre docência defendidos publicamente, a participação em congressos, seminários, simpósios com a comunicação de trabalhos científicos, assim como a participação em concursos para a carreira universitária ou académica.

Actualmente é necessário que haja investigação no nosso contexto, Formosinho (2009) justifica que no âmbito da investigação haja articulação entre formação e investigação pois, os investigadores, professores e formadores devem ser encarados como práticos capazes de reflectirem, investigarem e produzirem saberes referentes a sua acção educativa.

A partir dessa consideração Formosinho (2009) alerta que deve aumentar o período de observação e diversificar os contextos organizacionais dessa observação, para poder avaliar-se o desempenho do professor em mais de um ano, em contexto de prática orientada isto é no estágio em contexto de prática autónoma na qualidade de professor principiante.

Quanto a análise da Prática Pedagógica na formação inicial dos professores, Formosinho (2009) questiona a sobrevalorização da componente intelectual de desempenho docente em detrimento das componentes relacional e moral.

O mesmo autor diz que, a formação em supervisão pretende qualificar para o exercício das funções de orientação e supervisão da formação inicial e

contínua de educadores e professores, competências de análise crítica da educação, da formação e da escola, de intervenção, de formação,

supervisão e avaliação dos professores e actividades de consultoria e assessoria a instituições de formação e centros de formação.

4. Modelos de Supervisão do Estágio Pedagógico

A prática pedagógica é uma disciplina autónoma na profissionalização docente. Ela tem uma visão diferente de outras disciplinas visto que tem fases com a preparação do principiante, observando e experimentando suas expectativas e angústias em contextos, com vários momentos de análise e reflexões críticas; chegando a responsabilização no estágio e termina com a avaliação do candidato fazendo que a profissionalização se efective sempre acompanhado dos supervisores cooperante e institucional (Alarcão 1996, Ribeiro 2014, Formosinho 2009).

No currículo dos cursos de formação inicial integra uma componente de prática pedagógica orientada, de forma articulada pela instituição de formação e pela escola onde realiza e deve incluir a preparação inicial no campo da educação especial, de forma a promover a inclusão educativa no serviço público de educação (Formosinho 2009). A prática pedagógica deve constituir uma componente indispensável no processo de desenvolvimento de capacidades e competências que integram a função.

Formosinho (2009) salienta que a formação para professores, não inicia com o curso como acontece noutras profissões, mas, decorre de toda experiência que o candidato teve ao longo da sua escolaridade anterior e no desempenho do ofício do aluno.

A prática pedagógica é uma das componentes integradoras dos cursos de formação, a parte das Ciências da Educação, da formação pessoal social e da formação científica específica. Constitui um elemento essencial, o curso destinada a iniciar os alunos no mundo da prática profissional docente e concretizá-la com actividades diferenciadas ao longo do curso e em períodos de duração/crescente e de responsabilização progressiva completando com a fase da responsabilização pela docência considerada por estágio. (idem)

4.1. Composição da Prática Pedagógica

Segundo Formosinho (2009) ela é composta por duas fases:

- A fase inicial é constituída por observação, análise, cooperação, intervenção pedagógica.
- A fase final ou estágio que se realiza ao leccionar em uma ou mais turmas num sistema de co-responsabilização dos formandos, com o orientador da escola e a supervisão da instituição formadora de forma

diferenciada de acordo com a especificidade de cada nível de educação e ensino.

Ribeiro (2014) descreve: a **Prática Pedagógica I** desenvolve-se no 1^a ano de inserção nos contextos de ensino, pode representar em actividades de iniciação à prática profissional e as características específicas das estratégias de formação devem estar orientadas para o desenvolvimento de aprendizagens reflexivas, de auto consciencialização e construção pessoal dos modos de aprender e de ensinar.

Na **Prática Pedagógica II**, o compromisso e a responsabilidade progressiva dos estudantes pela actividade docente devem começar nesta fase colaborando com o professor experiente, realizando algumas intervenções educativas nos contextos de ensino, na planificação e reflexão de actividades educativas integradas no projecto do professor e com a sua orientação.

Prática Pedagógica III ou estágio curricular no último ano de formação, é efectuado nos contextos de prática docente, e de acordo com a disponibilidade e motivação das instituições escolares e professores para colaboração com a instituição de formação, onde os formandos agora estagiários são integrados numa turma sendo acompanhados sistematicamente por um professor experiente, cooperando na formação profissional. (idem)

Ribeiro (2014) sugere que em cada instituição escolar, devem estagiar um grupo de formandos, de acordo ao número de turmas e em alguns casos cada professor poderá ter dois estagiários, quando as condições pedagógicas do contexto humano e físico permitirem a interacção entre pares de formação e a construção colaborativa de saberes.

É no estágio que devem ser trabalhados os objectivos gerais da formação em Prática Pedagógica, como condição para o exercício da actividade docente, aumentando o tempo de permanência nos contextos e o grau de responsabilidade do formando na sua aprendizagem, devendo ser criadas condições para que este possa consolidar os saberes adquiridos e construir os seus próprios saberes profissionais (Ribeiro2014).

A mesma autora, salienta que a Prática Pedagógica constitui-se como cenário de formação privilegiado, que apela ao conjunto de saberes e competências desenvolvidas e a desenvolver ao longo do percurso formativo, permitindo reconstruir o que sabe, através do questionamento que o conhecimento prático lhe possibilita.

É de realçar que este conhecimento é uma competência complexa que se constrói no diálogo reflexivo com as situações reais, e que amplia e reconfigura o desenvolvimento profissional e pessoal do formando (idem).

Ribeiro (2014), diz que o período dedicado a esta formação em contexto educativo deve contemplar 2 ou 3 dias por semana ao longo do ano lectivo, e deve acontecer em data posterior ao início das aulas nas outras disciplinas leccionadas no curso, porque no período que antecede o estágio, é indispensável o desenvolvimento de uma formação preparativa das actividades em contexto de ensino, pelos docentes de Prática Pedagógica nas instituições de formação, podendo assumir modelo de seminário. Esta estratégia tem como fundamental objectivo a reflexão de questões que os estagiários possam ter dúvidas e inquietações, de forma a minimizar as suas naturais angústias no início do estágio.

Alonso (1998:126, citado por Ribeiro 2014) justifica ao lembrar as perspectivas profissionais dos estagiários descreve como, a forma que estes pensam sobre o trabalho que desenvolvem na interacção com os alunos, com o projecto curricular, com a equipa institucional, com a família e a comunidade e o modo como esses pensamentos adquirem significado na sua actuação prática.

A organização de espaços formativos pela escola de formação, que potenciem a articulação entre a teoria e prática, podendo ser organizados na modalidade de seminário acompanhadas da Prática Pedagógica, em que as Metodologias Específicas/Didácticas devem desempenhar o papel fundamental nessa articulação (idem).

As secções poderão assumir o modelo de teoria-prática, sendo a metodologia de formação direccionada para a problematização das situações

da prática docente, em que os conteúdos são construídos a partir das questões decorrentes da prática e apresentadas pelos estagiários podendo ser propostas pelos docentes/supervisores da instituição de formação quando as situações da prática justificarem Ribeiro (2014).

Importa salientar que os seminários enquanto espaço plural de formação, de reflexão multi e interdisciplinar, poderão ser desenvolvidos em colaboração com uma equipa de docentes das várias áreas científicas sendo indispensável os docentes supervisores da Prática Pedagógica, guiados para fomentar nos futuros professores a motivação, a partilha em discussões sobre o uso das teorias na prática e sobre a derivação da teoria a partir da prática, com objectivo de desenvolver as suas capacidades para teorizarem acerca do fazer nos seus contextos e alargarem o conhecimento profissional (Eraut, 1994 citado por Ribeiro 2014).

4.2. Estatuto da prática pedagógica

Segundo Formosinho 2009, existem cinco tipos de estatutos da prática:

- O **estatuto epistemológico** da Prática Pedagógica é marcado no processo de academização e transformou a formação inicial de professores, numa formação teórica e afastada das preocupações reais da actividade dos professores nas escolas e nos territórios educativos.

Faz parte da iniciação profissional saber transformar os conhecimentos curriculares em conhecimentos profissionais capazes de serem mobilizados para a acção quotidiana, implicando rotura epistemológica criadora de tensões no contexto institucional (Formosinho, 2001,2009).

Na parte final da Prática Pedagógica na fase do estágio é visível a transição estatutária do estudante de uma condição de aluno das disciplinas para futuro profissional, onde o trabalho de esclarecimento e regulação da formação oferecida se torna útil. (idem) Numerosas instituições do ensino superior continuam indiferentes a riqueza da informação proveniente deste conflito indispensável a regulação qualitativa do sistema de formação (idem).

- O **estatuto pedagógico** da Prática Pedagógica funda-se nos desígnios a nível das concepções da educação, ensino, aprendizagem e desenvolvimento dos educandos.

A Prática Pedagógica é a componente curricular que visa a aprendizagem das competências básicas para o desempenho docente, compreendidas como a capacidade de mobilização de problemas colocados pela prática docente no quotidiano das escolas. (idem)

É de ressaltar que a Prática Pedagógica garante aos formandos neste contexto curricular, a integração na acção docente das outras aprendizagens feitas no campo de acção, das outras componentes curriculares do curso, transformando os saberes disciplinares em profissionais, capazes de apoiar e orientar a acção docente no dia-a-dia. (Idem)

A Prática Pedagógica propõe-se em compreender a problemática proveniente da acção docente nos devidos contextos e estimulando e exercitando a criação de hábitos, de reflexão sobre a actividade docente, bem como a fortalecimento de atitudes de cooperação com os pares ou outros actores sociais educativos. (idem)

O **estatuto curricular** da Prática Pedagógica refere-se a forma como esta parte se insere no curso de formação e organização curricular da instituição de formação.

Os elementos que definem o estatuto são os planos de estudo, as práticas curriculares e a organização do ensino, com base nesta distinção determinam o estatuto da Prática Pedagógica, os procedimentos institucionais de distribuição de serviço docente, da responsabilização pela docência da prática pedagógica e da supervisão do estágio, o formato do ensino, a coordenação de Prática Pedagógica ou a sua ausência Formosinho (2009).

É neste sentido que existe uma coordenação geral das actividades de iniciação a prática profissional, incluindo o estágio, sendo um processo transdisciplinar de organização da Prática Pedagógica, não sendo os

responsáveis dos territórios disciplinares a determinarem os conteúdos e o tipo de actividades (idem).

O **estatuto orgânico** da Prática Pedagógica determina, o modo como esta parte profissionalizante está inserida nas unidades orgânicas estruturantes da instituição. O posicionamento e as relações da Prática Pedagógica com outros territórios científicos e orgânicos da constituição de carreiras e das estratégias institucionais de desenvolvimento da docência e da investigação. A organização simbólica da instituição concede importância às unidades estruturantes, por elas disporem dos poderes de gestão de recursos materiais e humanos que lhe são alocadas e a terem influência imprescindível na gestão da carreira docente. Formosinho vai mais longe quando diz que a prática de supervisão e o respectivo campo de investigação poderiam dispor como em muitas instituições de formação de um estatuto docente autónomo, coordenação própria e estatuto investigativo no domínio científico da Teoria da Formação, articulando com as áreas do currículo e da didáctica.

O **estatuto social, moral e deontológico** da Prática Pedagógica resulta ao determinar a avaliação formal de desempenho docente no contexto de estágio. Este tipo de avaliação calcula as competências prévias para exercício profissional e as potencialidades relacionais e morais para uma execução adequada, responsável e autónoma da profissão. A dimensão sociomoral e deontológica da formação centrada na Prática Pedagógica transformam as instituições de formação em instituições de certificação profissional com responsabilidade mais relevante do que as outras titulações académicas e habilitação profissional conferidas (idem).

A responsabilidade política e ética das instituições de formação implica que se dotem não só dos mais adequados meios de formação mais também de instrumentos e mecanismos de avaliação do desempenho profissional de modo

a assegurar uma responsabilização plena no plano profissional e deontológico diante da comunidade profissional e sociedade em geral (Formosinho, 2009). A prática docente dos professores formadores, a prática da organização do ensino bem como a prática pedagógica são dimensões institucionais da formação prática dos futuros professores

Segundo Formosinho (2009) só a última é considerada uma componente da formação prática e faz parte do plano de estudos tendo uma versão curricular formal. As outras, também fazem parte do currículo da instituição de formação, tendo o grau de intencionalidade educativa considerados curriculares como currículo do processo. O currículo do processo envolve as práticas curriculares e as práticas de organização do ensino Formosinho (2009).

Nas **práticas curriculares** evidenciam-se:

- As práticas programáticas contendo os conteúdos e objectivos, as práticas de ensino contém os métodos, textos, tipo e modelos de aulas e outros modelos de ensino; e as práticas de avaliação.

As **práticas organizadoras do ensino** evidenciam-se:

- O tempo escolar, o formato das aulas, constituição das turmas, o progresso escolar, a coordenação docente e a distribuição do serviço docente.

As práticas organizadoras do ensino representam a dimensão formal, a dimensão manifesta do currículo de processo, contendo as normas formais concernentes ao tempo, ao espaço e ao modo escolar (Formosinho, 2009).

As práticas organizadoras do ensino são normas referentes a regulamentação das práticas curriculares como regras de avaliação, e progresso escolar, normas de distribuição do serviço docente, e aquelas que contribuem de forma decisiva para as práticas curriculares (idem).

Formosinho (2009) salienta que o formato do tempo escolar como: calendário, escolar e horário escolar condiciona decisivamente as práticas da instituição. No entanto o mesmo autor diz, quanto mais rígidas forem as regras

e maiores os constrangimentos, mais se arrastam as práticas curriculares tradicionais dificultando a inovação.

Mediante o conjunto de normas, referentes ao formato das aulas articuladas com as regras da constituição das turmas, pode conduzir a uma distinção clara entre aulas teóricas e práticas com formatos diferentes, dimensões de turmas diferentes, unidades horárias diferentes e professores diferentes (Formosinho, 2009). A divisão metodológica e divisão disciplinar cruzam-se com objectivos e em conteúdos diferentes tanto na componente prática como componente teórica da mesma disciplina.

As regras de avaliação e o progresso escolar concernentes a passagem e reprovação de disciplina e de ano, progresso escolar promovem a certa concordância e não favorecem práticas avaliativas inovadoras (Formosinho, 2009). Ora, como refere o mesmo autor, as regras rígidas e as práticas tradicionais concernentes, a distribuição do serviço docente e a atribuição da coordenação científica e pedagógica das disciplinas, procuram respeitar os territórios disciplinares e de carreira e as hierarquias. A dimensão manifesta(da) do currículo dos processos não fomenta práticas alternativas e não promove a inovação.

4.3. As práticas curriculares dos formadores

Segundo Formosinho (2009), caracterizam a dimensão oculta do currículo de processos. Representam as práticas curriculares as práticas de ensino e as práticas de avaliação importantes para a formação prática dos docentes.

As práticas de ensino são valorizadas, pois, permitem ao aluno experienciar métodos, técnicas diferentes daqueles já observados no seu currículo discente e ampliar o repertório de experiências que poderá passar para o desempenho docente Formosinho (2009). Assim, as práticas de avaliação são fundamentais, porque regulam os métodos de estudo dos alunos e o tipo de aprendizagem oferecido na formação inicial.

As práticas curriculares dos professores formadores são uma componente indispensável da formação prática dos futuros professores. Assim Formosinho (2009) diz, o facto de não serem adoptadas como componente de formação, são muito influentes e eficazes na formação prática dos futuros professores, com representação consistente do professor como expositor, especialista do conteúdo e o profissional das aulas.

A prática pedagógica, segundo Formosinho (2009) é considerada como componente assumidamente profissionalizante da formação dos professores. A prática pedagógica sendo a componente intencional da formação de professores tem como finalidade a iniciação dos alunos no mundo da prática profissional docente.

No entanto Ribeiro (2014) salienta que a Prática Pedagógica estabelece o eixo central da formação aonde os conceitos de formação, informação e transformação se inter cruzam, sendo a formação de professores desenvolvida através da interacção de vários tipos de saberes trabalhados no conjunto das disciplinas, implicando uma contínua orientação e reorientação metodológica dessas disciplinas que constituem o plano curricular do curso. A mesma salienta e estamos de acordo que esta visão sustenta-se nos desígnios de Nóvoa, quando a formação se refere como um espaço de (re)construção de identidades pessoais, de apropriação reflexiva, de trajectórias escolares e profissionais (Nóvoa1992:66 citado por Ribeiro 2014).

Segundo (Alarcão 1996) a prática pedagógica é uma disciplina com autonomia nos cursos de profissionalização dos professores, com etapas desde a preparação, observação, experimentação, responsabilização, estágio e avaliação. Formosinho (2009) ressalta as etapas de observação de contextos comunitários e escolares, continua com a observação de aulas e de crianças, assumindo depois a forma de prática docente pontual nas turmas de professores cooperantes. Ribeiro (2014) ressalta espaços desde a observação, planificação, acção e reflexão sobre situações reais e facilitam a consciencialização gradual dos diferentes papéis que o professor é chamado a desempenhar.

A mesma diz, que a Prática Pedagógica, coloca o futuro professor a agir profissionalmente no interior de um contexto educativo, ecossistema complexo, singular, e mobilizador de uma dialéctica entre conhecimento e acção e entre teoria e prática. Ribeiro (2014) descreve que a inserção dos formandos nos contextos educativos deve ser progressiva, devendo evoluir da responsabilidade colectiva de grupo até a responsabilidade individual, obedecendo a um conjunto de fases de complexidade crescente e com objectivos de formação específica em cada fase. No processo de profissionalização os professores de currículo, de didáctica específica e de prática pedagógica assumem-se como professores formadores.

Segundo Ribeiro (2003, citado por Ribeiro, 2014) a Prática Pedagógica é a componente curricular que tem como objectivo a aprendizagem das competências básicas para o desempenho docente propondo-se o desenvolvimento da capacidade de mobilização dos saberes disciplinares e pedagógicos necessários para a resolução dos problemas colocados pela prática docente no quotidiano das escolas. A formação em Prática Pedagógica dos futuros profissionais é alcançada como um processo que exige actualização permanente no projecto humano, pessoal e científico que facilite o desenvolvimento de esquemas de pensamento e acção dos professores para virem a intervir, de forma adequada, quer nos grupos de alunos, quer nas instituições de educação e no ensino (Ribeiro, 2014).

Portanto, de todos os profissionais, quem tem a missão mais profissionalizante do curso é o docente de prática pedagógica. Pois, na fase da prática pedagógica final os principais intervenientes do processo são o supervisor institucional e o professor cooperante, Formosinho (2009).

Assim sendo, em Angola, nas escolas de formação de professores não existem matérias relacionadas como orientar e supervisionar as práticas dos professores formadores quanto a supervisão e orientação das práticas pedagógicas, aumentando a discrepância entre os saberes científicos, pedagógicos e práticos. A supervisão das práticas em Angola existe e ainda não está bem assente, não existem documentos, decretos, diplomas e estatutos, que regulem a sua execução.

Segundo Formosinho (2009) deve haver um estatuto curricular da prática pedagógica.

A prática pedagógica, adota grande importância na fase final do curso, assumindo a forma de estágio como docência assistida e orientada. A prática pedagógica é uma disciplina com autonomia nos cursos de formação de professores, inicia-se nos primeiros anos e estende-se ao longo do curso, com a sucessiva inserção ao mundo profissional da docência, da escola e do contexto envolvente Formosinho (2009).

Para Formosinho (2009) a prática pedagógica inicial é o pré estágio desenvolve-se de forma gradual com a observação de contextos comunitários e escolares, continua com a observação de aulas e de crianças, assumindo depois a forma de prática docente pontual nas turmas de professores cooperantes. O mesmo autor diz que não é simples, é um esquema baseado na passagem gradual dos contextos, para a sala de aula e da observação para a execução.

A prática pedagógica final ou estágio é a fase da prática docente acompanhada, orientada e reflectida que serve para proporcionar ao futuro professor, uma prática de execução global em contexto real, permitindo desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente responsável e eficaz Formosinho (2009)

4.3. Modelos de Supervisão das Práticas

Segundo Alarcão e Tavares (1987), existem vários modelos que têm como objectivo o desenvolvimento profissional do professor e melhoria da qualidade de ensino.

- Cenário da imitação artesã consiste em colocar os futuros professores a praticar com o mestre, aquele que é o modelo, bom professor com experiência prática, aquele que sabia como fazer e transmitia a sua arte ao novo. Aqui, estavam as ideias da autoridade do mestre e imutabilidade do seu saber, baseadas na demonstração e imitação como a melhor forma de aprender a fazer, perpetuando a cultura.

- Cenário do ensino pela descoberta guiada, pressupunha que o futuro professor tivesse conhecimentos dos modelos teóricos e tivesse oportunidade de observar diferentes professores, em diferentes situações, antes de iniciar o estágio pedagógico.

Assim, o professor procura desvendar o efeito que o ensino produziu na aprendizagem, explicar quando se produzia, como e porquê.

Dewey, (1973, citado Alarcão e Tavares, 1987), afirmam que os candidatos a professor, deviam observar vários professores a interagir com os seus alunos, não com a preocupação de descobrirem como é que o bom professor actua, mas sim, com objectivo de observarem a maneira como os professores e alunos reagem um ao outro. Dewey propunha que a prática pedagógica seguisse a teoria e fosse gradual, iniciando pela simples observação e integração de actividades progressivamente mais complexas, como participação em algumas tarefas de ensino, seleccionando e organizando algumas unidades até chegar a responsabilização total do ensino, supervisionados sem rigidez, permitindo a imaginação e criatividade com espírito crítico. (idem)

- Cenário behaviorista neste modelo, o formando no período de formação depara-se com o conteúdo a ensinar, o modo como ensiná-lo, a forma como disciplinar os alunos, o gosto de agradar ao mestre e o medo de desconhecer as regras da escola. O micro-ensino é uma técnica psicopedagógica baseada na análise do que foi observado. Numa mini aula gravada em vídeo, após a aula, o professor faz análise da sua actuação pedagógica, a respeito da competência que queria treinar com ajuda dos comentários dos alunos, do supervisor e colegas, seguida de uma nova aula, utilizando a mesma técnica com alunos diferentes, praticando as inovações que adquiriu consigo mesmo.
- Cenário clínico, aqui, experimentaram um modelo, onde o professor fosse ele mesmo o agente activo, colocando o supervisor na missão de ajudá-lo a analisar e a repensar o seu próprio ensino. Baseado num espírito de colaboração entre supervisor e professor, e entre

estes e seus colegas, implicam uma actividade continuada, que engloba a planificação e a avaliação para observação e análise.

O objectivo principal consistia em melhorar a prática de ensino dos professores, a prática de ensino na sala de aula, analisando os fenómenos ocorridos feitos pelo professor e supervisor.

- Cenário psicopedagógico segundo Stones (citado por Alarcão e Tavares, 1997) defende que, o objectivo final do processo de ensino aprendizagem reside no desenvolvimento de capacidade de resolução de problemas tomar decisões conscientes que, permitem uma adaptação e acomodação às exigências da vida e do meio ambiente. A tomada de decisões e resolução de problemas devem basear-se num corpo coerente, integrado com hierarquias de conceitos, técnicas e atitudes. Stone vê a formação inicial psicopedagógica dos professores passado por três fases: conhecimento, observação, e aplicação. Nesta etapa, a supervisão da prática pedagógica vem após o conhecimento e a observação e (assenta) numa relação dicotomia entre a teoria e a prática.
- Cenário pessoalista, nesta fase, a formação de professores deve atender ao grau de desenvolvimento dos professores em formação, as suas percepções, sentimentos e objectivos, deve organizar experiências vivenciais, ajudando os professores a reflectir sobre elas e suas consequências, assim como suas percepções, que delas têm os intervenientes principalmente o professor.

4.5. Estratégias de supervisão das práticas

A gestão da carreira docente, a postura do orientador que fale da ética, o sentido dado a profissão, o respeito aos alunos e ao trabalho que realiza traduzindo-se na planificação, execução e avaliação do trabalho, em que alunos e professores sejam sempre estagiários da Prática Pedagógica Pimenta e Lima, (2010). A prática reflexiva transforma a capacidade de inovar, negociar e regular, a prática é decisiva passando por uma reflexão sobre as experiências.

Os orientadores de prática e estágio poderão valer-se de algumas estratégias, no sentido de possibilitar ou permitir que, os alunos desenvolvam habilidades de pesquisa, e construção de conhecimentos a partir do estágio Pimenta e Lima (2010).

Alarcão e Tavares (1996) enumeram, algumas estratégias que podem ser usadas na supervisão, tais como: a observação de aulas; os portefólios reflexivos; a análise de casos; as narrativas; as perguntas pedagógicas; e a investigação-acção.

Shón citado por Alarcão (1997) realçam estratégias como demonstrações acompanhadas de comentários sobre os processos seguidos, esclarecimentos sobre contribuições que os vários domínios do saber podem trazer para o problema em causa, crítica, reapreciações, verbalização do pensamento de reflexão na acção e dialogo com a situação, envolvimento do formando no diálogo, encorajamento, instruções, sugestões, iniciação do formando na linguagem própria da profissão, e nas formas de pensamento e de actuação características da profissão.

Depresbiteris e Tavares (2009) ressaltam que, a observação e o portefólio são estratégias indispensáveis ao trabalho do professor, Moreira (2010) salienta que o portefólio é uma estratégia de acção para o crescimento profissional do professor.

Pimenta e Lima (2010) ressaltam observação e reflexão da prática realizada na escola de campo, elaboração de seminários, registos das práticas de ensino na forma de diários de bordo ou relatórios reflexivos e portefólios; organização e construção de materiais de ensino aprendizagem, troca de experiências a partir das práticas observadas e o relatório final da disciplina.

Estas estratégias podem envolver processos de reflexão, nas várias estruturas pedagógicas, sobre o trabalho realizado individual ou colectivamente, tendo em vista melhorar as práticas e contribuir para o sucesso educativo dos alunos (Alarcão, 1996).

Estes autores (Alarcão 1996, 1997, Formosinho 2009, Ribeiro 2014) estão de acordo quanto ao acompanhamento, orientação, reflexão sobre as competências identificadas, etapas da Prática Pedagógica, estratégias a serem usadas na supervisão das práticas com reflexão em todos momentos e investigação da própria prática.

4.6. Avaliação da prática pedagógica

De acordo com este autor Formosinho (2009) a **prática pedagógica pode ser avaliada** em cada instituição de formação referente aos seguintes critérios:

- 1- A (in) existência de um estatuto de prática inicial;
 - 2- A gestão curricular da prática pedagógica inicial como componente própria da formação profissional de professores;
 - 3- O estatuto, a organização e funcionamento da Prática Pedagógica final.
- **Quanto a (in) existência de um estatuto de prática inicial**
Formosinho 2009 destaca:
 - A não existência de um plano de estudo estando a prática resumida ao estágio;
 - A prática pedagógica inicial inclui actividades desde a observação mas não de responsabilidade directa pontual;
 - A prática inicial segue todas as etapas observação de contextos, observação de aulas, desempenho pontual, prática docente acompanhada entre outras actividades.
 - Entretanto, a **gestão curricular da prática pedagógica inicial como componente própria da formação profissional de professores**, Formosinho (2009), diz que varia da mais académica para a mais profissionalizante.

Como componente própria a Prática Pedagógica inicial não aparece formatada em aulas, tem uma coordenação própria, uma gestão específica, objectivos conteúdos, e metodologias próprias. Ela

acontece antes ou depois do calendário docente da disciplina ou nos intervalos dos semestres e decorre de forma predominante fora da instituição de formação, nas escolas e noutros contextos educativos (idem).

Como componente contrária pode ser desenvolvida como um apêndice da componente das Ciências da Educação transformada numa disciplina desta área, enquadrada no calendário escolar, avaliada como uma disciplina com adaptações, distribuídas no serviço docente disciplinar, realizada de forma predominante nas salas de aula da instituição de formação. O desenvolvimento adequado da prática pedagógica prevê que ela assuma o formato autónomo e não seja considerada acréscimo da componente de Ciências da Educação. (idem)

A Prática Pedagógica considerada como mero apêndice da componente das Ciências da Educação, o estudante continua a ser considerado aluno de disciplinas, sendo a Prática Pedagógica uma disciplina pouco diferente. Entretanto, quando a instituição assume a Prática Pedagógica como componente absoluta de formação, o estudante será considerado como futuro professor, pois, ele não será visto no papel tradicional de estudante, mas, como futuro ou potencial profissional (Formosinho, 2009).

Formosinho (2009) destaca que, a promoção de uma cultura profissional de formação, encara o estudante, para além de alunos das disciplinas curriculares, como futuros ou potenciais professores, o que envolve propor-lhe diferentes estratégias de aprendizagem.

A prática pedagógica autónoma assumida com profissionalismo consciencializa os estudantes da realidade da escola. Esta consciencialização pode ser disfuncional se a instituição de formação separar a etapa académica de formação da etapa profissional, durante a etapa académica os estudantes poderão questionar a relevância para o seu futuro desempenho profissional do ensino ministrado.

Formosinho (2009), alerta que, o processo de academização da formação de professores, dispõe-se alterar a preparação inicial, numa

formação teórica afastada das preocupações dos práticos do terreno. Os docentes, que assumem o seu papel profissional no curso como formadores assumidos, ou podem ignorar o contexto profissional e as dimensões profissionais no seu ensino. Num processo profissionalizante, a maioria dos professores assumem como formadores, por outro lado, no processo academicizante a minoria arrisca-se a assumir-se como formador.

Assim, os professores do currículo, de didáctica específica e de Prática Pedagógica, assumem-se como formadores e o professor mais profissionalizante é o professor de Prática Pedagógica (idem).

Na prática pedagógica final o professor requisitado é o supervisor institucional de formação que acompanha e orienta a Prática Pedagógica final e o professor cooperante (idem).

Na Prática Pedagógica inicial, os professores são ou docentes de terreno requisitados na instituição de formação ou professores de carreira universitária ou politécnica têm o seu enquadramento disciplinar nas áreas do currículo, da didáctica ou metodologias específicas, da teoria da supervisão de professores ou outras áreas das ciências da educação. Neste caso a interacção com outros docentes do curso é problemática Formosinho (2009).

Formosinho (2009) diz que a atribuição da Prática Pedagógica inicial, a professores de carreira, provém, da consciência do importante papel profissional desta componente no curso, e perceber se, a decisão está ao serviço de um processo profissionalizante ou de um processo academicizante na instituição de formação.

- **O estatuto dos professores de prática** na lógica de processo académico, apontará a lógica do estatuto descendente entre formadores não assumidos, já, os formadores assumidos são os de práticas. (Idem) A hierarquização concreta, depende da importância da lógica profissional, em cada instituição de formação, interactiva com outras causas, conforme o estatuto hierárquico e a posição formal na carreira docente, a visibilidade profissional, o prestígio na comunidade académica, o prestígio na comunidade profissional servida (Formosinho 2009).

Entretanto, o estatuto dos defensores do raciocínio profissional em cada instituição de formação, depende, de vários factores e reflecte o peso de cada uma das lógicas, na vida da instituição. A dificuldade da carreira académica dos professores de prática, depende de haver posições formais alocadas para áreas das didácticas ou metodologias específicas e de supervisão das práticas, pois, são áreas profissionalizantes do curso. Esta alocação, deve ser considerada um indicador da existência de lógica profissional, ou coexistência na instituição da lógica profissional com a lógica académica. (idem)

Professor cooperante, é aquele professor do terreno que recebe os alunos nas suas salas e os acompanha e orienta nas actividades de iniciação ao mundo da profissão docente (Formosinho, 2009). A importância do professor cooperante na formação prática dos futuros professores é primordial, pois, a construção de uma profissionalidade adequada e empenhada na apropriação da dimensão técnica, moral e relacional do desempenho profissional é insubstituível.

Formosinho (2009) alerta e estou de acordo que as instituições de formação não estão preocupadas com a formação específica do professor cooperante para desempenho adequado da função, acrescenta quanto mais académica for a cultura da instituição de formação, maior distância haverá entre as disciplinas curriculares e a Prática Pedagógica, pois, menor interacção e maior diferença de estatuto obterá entre os diversos tipos de formadores envolvidos.

Formosinho (2009) salienta que a docência é uma actividade intelectual, técnica, moral, relacional que ajuda simultaneamente a acção de ensinar e de cuidar, obrigando os professores a serem conceptualizados como agentes do desenvolvimento humano. No entanto, o mesmo diz, na sua actividade quotidiana a docência tem dimensões técnicas, dimensões artesanais, intelectuais e artísticas.

Segundo Alarcão e Tavares, (1996) supervisão é o processo em que um professor mais experiente e mais informado orientam um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.

Hoy Woolfolk (1990, citado por Garcia, 1999) relata que as práticas de ensino, continuam a ser o factor mais valorizado, tanto pelos professores em formação, como em exercício, em relação aos diferentes currículos formativos.

Griffin (1989, citado por Garcia, 1999) diz que existem múltiplos factores desconhecidos, em relação ao modo como se desenvolvem as práticas de ensino.

Zabalza, (1989, citado por Garcia, 1999) fala da hipertrofia funcional, pelo facto de se esperar demasiado dela, e que os professores em formação têm expectativas pouco realistas em relação a elas, porém, as práticas são uma simulação da prática, e não se pode esperar que elas gerem esse conhecimento prático que deriva da prática.

Feiman e Buchmann (1988, citados por Garcia, 1999), existem **limitações que as práticas de ensino têm como formação de professores**, reportam-se como lacunas na:

- a) Familiaridade, os professores já têm conhecimentos sobre o ensino antes de iniciar o seu processo de formação.
- b) Dois mundos, a incoerência entre o discurso académico e profissional, entre a universidade e a escola.
- c) Propósitos cruzados, as classes não são laboratórios, como limitações das próprias práticas para contribuírem para a formação dos professores.

Zeichner (1990, citado por Garcia, 1999) espelha outras **restrições que as práticas de ensino têm na actualidade e que influenciam o seu desenvolvimento** como:

- A concepção das práticas como uma aprendizagem não estruturada nem organizada, que se assume desde que coloquemos os alunos com bons professores.
- O programa, algo de bom ocorrerá, a ausência geral de um currículo explícito para as práticas e a frequente falta de ligação entre o que se estuda na escola dos Magistérios e o que os alunos se deparam nas práticas.

- A falta de preparação de supervisão dos professores supervisores tutores.
- O baixo estatuto das práticas nas instituições superiores, o que significa a falta de recursos e carga docente para os professores supervisores.
- A pouca precedência dada as práticas nas escolas primárias e secundárias.
- A discrepância entre o papel de professor como reflexivo e como técnico.

Garcia, (1999) diz e estamos de acordo que estas limitações identificadas por Zeichner são representativas das preocupações a nível nacional como internacional existentes em relação ao aperfeiçoamento da qualidade das práticas de ensino.

As práticas de ensino podem contribuir para a formação de professores quando responderem a determinadas condições Feiman e Buchmann (1988, citados por Garcia, 1999) entre as quais se destacam:

1-Que os professores em formação melhorem as suas disposições e competências para desenvolver a aprendizagem.

2-Que aprendam a questionar o que vêem, o que pensam e o que fazem.

3-Que vejam os limites da justificação das suas decisões e acções em termos de ideias relacionadas ou controlo da classe.

4-Que compreendam a experiência como um princípio em vez de a entenderem como um momento culminante na sua aprendizagem (Feiman e Buchmann, 1987).

Segundo Alarcão (1987,1996), Formosinho (2009), Ribeiro (2014), Pimenta e Lima 2010, ressaltam que existem etapas, modelos de formação e desenvolvimento profissional da prática pedagógica na formação dos professores que servem de alicerce para o funcionamento do trabalho.

. Estamos de acordo com os autores, para que o trabalho seja de qualidade é necessário conhecer o mesmo, dominar os conteúdos, cumprir

alguns parâmetros e etapas com alguma autonomia para o professor orientador desta fase de profissionalização do futuro professor.

CAPÍTULO II. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Este estudo enquadra-se no domínio de investigação sobre o perfil de competência do professor de prática pedagógica, no contexto do Ensino Superior.

A finalidade deste trabalho é dar a conhecer o perfil de competência do professor universitário, e o impacto da supervisão no processo de ensino aprendizagem no ensino superior no âmbito da Prática Pedagógica.

Procedemos ao plano de pesquisa que enunciava uma metodologia qualitativa Bogdan & Biklen, (1994).

Procedimentos usado na investigação:

1º momento dirigimo-nos a escola de formação com objectivo de levar uma carta a solicitar autorização para realização da investigação por questões burocráticas e demora na autorização para realizar a pesquisa devido ao tempo limitado, tivemos que seguir outros tramites contactando directamente alguns professores da escola que leccionam a disciplina de prática com o objectivo de observar algumas aulas e foi-nos cedido sem dificuldades.

2º momento da investigação a observação de aulas nas escolas de aplicação uma primária do ensino especial observando aulas de Língua Portuguesa e Matemática, e duas escolas do I ciclo do ensino secundário onde observamos aulas de Língua Portuguesa, pedimos autorização para gravar as aulas em vídeo não foi permitido a gravação de aulas para não haver constrangimento por parte dos alunos.

3º Momento da investigação, foi com entrevistas exploratórias aos professores da escola de formação de professores do Magistério Primário de Luanda para realizar um pré teste de análise das questões para possíveis correcções. Não houve necessidade de reajustar as perguntas pois os professores para o pré teste aprovaram sem sobressaltos. De seguida após a observação das aulas nas escolas anexas pedimos aos professores que nos cedessem as entrevistas. Os professores e estudantes observados prontificaram-se em fornecer os dados com base na entrevista sob anonimato,

para complementar os dados da observação, entrevistamos 7 estudantes, tivemos dificuldades porque a maior parte prontificou-se em participar nas entrevistas e tivemos que limitar 7 estudantes e 2 professores que orientam a prática pedagógica, devido a dificuldade de transcrever as entrevistas.

Houve também um 4º momento que foram feitas as transcrições de todas entrevistas.

O 5º momento foi a categorização dos dados por falta de experiência nesta técnica tivemos que nos deslocar ao encontro do tutor no exterior do país, esta etapa foi realizada com muitas dificuldade e angústias, começamos a categorizar os dados e vimos que faltavam alguns subsídios, tivemos que voltar a província para entrevistar o chefe de departamento de prática que também aceitou sem dificuldades. Foram feitos esquemas para ver se todos aspectos estavam referenciados, onde fez-se a divisão das entrevistas por temas de seguida os quadros com categorias e subcategorias.

É de ressaltar que entrevistamos três (3) grupos de participantes, os professores, alunos e chefe de departamento de forma a constituir um estudo aprofundado de três grupos alvos, partindo do contexto real que serão adicionadas às questões colocadas pelo quadro teórico, elaborando um guião que encerre todas as problemáticas levantadas.

Neste capítulo, apresentam-se as opções metodológicas seguidas durante a investigação, tendo em conta os objectivos da nossa investigação que é estudar o processo de supervisão e identificar o perfil do professor de prática pedagógica, optamos por uma investigação exploratória em contexto angolano, visto que há pouca investigação ou não há feita, a nível das práticas no Ensino Superior. Num contexto onde há pouca informação a explorar sobre o ensino superior em Angola, o tipo de metodologia que se recomenda é metodologia qualitativa.

2.1. Paradigma qualitativo

Escolhemos abordagem qualitativa porque a fonte directa de dados é natural. Segundo Bogdan e Biklen (1994), o tema investigação qualitativa agrupa diversas estratégias de investigação que partilham de determinadas

características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa rico em pormenores descritivos relativos a pessoas, locais e conversas e de complexo tratamento.

As questões a investigar não se determinam mediante a operacionalização de variáveis, mas sim com objectivo de investigar os fenómenos em toda complexidade e em contexto natural Bogdan & Biklen, (1994). A investigação qualitativa é descritiva, pois, os dados recolhidos são em forma de palavras. Os resultados escritos contêm citações feitas com base nos dados recolhidos para sustentar a apresentação. Os dados recolhidos incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, memorandos e registos oficiais (idem).

Os campos de estudo não são situações artificiais de laboratório, mas sim, interacções e práticas dos sujeitos na vida quotidiana (Flick 2005). Segundo (Flick, 2005) a investigação qualitativa tem como critérios centrais a fundamentação dos resultados obtidos no material empírico, na escolha e aplicação de métodos adequados ao objecto de estudo.

Análise qualitativa apresenta certas características e é válida para deduções específicas sobre um acontecimento e estabelece categorias discriminantes. O que caracteriza a análise qualitativa é a inferência sempre que é realizada ser consolidada na presença do índice e não sobre a frequência da sua aparição em cada comunicação individual Bardin (2011).

2.2. Modelo de Pesquisa

O nosso trabalho está assente no modelo de pesquisa não experimental, descritiva, não haverá manipulações de variáveis, nem temos hipóteses a serem confirmadas, apenas vamos procurar confirmar as questões levantadas.

2.2.1.Design: Estudo de caso

Design implica uma definição prospectiva da operacionalização da estratégia de investigação escolhida, envolvendo a justificação e caracterização do uso das técnicas, instrumentos, a caracterização do

sujeitos participantes, dos dispositivos e dos procedimentos Afonso, (2005).

Segundo Afonso, (2005) o design do estudo implica a tomada de decisões estratégicas sobre o contexto a estudar, uma instituição, os actores. A opção de recolha de dados escritos é sob a forma de registo descritivos e narrativos de observação, e o discurso dos actores em entrevistas. O design de estudo apresenta uma visão prospectiva detalhada do dispositivo a montar para a recolha e tratamento da informação empírica na concepção do questionário, a logística da sua aplicação aos procedimentos descritivos a mobilizar para previsão dos modos como a investigadora pretende analisar e interpretar os dados recolhidos. Afonso, (2005).

Segundo Yin, (1994) estudo de caso é uma investigação empírica, que se baseia no raciocínio indutivo (Gomez et al, 1996;) que depende fortemente do trabalho de campo Punch, (1998); que não é experimental (Ponte, 1994) que se baseia em fontes de dados múltiplos e variados, (Yin, 1994 citado por Coutinho 2011).

O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo de uma única fonte ou documento ou de um acontecimento específico Merrian, (1988 citado por Bogdan e Biklen, 1994). Recorremos ao estudo de caso porque permite preservar as características holísticas e significativas de acontecimentos da vida real. Yin (1994)

2.2.2.Contexto:

Tivemos, como contexto de desenvolvimento da pesquisa, uma escola superior pedagógica angolana do litoral do país próximo de uma ex: açucareira; como interlocutores professores universitários que se encontram em diferentes fases da carreira. A escola superior fica situada na zona urbana da cidade, na região norte do litoral, a população estudantil essencialmente rural, oriunda das zonas periféricas da cidade e da capital do país. A instituição é orientada pelo Decreto Presidencial nº 142/12 de 22 de Junho que aprova o estatuto orgânico da Escola Superior Pedagógica divulgada no Diário da República nº 119 de 22 de Julho de 2012 (Ngando Ciência 2013).

A Escola Superior está sob tutela do Ministério do Ensino Superior e possui uma autonomia científica, pedagógica, administrativa, financeira, disciplinar e patrimonial Ngando Ciência (2013). Na instituição existem 5 cursos de licenciatura em Ensino da História, Ensino da Língua Portuguesa, Matemática, Pedagogia e Psicologia. São vários os departamentos existentes na instituição: académico, gestão do orçamento, recursos humanos, Planificação e Estatística, intercâmbio internacional, Jurídico. Ngando Ciência (2013)

Há um gabinete do director, um gabinete do director adjunto para área académica, uma guarita, uma sala de professores, uma cantina, existem 14 Salas de aulas, uma Biblioteca, duas salas de informática, quatro quartos de banho para estudantes e funcionários, uma sala de leitura, um Departamento de assuntos académico (DAAC), uma Coordenação do curso pós laboral, um jardim na parte frontal da instituição.

Quanto ao capital humano na instituição há um total de 116 funcionários dos quais 69 trabalhadores são efectivos, 18 colaboradores e 29 administrativos. O quadro docente da instituição é constituído de 65 licenciados, 19 mestres e 3 doutores perfazendo um total de 87 docentes Ngando Ciência (2013). A instituição funciona em três turnos manhã, tarde e noite curso pós laboral. O estudo foi realizado com estudantes dos cursos de Psicologia e Língua Portuguesa do terceiro e quarto ano e professores de Psicologia, Língua Portuguesa e chefe de departamento de Prática/professor de Pedagogia.

2.3.Participantes do estudo

Tendo em conta o carácter da nossa pesquisa, envolvemos o pessoal docente e não docente de uma Escola Superior Pedagógica angolana, um chefe de departamento/professor de Pedagogia, dois professores de prática docente e sete estagiários.

Tivemos como contexto de desenvolvimento da pesquisa uma Escola Superior Pedagógica angolana, do litoral; e como interlocutores professores universitários que se encontram em fase inicial no Ensino Superior e exercendo

a docência há mais de 20 anos nas escolas do II ciclo do ensino secundário. A idade dos professores varia de 40 a 50 anos, sendo dois professores e uma professora. Os docentes investigados também trabalham em escolas do II ciclo. A seguir apresentamos o quadro com caracterização dos participantes do nosso estudo.

Quadro nº1. Breve caracterização do percurso profissional dos professores participantes no estudo.

Departamento de Prática pedagógica		P1	P2	CD
Idade		50	41	46
Sexo		M	F	M
Qualificação de base		Formação de professores INE Garcia Neto	Formação de professores INE Garcia Neto	Formação de professores INE Garcia Neto
Outra qualificação		Licenciatura Psicologia escolar	Licenciatura Antropologia	Licenciatura Pedagogia
		Mestrado Psicologia Escolar	Mestrado Ensino Língua Portuguesa /Literatura Africana	Mestrado supervisão e Gestão escolar
Categoria profissional		Efectivo	Efectiva	Efectivo
Percurso na docência	No ensino geral	28 anos	20 anos	22 anos
	No ensino superior	3 anos	3 anos	3 anos
	Outras funções	-	-	Coordenador de Prática pedagógica

Quanto aos **estagiários**, alguns são professores do ensino primário e I ciclo, outros exercendo funções no aparelho do estado. A maior parte dos estudantes investigados vive fora da província, sendo provenientes de Luanda.

Quadro n ° 2 Caracterização dos estagiários participantes no estudo

Estagiários	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7
Formação inicial	Médio Teologia	Médio Biologia /Química	Matemática /física	Instrução primária	Geografia/Hi stória	Instrução primária	Matemática/ Física
Ano	3ºano	3ºano	4ºano	4ºano	3º-ano	3ºano	4 ºano
Curso	E1- curso português	E2- curso de português	E3-curso Psicologia	E4 -curso Psicologia	E5- curso psicologia	E6 -curso de português	E7 Curso de português
Idade	26	22	50	27	45	25	29
Sexo	M	F	M	F	M	F	M
Qualificação /Ciclo Classe que lecciona	-	-	-	Ensino especial 2ª classe	-	Ensino primário2ª classe	7ª Classe
Categoria profissional	-	-	-	Professora primária	-	Professora primária	Professor de I ciclo Educação Física
Anos de experiência no ensino	-	-	-	3 anos	-	1 ano	4 anos

2.4. Técnicas de recolha de dados

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram entrevista semiestruturada e observação de aulas e diário de bordo.

Tendo em conta os objectivos do nosso estudo, fizemos recurso a entrevista porque achamos o mais adequado. Segundo Morgan, (1988 citado por Bogdan e Biklen, 1994) entrevista consiste numa conversa intencional entre duas pessoas ou mais com objectivo de obter informações. A entrevista varia conforme o grau de estruturação em estruturadas e não estruturadas.

Optamos pela entrevista semi-estruturada seguida de um guião de entrevista com perguntas abertas aumentando a estruturação para evitar que o quadro de referência do entrevistador se imponha as opiniões dos entrevistados (Flick 2005).

O êxito na realização da entrevista depende da competência do entrevistador, na tomada de decisões necessárias nas situações de entrevistas e que as especificações das questões sejam claras ajudando o entrevistado a descrever as situações (Flick, 2005). A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, de maneira a permitir ao investigador desenvolver uma ideia sobre a forma como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (Bogdan e Biklen, (1994).

As boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem a vontade e falarem sob os seus pontos de vista, produzem uma riqueza de dados recheados de palavras que revelam a perspectiva dos respondentes (Biggs, 1996, citado Bogdan e Biklen, 1994)

No entanto um dos critérios usados na entrevista foi a amplitude que visou a garantia que todos aspectos e temas relevantes da investigação fossem referidos Klick, (2005). É de ressaltar que as perguntas abertas deram lugar a novas perguntas, temas ou mudanças de temas para esclarecer e aprofundar aqueles que não foram bem referenciados e com a observação das aulas com o máximo de comentários (idem).

As entrevistas colocaram-nos em contacto com a realidade do dia-a-dia, dos cursos pesquisados, fizeram compreender melhor a forma como actuam os professores e alunos no processo de ensino aprendizagem. O guião de entrevista contém diversas áreas temáticas, e inicia com uma pergunta aberta e terminada com uma questão confrontativa onde as respostas são dadas com base nos conhecimentos imediatos do entrevistado Flick, (2005).

Vantagens da entrevista semi- estruturada:

Segundo Flick (2005) existem varias vantagens que o investigador pode aproveitar como: - a função protectora do guião, para enfrentar a incerteza de uma situação de conversa aberta indefinida;

- o receio do entrevistador falhar as metas da investigação e deixar de lado um assunto;

-o dilema entre a pressão do tempo e o interesse do investigador na informação;

Depresbiteres e Tavares (2009) dizem que uma grande vantagem da entrevista é permitir a captação imediata e continua da informação desejada e ainda o aprofundamento de alguns aspectos colectados de maneira superficial.

Desvantagem da entrevista semi-estruturada:

O entrevistador não pode emitir juízos, nem gesticular, foi uma grande dificuldade para nós, Depresbiteres e Tavares (2009) dizem que o entrevistador deve evitar perguntas directas.

O guião de entrevista foca aspectos referentes aos diversos temas e contém quatro blocos temáticos. O primeiro destina-se à caracterização dos entrevistados, por isso, visa, a recolha de dados pessoais e profissionais. Com o segundo, terceiro e quarto bloco temáticos, pretendemos obter indicadores do perfil de competências do professor de Prática Pedagógica. É de ressaltar que as entrevistas realizadas aos professores e alunos foram gravadas com o seu consentimento. Ver anexo nº 10,11 e 12

O guião de entrevista foi construído da seguinte forma:

Quadro nº 3 guião de entrevista

Bloco	Objectivo
A	Conhecer o entrevistado e apresentar o estudo.
B	Analisar a importância da formação, funções do professor, Formação profissional.
	Compreender como é feito o processo de supervisão da Prática Pedagógica no Ensino Superior.
C	Descrever o impacto da supervisão no desempenho do professor, a satisfação, as dificuldades encontradas e mudanças propostas pelos professores a efectuar na supervisão e orientação das práticas.
D	Analisar as Competências do professor do ensino superior, para exercer a docência e os critérios de admissão.

Quadro nº4 Relação entre as questões de investigação, entrevista e o problema dos professores

Problema de investigação	Questões de investigação	Questões de entrevista
Desfasamento entre o quadro teórico e o perfil encontrado no terreno	- Quais as concepções dos professores de prática docente/supervisor, da instituição de formação acerca do processo de supervisão pedagógica, nos cursos de Formação? - Que competências são identificadas pela Instituição de Formação (Supervisora Institucional), para a selecção dos Supervisores da prática docente na escola de formação?	1-Como descreve as suas funções/deveres enquanto docente do ensino superior? 2- Acha que qualquer pessoa pode ser docente no ensino superior? 3-Teve alguma formação para supervisionar a prática ou o estágio? 4-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma. 5- Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor? 6 – Quais as competências desejáveis para construir um perfil de professor de prática nos tempos que correm? 7– Partindo do desenho de perfil que está a indicar, é de opinião que é possível encontrá-lo na realidade ou será uma idealização? 8-Considera que é possível definir um perfil de professor? 9- Se tivesse oportunidade de alterar o processo de supervisão do estágio o que mudaria? Porquê?

Quadro nº 5 Relação entre as questões de investigação, entrevista e o problema dos estudantes

Problema de investigação		Questões de investigação	Questões de entrevista
Perfil de competência do professor de prática pedagógica	•	- Quais as concepções dos Estudantes acerca do processo de supervisão pedagógica, nos cursos de formação de professores? - Que competências são identificadas pelos Estudantes do curso de formação, como facilitadoras do processo de supervisão pedagógica e de aprendizagem da profissão?	1-Como aluno estagiário acha desempenhar este trabalho, de práticas, é necessária formação? 2-Na sua opinião acha que o prática têm preparação para realizar? 3- Quais são as características e considera importante no processo? 4-Acha que qualquer professor de prática ou orientador de estágio O mesmo necessita de formação área? Onde deve fazer esta formação o mesmo? 5-Acha que os supervisores dificuldades na orientação do estagiário? 6- Como caracteriza o trabalho de prática realiza consigo? 7- Na sua opinião, o que é um para os estagiários? O que é que tem que ter/saber/ 8- Os estudantes vêm da escola as teorias e quando chegam aos vêm-se confrontados com a prática do orientador de estágio junto do importante? Porquê

Quadro nº 6 Relação entre as questões de investigação, entrevista e problema do chefe departamento/professor de pedagogia

Problema de investigação	Questões de investigação	Questões de entrevista
Desfasamento entre o quadro teórico e o perfil encontrado no terreno	• Quais as concepções dos professores / chefe de departamento da instituição de formação acerca do processo de supervisão pedagógica, nos cursos de Formação? • Que competências são identificadas pela Instituição de Formação (Supervisora Institucional), para a selecção dos Supervisores da prática docente na escola de formação? • Que competências são identificadas pelo chefe de departamento como indispensáveis para o desempenho da função de supervisão pedagógica?	1- Quantos departamentos existem na instituição? 2- Como é feita a supervisão das práticas? 3- Os professores que leccionam a p p receberam alguma formação na área da supervisão para orientar? - 4- O departamento de Prática Pedagógica tem algum programa de estudo? 5- Os cursos que têm área de prática pedagógica PP têm um programa de estudo específico? 6 Como é feita a planificação da prática pedagógica? 7- Os professores reclamam do elevado número de alunos 45 para um orientador como fica? 8- No curso de psicologia os estudantes vão fazer prática numa escola especial com aluno do ensino primário serão professores de psicologia ou professores primários? a) É uma contradição quando ele recebeu metodologia para ensino de psicologia e vai praticar as metodologias do ensino primário? Ele pode trabalhar com o nee sim, mas dando aulas no ensino primário não é uma contradição? b)Mais a realidade não diz isto? 9- Os alunos mestres receberam metodologias para trabalharem com crianças do ensino primário? 10- O estatuto da carreira docente propõe para selecção dos professores que seja admitido bacharel e desde que tenha media14 valores pode ser admitido, como fica? a) Principalmente na escola de formação de professores? 11- A selecção dos professores universitários no Brasil e Portugal no mínimo deve ter mestrado e doutoramentos e obras publicadas. a) No nosso contexto, a investigação não é tida em conta?

A observação é a competência que integra a percepção visual, auditiva, tátil e olfáctica tem como objectivo a recolha de informação, Adler e Adler (1983 citado por Flick 2005) Denzin (1989, citado por Flich 2005) destaca a observação participante como uma estratégia de campo que combina vários elementos, a análise documental, a entrevista de sujeitos e informantes, a participação e observação directa.

As observações das aulas foram feitas em três escolas da província sendo uma do ensino especial e duas do I ciclo do ensino secundário, onde observamos as aulas dos estudantes sob supervisão dos professores cooperantes e supervisores da Prática Pedagógica.

Na escola do ensino especial, os futuros professores do curso de psicologia trabalharam com crianças com deficiências auditivas, de fala e com transtornos mentais graves e ligeiros.

O diário de bordo foi o instrumento usado com objectivo de registar as notas retiradas da observação no campo Bogdan e Bicken, (1994 citadas por Coutinho 2011). A mesma afirma que, essas notas são os relatos escritos daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha de forma reflectida sobre os dados de um estudo qualitativo.

Neste contexto tivemos em conta na observação das aulas o seguinte: a caracterização da turma, as planificações realizadas pelos estagiários, conteúdos e objectivos alcançados durante a realização das actividades, que estratégias de ensino usadas, tarefas a serem realizadas pelos estudantes, avaliação efectuada pelos supervisores aos alunos e o tipo de comunicação efectuada com os mesmos.

Os estudantes do terceiro e quarto ano do curso de psicologia leccionaram no ensino especial as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática no mesmo dia, no período da manhã com crianças da 1ª e 2ª classe e no período da tarde 3ª e 4ª, as aulas práticas eram leccionadas uma vez por semana. Quanto a observação das aulas, Depresbiteris e Tavares (2009) dizem que o docente pode verificar qual o desempenho cognitivo do educando e intervir de maneira formativa, orientando os possíveis problemas encontrados e estimulando o processo permanente da resolução da tarefa.

Na observação das aulas no ensino especial tivemos em conta a metodologia usada em sala de aula, comportamento e o tratamento dado as crianças no ensino primário, conteúdos leccionados e comunicação usada em sala de aula. Vianna (citado por Depresbiteris e Tavares, 2009) dizem que ao observador não basta olhar, deve saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interacções e processos humanos. Observar não é uma tarefa fácil, exige sair de si mesmo e ver o outro, seleccionar informações, fazer diagnósticos, ordenar e decidir.

Segundo Depresbiteris e Tavares (2009) a função da observação é a recolha de informações sobre um objecto. A observação é definida como tipo de percepção cuja característica fundamental é a intencionalidade, pela qual a pessoa pensa o que circunda. O olhar do investigador é agressivo, activo, porque está ocupado com uma vontade de investigação precisa. O observador procura sempre compreender algo sobre o fenómeno que está analisando.

Depresbiteris e Tavares (2009) dizem que a observação requer inteligência, vontade e estratégias. A observação deve ser sistemática, planificada, premeditada, propondo com resultado, informações ricas e precisas sobre o que observam. O pressuposto da observação é gerar informações detalhadas e aprofundadas sobre o desempenho do educando e do professor atribuindo carácter sistemático e intencional.

Vantagem da observação:

Permite obter uma grande quantidade de dados que não seriam possíveis com outra técnica.

Desvantagem da observação na visão Bogdan e Bicken (1994) o investigador é um instrumento de recolha de dados, é importante que esteja atento ao comportamento do observador, suposições e que possam afectar os dados que são recolhidos e analisados. Depresbiteres e Tavares (2009) acautelam que deve-se evitar generalizações e interpretações apressadas, ser imparcial, evitar emitir juízos subjectivos, mantendo contacto com o observado, no nosso caso foi uma desvantagem porque vimos muitos erros que poderiam

ser evitados, enquanto investigadora não pude proferir nenhuma opinião serviu de grande desvantagem.

- O facto de alguém perceber que está a ser observado por outra pessoa afecta a maneira como habitualmente se comporta em determinada situação. Wilkinson (citado por Depresbiteres e Tavares (2009).

2.5. Técnicas de tratamento de dados

Segundo Bardin (2011, p. 40), **análise do conteúdo** é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens. A sua finalidade é a descrição objectiva sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação.

Nesta fase Bardin (2011), diz que o investigador tem como função escolher os documentos a serem submetidos a análise, formulação dos objectivos e elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final.

Segundo Bardin (2011), a codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, permitindo uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo.

Análise do conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça Bardin (2011). O mesmo diz que um bom analista é alguém cuja capacidade de categorizar está desenvolvida. A análise de conteúdo assenta indirectamente na convicção de que a categorização, passagem dos dados brutos a organizados não introduz desvios no material, mas que dá a conhecer. Bogdan e Bicklen (1994), dizem que análise dos dados é processo de busca e organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram acumulados com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão destes mesmos materiais e apresentar aquilo que encontrou. A análise abrange todo o trabalho com os dados, sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta de aspectos importantes e do que deve ser aprendido e decisões transmitidas aos outros.

Segundo Bogdan e Bicklen (1994) dizem que categorias de codificação são palavras e frases que representam tópicos e padrões. O desenvolvimento de sistema de codificações envolve vários passos:

- percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões;
- tópicos presentes nos dados;
- escreve palavras e frases que representam estes tópicos e padrões.

A técnica de análise do conteúdo é um método muito empírico, depende do tipo de fala, a que se dedica, e do tipo de interpretação que se pretende como objectivo. No caso de descodificação e respostas a perguntas abertas do questionário as respostas, o conteúdo é avaliado por temas.

A análise do conteúdo é o conjunto de técnicas de análise das comunicações. Primeiro é necessário sistematizar o conjunto e o tipo de comunicações segundo dois critérios:

- a quantidade de pessoas implicadas na comunicação;
- a natureza do código e de suporte da mensagem.

Segundo Bardin (2011) o tratamento descritivo constitui a primeira fase deste procedimento. A característica sistemática e objectiva são específicas da análise de conteúdos.

Regras das categorias de fragmentação da comunicação segundo Bardin (2011) são as seguintes:

- homogéneas e não se misturam;
- exaustivas não esgotam a totalidade do texto;
- exclusivas um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado em duas categorias;
- codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais;
- adequadas ou pertinentes devem ser adaptadas ao conteúdo e ao objectivo Bardin (2011).

Da análise da temática da contagem de um ou vários temas ou itens de significação numa unidade de codificação determinada. (idem) No entanto realizamos a leitura flutuante e a escolha dos documentos,

No entanto, Bardin (2011) diz que as boas categorias possuem qualidade quanto a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objectividade, a fidelidade e a produtividade. Os resultados em brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos.

Os documentos que mereceram a nossa atenção foram a lei de base sobre o sistema de educação e o estatuto da carreira docente no ensino superior da universidade Agostinho Neto. Foram analisados com perspectiva de encontrar indicadores sobre a formação de professores e o perfil de competência do professor do ensino superior e selecção dos mesmos.

2.4. Questões de ordem ética

Para realização do nosso trabalho, escolhemos o grupo alvo em função do tipo de investigação que pretendemos realizar. Mas, a amostra obedeceu já a vontade dos que quiseram dar o seu contributo para a nossa investigação, isto respeitando a vontade de cada um em querer ou não participar da pesquisa. Utilizamos, para a recolha dos dados, entrevista semi-estruturada; tendo sido dado garantias de ordem ética no sentido de não divulgação dos nomes das fontes. Bogdan e Bicken (1994)

A característica mais importante do investigador deve ser a sua devoção e fidelidade aos dados que obtém (idem). Segundo Sousa e Baptista (2011) é necessário proteger os participantes da investigação de qualquer dano ou prejuízo que possam decorrer do resultado da investigação sob a forma de anonimato dos participantes e da instituição.

CAPÍTULO III. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1. Análise dos dados dos estudantes resultantes das entrevistas

Neste capítulo, vamos descrever os resultados do estudo tendo em conta as questões levantadas, que emergiram da análise de conteúdo das categorias seguintes: Da nossa investigação surgiram 2 categorias principais de análise de dados dos alunos que são Professores de PP/Preparação do trabalho e desempenho do professor universitário.

O quadro nº 7 apresenta resumidamente as categorias e subcategorias que emergiram da análise dos estudantes.

Categorias	Subcategorias	Contagem da análise dos elementos
Professor PP preparação para o trabalho	Características do professor para orientar	16
	Que competências	10
	Características chaves	7
	-Quem deve ser professor de PP	6
	-Que formação	
	-Onde fazer a formação	
Desempenho do professor universitário	Importância da formação	7
	Satisfação com a supervisão	7
	Dificuldades na supervisão vividos pelos professores	11
	Desvalorização dos professores	1
	Relação da teoria c/ a prática	7

3.1.1. Professor de prática pedagógica/ preparação para o trabalho

Dentro da categoria Professor de PP/Preparação do trabalho onde os estudantes descrevem surgiram 4 subcategorias que são: características do professor para orientar, que competências, características chaves que o professor deve possuir, quem deve ser professor de p p, que formação/onde fazer a formação. Aquela que aparece com mais relevância é a característica para orientar.

- Características / competências na visão dos estudantes

Sem dúvida, o professor necessita de um perfil com características adequadas, para orientar a Prática Pedagógica sendo uma área chave na formação dos futuros professores. É de salientar que a falta de características adequadas por parte do supervisor de prática, periga de que maneira todo um processo, onde cada uma das etapas são primordiais para o alcance dos objectivos. Nesta subcategoria, os alunos reconhecem as características importantes do professor, pela leitura feita a maioria dos entrevistados indica que para desempenhar o seu trabalho com êxito deve ser *“muito paciente”* E5 já dois divergem dizendo que *“deve ter domínio da matéria e competência da área”*. E1 O outro afirma *“não é aquele que tem domínio do conteúdo, mas aquele que é capaz de transmitir o que ele domina da melhor forma.”* E4 Assim *“tem de ser alguém capaz de orientar os estudantes da melhor maneira possível”* E1. Se avalia, *“deve saber colocar-se no lugar do próprio estudante, pensar tal como ele, que, estar lá em frente não é fácil”* E2 e o mesmo *“deve ser coerente”* E4 na forma de analisar *“é aquele que sabe corrigir onde está errado e tem que ter conhecimentos porque é difícil corrigirmos ... uma pessoa que não tenha conhecimento na devida área”*. E5 Como *“é essencial que o professor não seja aquela pessoa de deixar passar, mas desde que aprenda a conhecer as dificuldades dos estudantes, de modo que, possa compreender a situação e o que o estudante falhou ou poderia ter feito alguma coisa”* E6 assim sendo *“deve ter competência linguística e comunicativa”* E7.

Na realização da prática pedagógica, o professor deve possuir competências específicas para orientar, já que, é um dos baluartes na

qualidade que se espera de forma que os seus supervisionados ajam de forma reflexiva. Para ter um perfil de competências com as qualidades exigidas os estudantes na sua maioria afirmam que deve:

“Ter domínio da matéria que vai leccionar, ter pressupostos necessários para ter êxito no seu trabalho”E1 para isso “é fundamental a perícia pedagógica e ter domínio da Pedagogia...”E2 deve”... ser um indivíduo orientador e tenha capacidade de corrigir os alunos e saber encaminhar a aula sempre que se desviar,”E3 de maneira a ser uma “pessoa crítica, e propõe melhorias.”E4

Por outro lado, o estudante 5 diz que “deve ter paciência..., disciplina ... a capacidade de encontrar os erros, porque pessoas há que estão aí, mas não conseguem detectar onde está certo e errado.” Já o estudante 6 afirma “deve ser um exemplo... conhecer... Metodologia, Didáctica e até mesmo os princípios didácticos, com estes conhecimentos ser-lhe-á mais fácil transmitir aos alunos tanto na teoria como na prática.” A professora 2 afirma “acredito que, primeiro o professor deve ter uma formação, para ter bases naquilo que vai poder leccionar, porque, como orientador ele deve estar preparado para orientar e corrigir o estudante. ”A estudante7 completa “saber orientar, ter conhecimentos desta área... elaborar uma aula, saber planificar uma aula, traçar bem os objectivos, conteúdos. Um professor de prática de ensino de Língua Portuguesa é necessário que tenha domínio do Língua Portuguesa...”E7.

- Características chaves do orientador para os estudantes

A próxima subcategoria, que surgiu dos nossos dados, foi que características chaves deve possuir o orientador para exercer o seu trabalho, a maior parte dos estudantes afirmam que podem ter várias características básicas excepto três. Esta categoria pode ser vista com enxertos dos estudantes.

O estudante 1 revela que *“deve ter domínio da matéria que vai leccionar” para adquirir”... a perícia pedagógica, ter domínio da Pedagogia e saber como se deve transmitir uma aula”E2 com vista a”... ser um indivíduo*

orientador, tenha capacidade de corrigir os alunos e saber encaminhar a aula sempre que se desviar”E3

-Orientador de Prática Pedagógica na visão dos estudantes

Outra subcategoria, que surgiu com bastante relevância dos nossos dados, foi quem deve orientar a prática pedagógica, que formação os professores orientadores devem receber e onde é que devem fazer esta formação.

Qualquer indivíduo não deve exercer a docência como se tratasse de uma coisa banal, é necessário possuir um perfil de competências desejáveis ao nível em que vamos trabalhar.

Para orientar a prática pedagógica têm que ser especialistas para que o processo corra com segurança, como relata a estudante 4 ... *“a orientação da prática deve ser para pessoas que tenham uma certa característica, pessoas mais abertas a crítica, dinâmicas como a professora L, nem todos têm a mesma característica. Eu acho que o professor tem formação, agora se precisa de”*

“uma retro alimentação precisa de formação na área de Prática, porque algumas coisas estão sendo ultrapassadas com o tempo e temos que inovar seguindo esta dinâmica, ” a maioria dos estudantes, afirma que, o professor deve fazer esta formação nos Magistérios, ISCED e escolas superiores.” Excepto o estudante 5 que descreve *“Na província há certas dificuldades de instituições, porque várias instituições que temos, têm as suas especializações em outras áreas, enquanto, ainda não temos áreas próprias da prática pedagógica, esse professor deve estar dotado desses conhecimentos”.*

3.1.2. Desempenho dos professores na perspectiva dos estudantes

A próxima categoria, que subsaía dos nossos dados, foi o desempenho dos professores, que abarca as seguintes subcategorias: importância da formação, supervisão/dificuldades vividas, satisfação com a supervisão feita pelos professores, desvalorização da profissão e relação com a teoria e prática.

- Importância da formação

Assim, outra subcategoria com bastante interesse é a importância da formação pedagógica na especialidade de supervisão e orientação da Prática; nesta subcategoria é de salientar que, a maioria dos estudantes reconhece a importância da formação pedagógica para o desempenho do professor universitário com a segurança necessária, é uma mais-valia para a qualidade de ensino que se exige nos tempos actuais.

Esta subcategoria pode ser vista ou observada nos seguintes excertos dos estudantes, *“em princípio, nós estamos aqui para sermos formados, acho que o objectivo é para adquirir os conhecimentos que os professores vão nos transmitir, cumprir com aquilo que os professores transmitem, não necessariamente que tenhamos uma formação.”*E1 *“Eu penso é indispensável, porque, se ele está cá para ensinar uma determinada cadeira, deve ter noção ou pelo menos domínio do que ele vai ensinar. Não pode dar uma cadeira que não tenha domínio, então achamos necessária formação na área ou pelo menos um curso preparatório nesta mesma cadeira.”* E2 *“É necessário que o professor tenha essa formação, porque ele tem que dominar as técnicas básicas para poder dar uma aula em condições e os alunos poderem perceber aquilo que o professor queira transmitir é necessário que seja formado.”* E3 *“É necessário que tenha formação porque se tiver formação específica para área de prática estará em condições de verificar melhor os nossos erros e ajudar a melhorar também.”* E4 *“De facto, hoje, a especialização é uma área que requer uma certa formação, certos conhecimentos que vão permitir com que este indivíduo exerça a sua profissão com excelência e sem a formação, de facto terá uma dificuldade no exercício das suas funções ou tarefas.”*E5 *“...é essencial que, para se ensinar língua o professor tenha conhecimento da própria língua, o que vai ensinar, as suas funcionalidades e os seus campos de actuação...”* E6 *“O professor é um mediador do processo de ensino aprendizagem, para o professor estar na sala de aula é necessário que tenha uma formação específica, para que o processo de ensino aprendizagem corra bem.”*E7

No que tange a supervisão, podemos deparar vários obstáculos desde a planificação, organização, gestão e execução das actividades docentes não se efectiva como deve ser.

- Satisfação com a supervisão feita pelos professores

No que concerne a subcategoria satisfação com a supervisão feita pelos professores, surgiram três subcategorias; uma positiva, negativa e razoável. Os estudantes enaltecem o elevado índice de satisfação apesar das dificuldades vividas.

Há apreciações positivas, os estudantes reconhecem as dificuldades a ultrapassar, como pode ser vista ou observada nos seguintes enxertos: *“Acho que tem sido uma boa orientadora, apesar de alguma dificuldade que não falta.”*E1 *Efectivamente o estudante 2 diz* *‘ela tem feito um esforço muito grande, porque não é fácil lidar com diferentes alunos principalmente eu, como alunos teimosos, acho que os colegas dizem isto de mim, que sou chata e teimosa é porque ainda não soube separar os conhecimentos do ensino médio e superior.’* Nesta senda, outro estudante refere *“positivo muito bom,* E3 o outro afirma: *“para os meus professores, de facto, eles têm sempre aquele acompanhamento que fazem connosco.”*E5

Já a estudante que auxilia a professora diz *“ É uma experiência nova, porque é uma ponte que me facilita conhecer de perto os colegas e suas capacidades, também manter os seus valores, esta proximidade não do ponto de vista pessoal, mas do ponto de vista científico”*.E6 Desta senda *“tem sido muito bom porque estamos a melhorar muito, visto que muitos vieram de cursos diferentes do ensino médio e estamos aprender muita coisa com a professora.”*E7

Também existem estudantes que não estão satisfeitos com a supervisão feita pelos professores, como afirmam a estudante 2 *‘ nós como recebemos já uma formação de Prática Pedagógica no ensino médio, achamos que é só complementar e não é bem assim... já é diferente então lidar com essas duas coisas ao mesmo, tempo têm sido um pouco difícil.’* E2 já estudante 4 refere *“ Muito presos as técnicas passadas.”*

Uma outra estudante está pouco satisfeita com o trabalho desempenhado pelos professores quando afirma que o trabalho é “*razoável, porque senti mais a prática quando nós tivemos introdução da professora L, porque eu em particular sabia que o professor T é fraco, e fomos fazendo as práticas e dávamos aulas não fazia críticas a partir do momento que professora começou, já havia assistência as aulas e houve inovação e havia coisas que começaram a ser limadas.*” E4 Podemos complementar com a observação feita no terreno, comprova que os professores não dominavam as metodologias e dificilmente faziam análise e reflexão das aulas assistidas.

- Desvalorização da profissão

A subcategoria associada a desvalorização da profissão dos professores o estudante 3 afirma o seguinte: “*mesmo que a instituição não esteja preparada para ... formar professores, caso este professor tenha domínio, saiba transmitir esses ensinamentos, acho que pode ser professor.*” E3

- Dificuldades vividas pelos estudantes

Os orientadores, ao supervisionar a prática pedagógica, depararam-se com muitas dificuldades, podemos ver nos depoimentos dos estudantes. Os excertos abaixo nos confirmam: “*A má planificação a partir do departamento em relação ao momento ideal que deveríamos estar ou frequentar a prática na escola anexa dificultou a professora a fazer com que todos alunos tivessem o mesmo número de aulas de modo a ver quais são as habilidades dos estudantes.*” E6.

O estudante 1 retorquiu “*Se o professor não estiver seguro daquilo que ele transmite pode causar de facto dificuldades para os alunos*”. E1

Nesta senda ... “*o professor de estágio tem algumas dificuldades em função das diferentes características que os alunos apresentam, existem alguns alunos que adquiriram conhecimentos que trazem consigo...nas classes anteriores, de certa forma divergem com os conhecimentos que os professores trazem*”. E1

O estudante 5 reagiu assim” *no primeiro, segundo e terceiro... o professor perde um bocado de paciência, ele deixa isso para continuar assim.”* E5

A estudante 4 finaliza que, o professor está *“muito preso às técnicas passadas e precisam de inovação; exemplo há coisas que eu trouxe para a prática e na minha escola são modelos a seguir a rigor”*.

O professor deve desempenhar todos papéis enquanto permanecer na escola anexa como realizar todas actividades referentes ao processo de ensino aprendizagem, planificar e construir meios de ensino adequados, elaborar e corrigir provas, entre outras actividades, e não só na prática em lectiva, mas também na investigação da realidade em que está a trabalhar e na construção da sua própria aprendizagem. *“Certo porque os alunos vêm cá já de algumas instituições onde já fizeram formação de professores de Ensino Médio, estão cá, para complementar esta formação, cabe ao professor lidar com esse tipo de alunos e há também os que não”*.

*“receberam formação de professores no ensino médio os que vieram também com o fim de ensinar.”*E2

Assim, *“ lidar com essa diversidade de alunos e os que vieram de determinados cursos, então ele deve conciliar para a matéria, e formação.”*E2 Mas *“são dificuldades normais de qualquer ser humano, todos eles têm, do ponto de vista pedagógico, não têm porque conseguem transmitir aquilo que é necessário.”*E3 por conseguinte *“Certas limitações como parte positiva e negativas, é relativo do professor quando ele detecta um erro tenta perder paciência.”* E5 Visto que *“ há dificuldades que o professor de prática enfrenta no domínio do conhecimento é na motivação, desenvolvimento e consolidação...”* E7 mesmo assim, *“uma dificuldade é a quantidade de alunos, tem dificultado a professora trabalhar com todos.”*E6

- Relação da teoria com a prática na visão dos estudantes

Outra subcategoria, com bastante relevância espelhada pelos estudantes e professores, foi relação da teoria com a prática; nesta

subcategoria pretende saber como conciliar a teoria com a prática. Existe um momento em que os conhecimentos teóricos devem ser articulados com prática, no nosso contexto não se evidencia como deve ser. Antes de o estagiário seguir para o terreno, deve haver uma preparação a nível da observação dos contextos, planificação de aulas, situações docentes, seminários, jornadas pedagógica permitindo que todas as disciplinas do currículo do curso de formação de professores sejam aplicadas. Os estudantes e professores são da seguinte opinião:

Pela análise feita o estudante 1 afirma *“em princípio o orientador quando depara-se com caso de género, em que os estudantes trazem consigo conhecimentos das classes anteriores, o orientador tem que valorizar os conhecimentos que eles trazem, depois e apresentar certas propostas...”* por outro lado o estudante 2 afirma *“é fulcral que se tenha a teoria e prática, pelo menos no primeiro semestre ou dois primeiros meses deste ano tivemos com a teoria de como se dá aula, pegar nesta teoria e juntar a prática é que tem dificultado”*

Será que é isso?” A teoria é só ler e responder as questões, agora estar lá no campo e ter de realizar a prática é que é complicado, essa dificuldade que o aluno terá provavelmente pode afectar o professor, mas o professor está munido” *“de conhecimentos e Práticas Pedagógicas, ou perícia pedagógica que lhe vão ajudar na orientação correcta dos estudantes.”* Já um outro estudante realça *“como em qualquer especialidade, a teoria são os inputs necessários e é mais difícil porque vem com a experiência. Os estudantes debatem-se com conteúdos científicos que lhes dão na prática, é um bocado mais difícil, então é com o decorrer da prática”*

“ou com realização de várias práticas, que os alunos aprendem a fazer como exemplo um engenheiro licenciado em engenharia electrónica, se ele não for praticar electrotecnia, não vai saber o que é uma lâmpada e muito menos saber ele” “deve saber o que é o curto-circuito na folha, mas os efeitos e como realizar esse curto-circuito ele não sabe, é com a prática que ele vai aprender.”E3

Por outro lado o estudante 5 descreve *“a teoria é uma coisa e a prática... é outra; enquanto na teoria lidamos apenas com meios de ensino como a nossa lapiseira o nosso caderno e os nossos livros, mas na prática estamos lidando com indivíduos de níveis”*

“diferentes e com conhecimentos diferentes. Como a nossa missão é transmitir ou partilhar os nossos conhecimentos com esses indivíduos, por isso, da parte do professor como orientador desses alunos, primeiro deve preparar o aluno psicologicamente porque vai encarando um” “auditório e esse aluno deve estar preparado psicologicamente, situações há que acontecem, essa pessoa é muito eloquente no bairro, quem sabe na rua fala bem mas diante de um público ele põe consigo o medo, por isso, um desses elementos deve ser quebrado é o medo”

Já o estudante 6 exprime *“nessa tendência, ao aplicarmos a teoria na prática, há sempre rasuras que não conseguimos completar; totalmente a professora procura verificar a aplicabilidade da teoria à prática que o estudante está a fazer, se esse estudante estiver a cumprir com os objectivos” “a professora deve fazer uma boa avaliação, caso contrário a professora vai ajudar este estudante para que da próxima vez, não cometa os mesmos erros com palestras, aulas modelos, e a sua experiência das aulas práticas de outros colegas.”* Por isso, *“quando os estudantes chegam às práticas acabam por esquecer e aquele medo que apresentam, alguns até não chegam a cumprir, e não conseguem atingir os objectivos a professora tem chamado atenção a esses estudantes, que apresentam esses problemas e corrige as falhas dos estudantes.”E7*

Assim não havia uma pré-preparação do trabalho antes de os estudantes partirem para o terreno como confirma a estudante que tem sido muito desgastante”... *quando viemos para prática os professores orientam a preparar um plano, sem antes ter visto um modelo, é que cada um arranja na escola onde está, ou colega e desta vez de forma meio que”*

“arrojada viemos fazer a nossa prática. Depois da aplicação da prática ouvimos as críticas e como devia ser, não há uma preparação e estamos a ir directo para a prática.”E4.

3.2. Análise Das Observações Feitas Aos Estudantes

3.2.1. Dificuldades descobertas na orientação das práticas

Analisando os resultados podemos confirmar com a ficha de observação “no curso de Psicologia estudantes 3º ano assistiam as aulas, do início ao intervalo aula de Língua Portuguesa com alunos da 1ª classe e, depois o segundo grupo das 10h30 as 12h aulas 2ª classe disciplina de Matemática. No período oposto os estudantes do 4ºano leccionavam com a 3ª e 4ªclasse.

Os estudantes do curso de psicologia no terreno leccionavam as aulas de Língua Portuguesa e Matemática sem o devido preparo, pois os mesmos não receberam as metodologias do ensino especial e primário e ficavam aflitos e não sabiam onde tirar as dúvidas.

Podemos comprovar com a ficha de observação que o elevado número de alunos, e o horário da escola superior não coaduna com o ensino geral. Uma das constatações nas nossas fichas de observações, era o elevado número de alunos que os professores tinham sob sua tutela, havia necessidade de repartir em 2 grupos porque eram *”salas pequenas para muitos estagiários 45 por turma, faziam rodízio na observação e realização das aulas e não esperavam a saída do segundo grupo, pois, muitos furtavam-se na assistência as aulas.”*

- Avaliação das aulas

A avaliação também é uma subcategoria que surgiu com bastante relevância foi o tipo de avaliação feita pelos orientadores de prática e estágio aos futuros professores.

No terreno foram constatados que na avaliação das aulas prática e dos estágios, os professores têm em conta o plano de aula, a aula leccionada, simplesmente valorizam a prática lectiva onde o futuro professor não desempenhou todos papéis como elaboração de provas, não assiste as provas, nem corrige nenhum trabalho. Dois alunos foram obrigados a permanecer na escola para vigiar as provas os demais foram dispensados.

Avaliação era feita pela aula leccionada, o professor nunca fez correcção nenhuma e as notas não eram dadas na presença dos estudantes, avaliação era feita de forma individualizada. Os estudantes tinham dificuldades na elaboração dos planos de aula e domínio do conteúdo, apresentavam meios de ensino em alguns casos mal elaborados e pouco visíveis.

Os estudantes não conseguiam controlar as turmas, havia muito barulho.

Salas pequenas e quentes para muitos estagiários, faziam rodízio na observação e realização das aulas, alguns estudantes permaneciam no corredor para assistência das aulas, os outros não esperavam a saída do segundo grupo, pois, muitos furtavam-se na assistência.

A assiduidade e pontualidade dos estudantes e professores não levam ao debate, nem a discussões das situações de maneira crítica, evitando assim inovações pedagógicas com objectivo de melhorar o trabalho. Podemos constatar nas nossas observações *“no curso de psicologia como de Linguística, o rodízio era o mesmo, ficavam para chamada e algumas considerações o segundo grupo”*.

Podemos comprovar nas observações feitas nas escolas anexas e na instituição, quando observamos as aulas nas escolas do ensino geral e quando assistimos as aulas simuladas, houve absentismo quando as aulas simuladas começaram na instituição de formação, os estudantes eram obrigados a permanecer todo o horário de prática na instituição. *“Alguns estudantes ficaram aflitos porque o rodízio permitia a saída antecipada dos mesmos”*.

3.3. Análise das entrevistas dos professores de prática pedagógica

Dentro da análise de dados dos professores surgiram 4 categorias que são: características/competências que o professor deve ter, exercer a docência, funções a desempenhar e mudanças a serem efectuadas na Prática Pedagógica; aquela que nos parece com maior relevância é: as características

ou competências necessárias que o supervisor/orientador deve possuir para orientação das práticas.

Quadro nº 8 apresenta resumidamente as categorias que emergiram da análise dos professores

Categorias	Subcategorias	Contagem dos enxertos
Características / Competências	Chaves	16
	Perfil : idealização -Que formação (Défice)	7
Exercer a docência	Que competências	10
	Seleção dos professores	7
	Avaliação dos estudantes	7
Funções do professor	Importância da formação	6
	Dificuldades na supervisão das práticas	12
Mudanças Supervisão das práticas	Supervisão das práticas	7
	Contrastes (horário, calendário, défice pessoal, cursos, nº de alunos)	10
	Superação	7

3.3.1. Características do professor para orientar na visão dos inquiridos

Nesta categoria, os professores reconhecem características importantes que o mesmo deve conter para orientação e supervisão das práticas, o mesmo necessita de características para que o trabalho seja eficaz, como ressaltam as opiniões dos professores. O professor 1 diz “ *o professor de prática deve ter o perfil pedagógico, científico e tecnológico,*”*P1* com vista a “*...dominar escrupulosamente as técnicas e as teorias de Ensino, estamos a falar da Didáctica Especial e a Didáctica de Ensino e também a Psicopedagogia como*

lidar com os alunos.”P1 Assim será um “ professor... experiente, P1 para “... ele estar preparado para orientar e corrigir o estudante,”P2 com exigência “ formação básica pedagógica na área da prática pedagógica, Ensino da Didáctica e das Metodologias.”P2

-Perfil idealizado ou existe?

O perfil existe ou é ainda uma utopia, os entrevistados afirmam que existe e para adquiri-lo é necessário formação como confirmam os seus depoimentos, *‘É possível encontrar esse perfil só seleccionando ou formando, também é um dos requisitos dentro do ensino termos que passar a mensagem aos professores do Ensino Superior; actualizar esses professores.”P1 Já a professora 2 afirma” Eu tive oportunidade de trabalhar com um professor e encontrei nele este perfil, considero que é possível defini-lo.”P2*

-Formação pedagógica

Ao desempenhar a docência, o professor deve ter uma formação pedagógica aceitável, de forma que, possamos evitar fragilidades e desmotivação por parte dos estudantes. Para isso, necessita-se de pessoas competentes que possam dignificar esta maravilhosa carreira. Os professores afirmaram nas suas intervenções o seguinte:

“fazê-lo tendo formação na área para poder adquirir esses perfis,”P2 afirmativamente “é possível defini-lo sim, as qualidades e as qualificações dos professores de prática dentro dos professores do Ensino Superior, se os professores não têm qualificações então vamos fazer seminários que qualifiquem esses professores, porque o ensino é dinâmico, há”. P1

“professores não actualizados dentro da Prática Pedagógica, quem tem essa qualificação é uma forma de relembrar a esses professores e assim actualizá-los e estar a altura de poderem leccionar a cadeira de Prática Pedagógica”. P1

Para praticar a docência no ensino superior, deve ser feita de forma rigorosa uma selecção de forma a evitar equívocos. Como confirma o professor 1 *“claro é preciso uma selecção rigorosa e desde que haja provimento de*

vagas para professores no ensino superior”. P1 também “seleccionando ou formando... é um dos requisitos dentro do ensino...”P1.

3.3.2. Quem deve ser professor de prática pedagógica?

A próxima categoria associada ao nosso trabalho com bastante relevância que emergiu, é exercer a docência no ensino superior deve ser para pessoas que tenham formação de professores universitários e completem requisitos básicos de professores universitários com preparo especializado na matéria, cultura geral elevada, conhecimentos e habilidades pedagógicas; podemos ver isto, quando os professores espelham nos depoimentos.” *Não, qualquer professor, desde que tenha conhecimentos tecnológicos, pode ser docente do ensino superior, além dos conhecimentos da ciência e a técnica devem ser acrescentados conhecimentos da Pedagogia e da Didáctica do Ensino Superior.”P1*

“Não, porque para ser docente no ensino superior muito embora tenhamos os conhecimentos do conteúdo programático precisamos de conhecer Metodologia Didácticas para podermos transmitir a matéria aos estudantes”. P2

3.3.3. Funções do professor de prática pedagógica

Na categoria, funções do professor, vamos destacar duas (2) subcategorias fundamentais: a importância da formação e dificuldades vividas.

- Importância da formação pedagógica dos professores

A importância da formação os professores ressaltam a necessidade de formação pedagógica na área em que estão a leccionar, visto que, a Prática Pedagógica é uma disciplina autónoma e profissionalizante que permite aos futuros professores reflexões e análises críticas de situações reais, que servem de consciencialização nos diferentes papéis que os mesmos desempenharão, como ressalta o enxerto da professora “ *...se, eu tivesse alguma formação na área de Pedagogia, muitos dos problemas tivessem sido sanados.”P2*

- Dificuldades vividas pelos intervenientes no terreno

De salientar que, o processo de supervisão tem lacunas, sendo assim, as fragilidades devem permitir reflexões de melhorias, como relatam que vivem um quadro difícil, para que tenham êxitos é necessário progresso como dizem os professores. *“Partiria de um princípio do programa também tem muito a ver com os objectivos do curso, dos alunos e estão a ser formados em quê?”P1*

O elevado número de alunos impedem os professores trabalharem de forma individualizada, para corrigir os erros que apresentavam. *“Um professor de prática e estágio não teria que trabalhar com 45 estudantes, porque ele não tem como orientar em condições esses estudantes, porque precisa colmatar algumas dificuldades que os estudantes têm.”P2 para ter êxitos “... os estudantes deviam dar mais aulas, se cada professor trabalhasse em grupo, cada estudante teria mais aulas de prática e acredito que melhoraria o trabalho não só do professor como dos estudantes” P2* É de esclarecer que o supervisor ao avaliar os alunos *“muitas vezes o estudante só lecciona uma aula, se sair-se bem na primeira aula, ‘‘uma’’ (1) “e a supervisão e orientação das práticas é feita) “uma vez por semana e até rodar os 45 alunos”. P2*

Outra dificuldade que salta à vista é, afirmada pela professora *“como docente do ensino superior...a dificuldade começa dos próprios estudantes que vêm mal preparados para enfrentar essa vida activa, que é o ensino superior, principalmente no curso de Língua Portuguesa onde os alunos vêm de outras formações no ensino médio, até de ciências matemáticas, mas como encontraram vaga no ensino da Língua Portuguesa estão aí integrados tem dificultado um pouco”. P2*

Desta forma, as suas balizas estão enquadradas na formação de quadros competentes e capazes de ministrar as aulas e levar os alunos a reflexão de situações vividas na prática e consciencializando-os com mudanças. Com tanta dificuldade da articulação da teoria sobre prática, a professora 2 verbaliza *“Acredito que o professor de orientação do estágio deve trabalhar em conjunto com o professor de Didáctica e Metodologia, se ambos fizessem este casamento o professor de orientação para colmatar esta deficiência, iria confrontar o aluno ou mesmo pedir o aluno que passasse a*

teoria para a prática. Muitas vezes, o que acontece é que o professor de didáctica não dá as noções básicas que o aluno precisa, muitas vezes, ele tem algumas teorias mas não tem a base para levar essas teorias à prática. Na prática, o aluno primeiro devia observar e depois da observação ele procurar juntar essas teorias para praticar; não só precisaria de várias aulas para poder moldar-se dentro da Prática Pedagógica.”

3.3.4. Mudanças propostas pelos professores

Uma das grandes preocupações dos professores baseia-se nas mudanças que devem ocorrer no processo de supervisão no ensino superior identificadas pelos mesmos, de forma a evitar confusão e constrangimentos como afirmam” *muitas vezes o que é que acontece? O professor de Didáctica não dá as noções básicas que o aluno precisa e muitas vezes ele têm algumas teorias, mas não tem a base para levar essas teorias à prática.”P2*

“exemplo: professores de psicologia vão fazer Prática Pedagógica numa escola primária, não corresponde com os objectivos ou com o perfil de saída...”P1

As metodologias usadas pelos professores de Prática Pedagógica não permitem trabalho colaborativo. *“Não deixar a disciplina de Prática Pedagógica aos assistentes estagiários que por vezes não dominam a ciência pedagógica.”P1 com a falta de experiência o “problema da mono docência e pluri docência, os professores não foram formados para a mono docência, pluri docência o que não temos professores preparados para trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais, os professores que não foram formados para lidar” “ com crianças com nee falo do preconceito e estigma.”P1*

- Contrastes/ défices na supervisão e orientação das práticas detectadas pelos docentes

Também foram encontrados vários contrastes no processo de supervisão, no que concerne ao curso. É de realçar que estas resistências perigam o processo de formação de competências aos futuros professores, fragilizando todo o processo como relatam nas suas intervenções. *“Professores de psicologia vão fazer Prática Pedagógica numa escola primária, não*

corresponde com os objectivos ou com o perfil de saída sendo um contraste, NEE. P1

Tanto professores e alunos não têm domínio das metodologias do ensino primário nem do ensino especial. Foi comprovado nas nossas observações, assim, *“ devia ser o professor que lida NEE que ia praticar na pesquisa, na perspectiva de inclusão, já devíamos pensar no professor pedagogo ou psicólogo que vai passar a mensagem com o que vão lidar na inclusão escolar.”P1*

A falta de formação especializada dificulta a professora orientar devidamente a Prática Pedagógica perigando o processo de ensino/aprendizagem como relata a mesma. *“Não tive nenhuma formação para orientar a prática docente, havia necessidade porque se os alunos não tivessem aulas de Prática Pedagógica, haveriam de ficar condicionados na Instituição.” P2 “...acredito, se eu tivesse Prática Pedagógica ou formação nesta área não teria tanta dificuldade como orientadora de estágio”. P2*

Uma Instituição do Ensino Superior vocacionada a formação de futuros professores que serão os formadores do futuro do país, deve possuir documentos que regulam a Prática Pedagógica.

A instituição em referência não tem um programa de prática e estágio, documento sobre o perfil de professor de prática pedagógica e estágio, com vista a velar pelos interesses num estabelecimento, servindo de guia principalmente na escola de formação de professores; a falta dificulta todo processo de ensino/aprendizagem fragilizado, como confirma o professor no seguinte depoimento: *“A própria instituição desde que estamos aqui a leccionar esta cadeira a 2 anos nunca me foi fornecido um programa de prática docente e o que os alunos praticam é algo que os professores programam no início do ano lectivo.”P1*

3.4. Análise das Observações Feitas aos Professores

3.4.1. Dificuldades vividas no terreno na supervisão das práticas

Os professores da instituição de formação no terreno entravam para as salas de aulas sem antes observar o plano dos estudantes, que conteúdo vai leccionar e se as actividades estavam adequadas de maneira a evitar que os estudantes provocassem muitos embaraços na sala de aula.

Realmente, podemos constatar nas fichas de observação quando da observação feita no terreno e relatados pelos inquiridos que *“não havia análise das aulas nem possibilidades de correcção do trabalho efectuado, quem falava era simplesmente o professor.”*

Efectivamente, podemos ver isto aquando da nossa permanência no terreno e relatadas nas fichas de observações, que os professores exerciam a supervisão das práticas e estágio sem o preparo exigido relatado pela investigadora. *“Tanto professor como alunos não dominavam as metodologias do ensino primário e especial.”*

Outro contraste que nos salta a vista na Prática Pedagógica deve-se ao horário e o número elevado de alunos como afirma a professora 2” *O período de aulas no ensino superior não coaduna com ensino secundário.”*

Outra constatação foi relacionada ao *“horário de entrada e saída na escola anexa: do 1º ciclo é das 8 h as 12h30 e no período oposto 13 h as 17h 30 minutos, diferente do ensino superior que era das 8h30 as 13h e 14h as 18 h 30.”*

Da nossa observação verificamos que “as turmas eram bastante numerosas 45 estudantes, então houve necessidade de dividir os estudantes para assistência e realização das aulas. O primeiro grupo assistia os dois primeiros tempos e ia para casa; depois o segundo assistia o 3º e 4º tempo permanecendo na escola até ao final em que os professores faziam algum comentário e chamada.

Das nossas observações constatamos que *“A professora chegava sempre atrasada ao primeiro tempo porque estava com os estudantes do 4º*

ano.”Assim, uma estudante do 3º ano sabotava as aulas dos colegas quando a professora chegasse tarde, como ela confirma” Ela tem feito um esforço muito grande, porque não é fácil lidar com diferentes alunos, principalmente eu, como alunos teimosos e acho os colegas dizem isto de mim, que sou chata e teimosa é porque ainda não soube separar os conhecimentos do ensino médio e superior” E2

3.4.2. Aulas simuladas leccionadas na instituição de formação

Quanto as provas finais no ensino geral na província, houve antecipação das provas finais devido a onda de desmaios, tiveram que recorrer as aulas simuladas na instituição de formação.

Na turma de Psicologia, o professor orientou na semana anterior que planificassem as aulas sugerindo alguns temas e os alunos leccionaram na presença da nova professora PP. O professor pediu que a nova professora tecesse alguns comentários das aulas observadas.

A professora orientou várias actividades, corrigiu os planos, a expressão oral e escrita dos alunos, falou de questões metodológicas que, tinham muitas dificuldades. Houve discussão da aula onde a professora apresentou os aspectos positivos e negativos do trabalho realizado, e formas de remediar as dificuldades.

Os estagiários estavam muito aflitos pela nova forma de trabalho, achavam a professora muito radical quanto ao modelo de correcção das actividades, pois encontrava muitos erros e chamava atenção na forma de corrigir.

Orientou como deveriam fazer a autoavaliação e avaliação das suas aulas e aulas dos colegas. Era obrigatório a permanência de todos estagiários das 7 h30 as 12h 30 na instituição, muitos ficaram afitos porque o rodízio tinha terminado.

A professora dificilmente fazia correcção do trabalho, simplesmente fez nas aulas simuladas. Turmas enormes e dificuldade em orientar os estudantes,

não havia análise das aulas nem possibilidades de correcção do trabalho efectuado.

Os estagiários ou estudantes do 4º ano não realizam estágios passando por todas as fases, num ano lectivo leccionavam uma aula, nem faziam relatórios e portefólios de trabalhos.

Os professores orientadores observados foram muito permissivos e tolerantes com os estudantes quanto aos atrasos constantes, as faltas e desculpas para não leccionarem as aulas, permitindo os estagiários adormecerem nas salas, sem nenhuma orientação. Havia muita tolerância e compreensão por parte dos professores. Muitos estudantes eram trabalhadores e havia muita ausência na assistência as aulas, alguns estudantes aproveitavam-se da bondade dos professores para não efectuarem as actividades.

O horário do ensino superior não coaduna com do 1º ciclo, a entrada no ensino superior no período da manhã das 7h30 as 12h 30 e no período oposto 12h45 as 17 h45; na escola anexa no período da manhã das 8h as 12h30 no período oposto 13 às 17 horas.

Muitos estudantes não dominavam o conteúdo e os procedimentos metodológicos, os meios de ensino, em alguns casos mal elaborados e pouco visíveis principalmente para crianças.

Uma estudante 3ºano avaliava os outros estudantes e apresentava o relatório a professora quando chegasse atrasada, porque estava com finalistas no período da manhã e prejudicava o horário do almoço. Não havia análise das aulas nem possibilidades de correcção do trabalho efectuado.

3.5 Análise Da Entrevista Do Chefe De Departamento / Professor De Pedagogia

No entanto, nesta categoria vamos retratar alguns aspectos referentes a forma como são seleccionados os professores orientadores de PP devido ao

défice de quadros, o seu desempenho na visão do chefe de departamento e os constrangimentos encontrados no terreno.

Da nossa investigação surgiram 3 categorias de análise de dados do chefe de departamento/professor de pedagogia que são: selecção dos professores, execução do trabalho e contrastes existentes na prática pedagógica.

Quadro nº 9 das categorias do chefe de departamento

Categorias	Subcategorias	Contagem dos enxertos
Seleccção dos professores	Estatuto/ selecção dos professores/ Requisitos para selecção	3
	Falta de quadros/ Qualidade	3
	Comparação com outras realidades	2
Desempenho do professor universitário	Formas de actuação	8
	Metodologias recebidas	1
	Supervisão das práticas	5
	Planificação	1
	Formação	2
	Programas	2
	Teoria e prática	2
	Investigação	3
	Avaliação	3
	Visitas planificadas mas não realizadas	3
	Nº elevado de alunos	1

Contrastes /dificuldades	Horário	1
	Calendário	1
	Necessidades de formação	1
	Falta de pessoal	1

3.5.1. Selecção dos professores

- Da categoria selecção dos professores surgiram 3 subcategorias que são:
 - 1- Estatuto/selecção de professores / requisitos
 - 2- Falta de quadros/ Qualidade
 - 3- Comparação da selecção de Portugal e Brasil com mestrados / doutoramentos.

a) Estatuto/selecção / requisitos de professores

Assim, aquela que evidencia maior relevância é estatuto/selecção dos professores bacharéis com média de 14 valores.

O estatuto da carreira docente confirma, que para a selecção de professores universitários seja feita a partir de bacharéis e desde que tenha a média 14 valores, isto não permite a qualidade que se espera, *pois, os critérios de selecção são muito fracos* como afirma o chefe de departamento. “ Não seria condição sine qua non porque, sabemos que a própria avaliação carrega consigo elementos objectivos, subjectivos e isto faz com que elemento que tenha notas tão altas, alguns deles, naquilo que é a prática pedagógica do dia-a-dia poderia ”

“não ser muito benéfico”. “ CD apesar desta rotina, o recrutamento do pessoal ” julgo que deveria haver outro elemento para a selecção do pessoal e não muito pela nota quando vai pela nota começo a ver uma deussificação da nota como tal”. CD

b) Falta de quadros/ qualidade

No que se refere a falta de docentes angolanos qualificados, formados e em formação no ensino superior, prende-se com a elevada escassez, o que faz com que a qualidade dos mesmos não se evidencie como deve ser, pois o bacharel forma outro bacharel, não merece o esmero, logo estamos apenas preocupados com a formação de professores sem as devidas competências desejadas. O chefe de departamento afirma: *“onde há défice de quadros para facilitar o processo e primar pela formação de quadros, o próprio licenciado forma outro licenciado é o que acontece na escola superior B.”*CD

No entanto, que para uma escolha de professores universitários com a qualidade exigida a nível das grandes universidades, sem dúvida, é necessário que tenha capacitação própria e específica, assim, como competência pedagógica, tecnológica e seja um especialista com mestrados/doutoramentos com a produção e publicação de obras para que o ensino e investigação seja suporte do seu trabalho.

Assim, no nosso país a investigação ainda não é um princípio rigoroso porque o Ministério não ditou regras exigentes como afirma o chefe de departamento. *“Ainda não começamos a publicar obras, como...livros, vamos começar com artigos científicos que são passos iniciais para a publicação de obras ou livros...”* visto que, *“Angola é um país que está a começar e têm dito os grandes teóricos: o país que está a começar o licenciado forma outro licenciado, mestre forma outro mestre e o doutor forma outro doutor, porque não temos quadros suficientes”* para agarrar o ensino superior. *“*CD

A carência de quadros com as qualidades necessárias sobre a prática docente no ensino superior, faz com o mesmo não domina os conteúdos, métodos e procedimentos metodológicos, evitando a promoção de competências para a resolução de problemas, não permite a partilha de opiniões afastando a auto aprendizagem e colaboração entre colegas.

c) Comparação com outras realidades

Não existem formas de comparar pois são realidades bem diferentes. No entanto vivemos muitos anos de conflitos, a explosão de universidades começou a pouco tempo, não existem quadros formados na área de supervisão

e orientação das práticas, os professores trabalham com base na experiência adquiridas na formação inicial, isto é formação média e na graduação de professores. Há um déficit de formação pedagógica a nível de mestrados e doutoramentos. Não há hábitos de produção e publicação de obras, os critérios de avaliação dos professores são muito fracos.

4. Desempenho do professor universitário

A partir da categoria execução do trabalho surgiram 9 subcategorias que são: a formação de professores com especialização na área em que está a leccionar, planificação, metodologias recebidas pelos alunos, programas, avaliação, investigação/contexto não é tida em conta, relação da teoria com a prática e formas de actuação na orientação e supervisão das práticas.

a) Formação dos professores

A formação de professores com especialização na disciplina em que está a leccionar, deve ser garantida de forma a ser um docente universitário com qualidade desejada dominando os procedimentos metodológicos e científicos para o suporte do seu trabalho. Assim, a formação de professores com a qualidade merecida é um dos alicerces que desejamos para um ensino superior, que necessitamos como afirma o chefe de departamento nos seus depoimentos. *“Não existe uma formação específica dada aos professores de Prática Pedagógica, ou uma reciclagem... mas os próprios professores passaram em instituições de formação de professores, o facto de passarem em instituição de professores, têm aquilo que chamamos de formação ou agregação pedagógica, “CD visto que “têm agregação pedagógica com mais alguma superação ou auto superação que cada um vai tendo com as pesquisas, então consegue lidar e gerir, que não digamos, que seja uma Prática Pedagógica de cinco estrelas, prática pedagógica perfeita mas pelo menos que acompanhe aquilo que são as evoluções do sistema. ” CD*

b) Formas de actuação dos professores na orientação das práticas

Forma de actuação do docente na orientação e supervisão das práticas, para que seja um trabalho com detalhes e interesse para o aluno mestre de forma a cativá-lo na docência. *“Formas de actuação de todos com prática um*

(1) no terceiro ano e estágio no 4 ano, no curso de Pedagogia para além de ser chefe de departamento sou o professor de p p no curso de Pedagogia... no primeiro semestre” “do terceiro ano tem a prática 1, nós fazemos que é chamada prática de observação ou familiarização, tenho aconselhado aos professores, que primeiro nesta forma de actuação porque não é fácil o estudante o aluno sair da escola de formação e é posto na escola de aplicação a leccionar”. CD

Deste modo “primeiro precisa conhecer com quem vai trabalhar ao longo do tempo, é preciso familiarizar-se quer com os professores da escola de aplicação, quer com os alunos, conhecer a escola de aplicação, na sua constituição quer na área pedagógica e outras áreas afins”. Mais do que isso “só depois desta actividade que é feita no primeiro semestre, após ter feito tudo isso no primeiro trimestre é que é feito com base em entrevistas nos próprios actores educativos como director, director pedagógico, sector pedagógico, secretaria-geral, secretaria pedagógica”.

“área disciplinar para conhecer como funciona, o estudante em formação deve passar por estas áreas todas, quando terminar ele pode não ser um docente como tal, mas um gestor de escola e tem que saber como funciona cada área.” CD

Logo, “no segundo semestre com o 3ano ele faz já a prática de aplicação vai para a sala de aula leccionar como tal, porque no primeiro trimestre ele fez prática de observação, aproveita para observar aulas do professor titular da escola de aplicação. Por sua vez essas aulas são analisadas com o professor orientador, onde vão encontrar ou avaliar com aspectos positivos e negativos, e estes elementos vão facilitar ele analisar e reflectir naquilo que vai fazer no segundo semestre”.

Tanto “no segundo semestre, ele vai actuar para leccionar aulas como tal e todo esse processo feito no 1 e 2 semestre vai servir de avaliação do próprio estudante em formação”. “Depois, ele faz a prática de aplicação, onde as aulas são avaliadas e no fim do ano o professor terá mais elementos para avaliar o desempenho deste estudante se foi ou não favorável”.

c) Planificação das actividades

A planificação das acções docentes na instituição não são habituais pelo colectivo de professores, com a merecida convicção, é encarado com a falta de um programa e assim não sabem como organizar, para que? Que conteúdos serão tratados nas aulas? Com que recursos? Tempo disponibilizado para as actividades a serem realizadas, evitando trabalhar na individual, com base nas dificuldades analisadas e reflectidas para melhoria dos afazeres.

Se por um lado os docentes fazem a planificação a nível individual, *"cada professor faz a sua planificação e procura pôr em prática esta planificação."* CD por outro, a falta do regente faz com que não exista um programa, trazendo uma completa incoerência como afirma o chefe de departamento, *"não tem um programa específico, porque de acordo com a norma cada curso devia haver um regente de PP, este seria o regente do curso de português, seria o responsável na supervisão PP do curso de português,"*

"e assim dos vários cursos de matemática, história, psicologia e pedagogia. Então o departamento de PP limitava apenas em manter contacto directo com o regente da cadeira de cada curso, mas isto não acontece devido a forma como o próprio sistema está montado, então, já há previsões da criação do departamento de prática". CD

d) Avaliação dos estudantes

Avaliação é uma etapa fulcral do processo de ensino aprendizagem, em que o docente como o estudante são posto a prova. Assim, faz toda diferença, se for realizada sem a devida importância tratando-se de uma disciplina profissionalizante, o futuro professor durante o ano, a média de tarefas realizadas de forma individual foi muito baixa praticando uma vez devido ao elevado número de estudantes.

O docente/chefe de departamento diz que, o professor deve ter muito cuidado com a avaliação, porque *"...torna uma avaliação mais subjectiva do que objectiva porque há ... cursos que os estudantes que são adultos e matreiros em vez de começar a assistir a prática nos primeiros dias de aula, aparece com desculpas e vem nos últimos dias, encaixa-se ali num grupo e se*

o professor não manter atenção devida a estes estudantes, acaba infiltrando-se aí, porque o professor tem muitos alunos, e acaba por não conhecer cada um dele, se fossem 15 estudantes no máximo o professor só daria atenção aos estudantes que conhecia muito bem, cada um deles e no fim do ano o professor saberia encontrar os resultados objectivo para de avaliação de cada estudante” “Se por um lado o “domínio do aspecto prático leva um professor ter um número elevado de alunos ou estudantes, isso interfere no processo de avaliação”. CD

A avaliação no sentido dos professores reflectirem sobre a aprendizagem dos alunos, faz perceber ao mesmo e facilita a compreensão através da observação da realidade do aluno mestre, na escola de formação, envolvendo o máximo de alunos na construção do conhecimento de forma a clarificar a análise crítica, assim, “... o estudante em formação é avaliado não apenas nas aulas que vai ministrar no segundo semestre, mas também na sua participação na prática de observação e a forma como ele analisa uma situação e questiona aos actores encontrados na escola de aplicação do processo de educação, tudo isto faz perceber ao professor orientador que este estudante está a perceber de p p ou então não está a entender e mudar para que possa entender”. CD

e) A relação da teoria/ prática valorizada mas não concretizada.

Relacionar a teoria com a prática no dia - dia na escola de formação não tem sido tarefa fácil, já que muitos docentes não têm formação pedagógica, desenvolver esta competência não tem sido fácil, mesmo assim, dão-lhe a disciplina que o mesmo não domina, como alternativa vai ditando a matéria ou entrega fascículos prejudicando todo processo.

“Não é fácil formar um professor apenas com conhecimentos teóricos, é necessário que saiba fazer a junção da teoria com prática para que possa ou se torne então uma pessoa útil, para mudar o meio e para que possa transparecer aquele fruto da formação, que no fundo é aquilo que é o trabalho da escola de formação”. CD

Como resultado, para *“cobrir esta lacuna, os professores que leccionam as cadeiras teóricas nas escolas de aplicação devem ser mas sérios e procurar trabalhar com aulas teóricas e práticas, desta forma o estudante em formação vai ter possibilidade de ganhar mais conhecimentos teóricos e práticos que levam a facilitar a sua actuação como bom técnico, capaz de ser objecto de mudança na escola de aplicação”* CD

f) A Investigação no nosso contexto

Nesta subcategoria a investigação, parece-nos importante ressaltar que no nosso contexto, não é tida em conta, visto que, a melhoria do trabalho do professor baseia-se na investigação que o mesmo realiza. Como vai orientar que o aluno investiga se o próprio professor não tem hábitos de averiguação e indagações, está a espera que o Ministério reforça a ideia da investigação. No contexto angolano não é tida em conta, assim, o bacharel ou licenciado está preocupado com a formação e não com pesquisa, o mesmo não tem hábitos de indagação, visto que, o próprio Ministério e a instituição em que labora não tem regras rígidas e exigentes por falta de quadros nacionais com mestrados e doutoramentos, na área de formação como relata o seguinte: *“ O Ministério tem estado a primar no sentido de reforçar as escolas, que os professores sendo já universitários devem primar...pela publicação de artigos por exemplo.*” CD

Quando é que vai indagar e publicar se o professor universitário está relaxado, quando a progressão na carreira tem em conta a antiguidade e não a pesquisa do seu próprio trabalho. *“ Não começamos a publicar obras como tal, livros e vamos começar com artigos científicos que são passos iniciais para a publicação de obras ou livros...”* CD visto que *“... tem que haver uma supervisão e incentivo constante aos professores para lançarem-se ao mundo da investigação e poderem ter conhecimentos mais sustentáveis durante a sua abordagem”.* CD

A própria universidade é a principal responsável, visto que, não exige nada aos professores universitários sem a pesquisa a mesma não prospera. *“ Não começamos a publicar obras como livros, vamos começar com artigos científicos que são passos iniciais para a publicação de obras ou livros...”* CD

com esta pressão *“tem que haver é uma supervisão e incentivo constante aos professores, para lançarem-se ao mundo da investigação e poderem terem conhecimentos mais sustentáveis durante a sua abordagem.”* CD Assim, um dos requisitos indispensáveis *“o Ministério tem estado a primar no sentido de reforçar as escolas, que os professores sendo já universitários devem primar...pela publicação de artigos por exemplo.”* CD

- Contrastes/ dificuldades relatados pelo chefe de departamento

Nos contrastes/défices encontrados no terreno, surgiram 6 subcategorias que são: elevado número de alunos, horário, calendário, necessidade de formação nas metodologias ensino primário, incoerência, visitas de acompanhamento, e departamento com falta de pessoas.

- Elevado número de alunos

Aquela que parece mais relevante, é o elevado número de alunos que prejudica o trabalho do próprio supervisor, fazendo com que não conheça todos, pois, a prática pedagógica é feita uma vez por semana, como confirma o chefe de departamento: *“ Devido ao défice de professores que tenham o domínio do aspecto prático, leva um professor a ter um número elevado de alunos ou estudantes e isso interfere no processo de avaliação. ”*

-Horário /calendário

Quanto ao horário, há um *“ défice como o descompasso académico do horário entre ensino geral e superior, o ensino geral geralmente começa primeiro o ensino superior começa depois. ”* CD *pelo que“ o défice, de descompasso de calendário, os alunos nunca tinham aulas, para juntar o útil ao agradável, decidimos mandá-los a escola especial para não ficar sem prática. ”* CD

-Metodologias recebidas pelos alunos mestres

A metodologia recebida pelos alunos mestres na escola de formação de professores é a seguinte: *"receberam metodologia para ensino da psicologia.* "CD Mas infelizmente os alunos praticaram as metodologias do ensino

primário, como confirma a investigadora nas observações feitas "os estudantes assumiram as aulas no ensino especial de Língua Portuguesa e Matemática na 1ª classe e 2ª classes."

- Necessidade de formação dos inquiridos

Necessidade de formação nas metodologias ensino primário/incoerência, os estudantes do curso de psicologia não receberam metodologias do ensino primário, por isso, não dominam por falta de conhecimento simplesmente receberam metodologias do ensino da psicologia e não a põem em prática, porque o próprio professor não orienta. "A realidade não diz isso, pode ser que sim, pode ser que vão para lá e dão aulas a crianças do ensino primário com NEE acentuada, isto porque carecem de uma reciclagem ou da inclusão das metodologia do ensino primário, como Metodologias de Matemática, Estudo do Meio e Ciências da Natureza, Metodologia de Música e por aí fora, no fundo são esses os défices que tem este processo, mas o que tem de se fazer é melhorar e superar este problema". CD

Departamento com falta de pessoal docente para assegurar o funcionamento dos cursos existentes na instituição, faz com que o trabalho não se efective. Assim, os professores de prática trabalham de forma isolada, como afirma o chefe de departamento. O departamento de prática da ESP B funciona apenas com uma pessoa, sabemos que a nível do mundo nenhum departamento é funcional. CD

-As visitas de acompanhamento são planificadas mas não realizadas.

Visita de acompanhamento pelos responsáveis da instituição do ensino superior para constatar as dificuldades, não se efectiva devido a questões burocráticas. "Agendamos no ano passado visitas de supervisão pedagógica pelo director ESP B, eu fiz um plano de visitas as escolas de aplicação, estávamos prestes a começar com as visitas que achamos de supervisão, mas como temos que obedecer hierarquias e normas, tínhamos que fazer com anuência do Delegado Provincial de Educação do B e mandamos uma carta

para avisar e o Dr. K sugeriu que o momento não era frutífero, porque estavam quase ou prestes a realizar as provas de frequência do primeiro trimestre na escola de aplicação” CD “As vezes mantivemos contactos informais com os professores na escola de formação do B para ver se o que os professores necessitam e reforçar protocolos com a escola de aplicação com materiais de apoio e assim podermos fornecer”. CD

CAPÍTULO IV. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente trabalho tem como objectivo perceber o desfasamento entre o quadro teórico e as concepções dos professores de prática docente/supervisor, da instituição de formação acerca do processo de supervisão pedagógica, nos cursos de formação encontrados no terreno. Este estudo foi centrado à volta de 3 questões de investigação:

- 1-** Quais as concepções dos professores de prática docente/supervisor, alunos e chefe de departamento da instituição de formação acerca do processo de supervisão pedagógica, nos cursos de Formação?
- 2-** Que competências são identificadas pelos professores supervisores, alunos e chefe de departamento, como indispensáveis para o desempenho da função de supervisão pedagógica?
- 3-** Que competências são identificadas pela instituição de formação (Supervisora Institucional), para a selecção dos Supervisores de prática na escola de formação?

De acordo ao quadro teórico, encontramos uma discordância quanto ao perfil de competência do professor de prática pedagógica encontrado no terreno, em que o mesmo necessita de uma especialização e indagação do trabalho por si desempenhado.

Quais as concepções dos professores de prática docente/supervisor, alunos e chefe de departamento da instituição de formação acerca do processo de supervisão pedagógica, nos cursos de Formação?

4.1. Competências identificadas para o processo de supervisão

Perspectiva dos alunos, sobressaíram diversas categorias.

1º Preparação para o trabalho:

Características dos professores de Prática Pedagógica

Relativamente às características que eles reconhecem como necessárias aos professores de Prática Pedagógica são apontadas diversas lacunas na sua preparação. Como particularmente importantes, eles referem características como a paciência, o domínio do conteúdo e a coerência.

Entretanto, Masetto (2003) aconselha que a formação pedagógica do docente do ensino superior seja feita em pós-graduações para mestrandos e doutorandos de várias formas como disciplinas optativas de Metodologia do Ensino Superior, há um grupo heterogêneo e experiente para estudo e análise das práticas em áreas diferentes, organizar seminários, workshop ou encontros sobre as experiências pedagógicas realizadas no ensino superior e incentivar a pesquisa.

- Importância da Formação

Os estudantes enfatizam também a importância da formação ao referirem a relevância da perícia pedagógica para o trabalho do professor como fundamental na actualidade, tal como refere o Formosinho, (2009) a formação prática do professor deve basear-se em diversos componentes como:

-Desempenho do ofício do aluno;

-Prática docente dos seus formadores no curso de formação inicial, os alunos podem avaliar os seus formadores a luz das teorias aprendidas inclinando-se entre o ofício do formador e o ofício para que está a ser formado e o modo de formação;

-Prática pedagógica.

Perrenoud (2000), citado por Gil (2011) realça que necessita-se de um profissional capaz de conceber a sua própria formação contínua, de tal forma que transponha a visão da formação direccionada para um sistema, baseado nas suas convicções em três dimensões básicas: pessoal, profissional e organizacional; constituindo a trilogia da formação contínua produzir a vida, a profissão e a escola. Nóvoa, (2001) citado por Formosinho 2009.

É necessário estar ciente que a qualidade dos docentes depende da formação recebida bem como a experiência prática. Existe um défice muito

elevado de docentes do ensino superior com formação pós-graduada especializada, que actua na área que lecciona sem experiência, o que dificulta a sua actuação em sala de aula.

No entanto Ribeiro (2014) diz o que caracteriza um profissional experiente é a qualidade do saber, a capacidade de relacionar, seleccionar, ajustar, adaptar ao contexto, prever, pôr em acção a sua flexibilidade cognitiva e fazê-lo com rapidez, espontaneidade e sem esforço.

1º Desvalorização da profissão

Quanto a desvalorização da profissão, que qualquer pessoa pode leccionar no ensino superior, uma estudante foi muito céptica, declarando que qualquer professor mesmo que não tenha formação e domine o conteúdo pode leccionar no ensino superior sem o devido preparo pelo que afirma: *“mesmo que instituição não esteja preparada com o fim de ... formar professores, caso este professor tenha domínio, saiba transmitir esses ensinamentos acho que pode ser professor”*. (A2)

2º Desempenho do professor de prática pedagógica

a) Supervisão das práticas

Quanto a supervisão das práticas, na perspectiva dos alunos reconhecem que o professor está preparado para realizar este trabalho. Mas constatamos que os mesmos têm muita dificuldade para orientar e supervisionar.

Que tipo de experiência vai passar, se o docente orientador não domina os procedimentos metodológicos e as técnicas de como executar o trabalho correctamente? O docente precisa de estar bem informado de como fazer, onde e quando será o momento ideal para o desempenho da profissão, no entanto o mesmo não é um investigador e pesquisador do seu próprio trabalho.

Alarcão e Tavares, (1997), dizem que supervisão é o processo em que um professor mais experiente e mais informado orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional. Gil (2011) salienta que no caso de disciplina de cunho mais prático, convém que o

professor detenha a experiência na área em que está a actuar. Igualmente, Gil, (2011) acentua que o docente seja transformador e mude o centro de ensinar e passe a preocupar-se com o aprender, a aprender passando a ser estudante crítico e criativo. Já Formosinho (2009) defende que as práticas de ensino são muito valorizadas, pois, permitem o aluno experienciar métodos e técnicas diferentes e já observadas, alargar o reportório de experiências que poderá transferir para o desempenho docente com excessiva frequência.

Ribeiro, (2014), ressalta que a supervisão enquanto processo formativo em Prática Pedagógica promove o desenvolvimento dos saberes profissionais dos seus actores, sustentando melhoria na qualidade da educação que se pratica, interagindo a acção e reflexão. Silva (2011) ressalta que o estágio supervisionado tem como finalidade oferecer ao aluno a oportunidade de aprender com o trabalho quotidiano e desenvolver experiências com vista a contemplação do seu aprendizado e seu crescimento profissional e humano.

b) Satisfação com a supervisão feita pelos professores

No que concerne a satisfação com a supervisão feita pelos professores, os alunos na sua maioria referem que estão satisfeitos com o desempenho dos professores mesmo diante de tanta dificuldade, assim, ela é feita com muitas lacunas. Houve uma estudante muito crítica, que reconhece que o professor carece de formação quanto a supervisão e orientação das práticas para realizar um trabalho com respeitabilidade e dignidade. No contexto averiguado, constatamos que não evidenciou como deve ser, pois, cada estudante leccionou uma única aula. Assim, o trabalho realizado pelo docente como afirma a aluna é:

“razoável, porque senti mais a prática quando nós tivemos introdução da professora L, porque eu em particular sabia que o professor T, e fomos fazendo as práticas, dávamos aulas, não fazia críticas a partir do momento que professora começou, já havia assistência as aulas e houve inovação, havia coisas que começaram a ser limadas”. E4

Ribeiro (2014), justifica a supervisão pedagógica é uma prática formativa complexa e é desenvolvida pela pelos seus interlocutores por meio de

actividades, estabelecimento de relações interactivas, que supõem actos de comunicação e de interacção recíproca subsaindo histórias pessoais e histórias públicas em confronto, procurando facilitar o debate de ideias e perspectivas numa atitude sustentada no paradigma sócio-construtivista.

c) Dificuldades na supervisão das práticas

Visto que a supervisão é feita com muitas dificuldades, os alunos reconhecem que existem algumas: como má planificação do departamento quanto ao momento ideal para leccionar as aulas no terreno, falta de paciência, número elevado de alunos, correcção do trabalho realizado, mas, nada de muito grave. Efectivamente as nossas observações incidiram sobre características das turmas, planificações realizadas, objectivos alcançados, conteúdos leccionados, estratégias de ensino usadas, tarefas realizadas, avaliações efectuadas.

Não houve apresentação de relatórios para os estudantes do terceiro e quarto anos, falta de discussão das actividades realizadas com os professores orientadores, cooperantes e alunos, fazendo com que o aluno não reflecta nem analisa o tipo de estratégias que funcionariam melhor, a forma como deviam ser ajustadas nos diversos momentos da aula.

Pinto (2011), destaca que, a comunidade espera dos professores encaminhamentos que resolvam problemas como garantir a aprendizagem qualitativa a todos alunos, em condições de vida difíceis numa turma com 45 alunos e escola sem condições adequadas instala-se a negação do acto pedagógico. Alarcão e Sá-Chaves (1994) Oliveira-Formosinho (2002), citados por Ribeiro (2014), dizem para ultrapassar muitos problemas é necessário mediar nos diferentes contextos com a comunicação, fundamentalmente na relação supervisiva assentando em princípios ecológicos do desenvolvimento humano como reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afectiva como o garante da resolução de conflitos.

Entretanto, para a maioria dos estudantes era um alívio sair rapidamente da sala de aula sem a análise das aulas, não havia preocupações na recolha de informações, análise e correcção do trabalho efectuado para melhoria da

actuação do colectivo, acabando por não ser interessante tanto para os professores e alunos. Neste sentido, constatamos que o trabalho não tinha muito interesse, pois, os professores não analisavam os planos de aula, nem o conteúdo a ser leccionado antes e depois dos estagiários entrarem nas salas, muitos erros de linguagem e ortográficos no quadro e de conteúdo, na maioria das vezes, não havia domínio do conteúdo, meios de ensino mal elaborados, pouca segurança na transmissão dos conteúdos, principalmente no ensino especial, falta de domínio das metodologias do ensino primário e especial.

Outras dificuldades apontadas pelo chefe de departamento, alunos e professores estão relacionadas com aspectos internos quanto aos aspectos externos existentes nas escolas. Em relação a falta de recursos didácticos, preparação dos conteúdos, a falta de planificações constantes; acompanhamento da instituição supervisora e poucas reuniões com o pessoal docente devido a falta de quadros, falta de trabalho colaborativo com os docentes,

Assim, o questionamento constante promove a responsabilização, tornando os professores e alunos participes, fazendo anotações das observações das aulas dadas por si e pelos colegas, transformando-os em críticos e reflexivos sendo construtores autónomos do conhecimento e como bons observadores.

Ribeiro (2014), sustenta que a maior responsabilidade é do supervisor na construção do clima afectivo e relacional propício no contexto de supervisão com auxílio e ajuda no desenvolvimento do conhecimento profissional do estagiário. Pinto (2011), justifica quanto mais desfavoráveis forem as condições de trabalho dos docentes e as condições de vida dos alunos, menor é a possibilidade de efectivar-se o processo de ensino aprendizagem, fazendo com que práticas pedagógicas escolares se tornem inviabilizadas.

d) Articulação da teoria com a prática

Relações da teoria com a prática, os alunos enfatizam que, não há um casamento com as demais disciplinas do curso, tudo é feito em separado onde o professor de Didáctica diz isso, e o de P P não aceita o que o outro ensina.

Quando chegam ao terreno é um choque muito grande, porque deparam-se com situações muitas vezes aquilo que vem nas teorias não é o que encontram no terreno. Os professores de Metodologias, Didácticas, Pedagogia, Prática Pedagógica e demais disciplinas trabalham todos em separado, sem articulação dos conhecimentos teóricos com a prática em simultâneo.

A estudante ressalta que a “orientação do professor quando viemos para a prática, os professores orientam a preparar um plano sem antes termos visto um modelo, é que, cada um arranja na escola onde está ou colega, e desta vez de forma meio que arrojada, viemos fazer a nossa prática. Depois da aplicação da prática, ouvimos as críticas e como devia ser, não há uma preparação e estamos a ir directo para a prática”.

E4

Efectivamente, o docente universitário deve ter conhecimento e experiência naquilo que trabalha, para que possa então confrontar os saberes teóricos com as experiências dos alunos e assim completá-los na vida profissional com encenações verídicas, tornando o ensino autêntico e activo, feito com as demais disciplinas do curso, jogando com que a interdisciplinaridade esteja presente em todos os momentos.

Formosinho (2009), justifica o trabalho docente alcançado com acção pedagógica, estabelece um vaivém entre a teoria e prática porque requer saberes técnicos, tal como saberes de aplicação que permitem à experiência, aprofundar e enriquecer esquemas, que têm fundamento na teoria científica.

Gaeta e Masetto (2013), dizem que deve-se integrar os conhecimentos teóricos com aplicações práticas em situações reais. Por outro lado, Claude Dubar, citado por Formosinho (2009), justifica que a formação válida é a que desenvolve saberes práticos, úteis para o trabalho e adquiridos durante o seu exercício. Os professores necessitam de formação prática ligada ao trabalho, que parte dos problemas concretos e permite resolvê-los proporcionando um benefício palpável.

Franco (2012), realça o professor precisa de conhecimentos, teorias e técnicas que possam auxiliá-lo na construção da sua prática, igualmente os saberes pedagógicos para articular tais conhecimentos e saberes com a condição presente.

Nas nossa visão constatamos que os alunos tinham muita dificuldade, pois, chegavam ao terreno sem os requisitos adequados quanto a (planificação e realização das actividades pedagógicas, domínio do conteúdo, avaliação das suas actividades e dos colegas. Como refere Dewey (1973) citado por Alarcão (1987), propunham que a prática pedagógica seguisse a teoria e fosse gradual, iniciando pela simples observação e integração de actividades progressivamente mais complexas, como participação em algumas tarefas de ensino, seleccionando e organizando algumas unidades até chegar a responsabilização total do ensino, supervisionados sem rigidez, permitindo a imaginação e criatividade com espírito crítico.

Como se pode constatar, Formosinho (2009), expõe que o modelo de formação centrado na análise, encara que os sujeitos se formam por um trabalho sobre si mesmos, com articulação da teoria com a prática. Com o actual modelo, o mesmo autor ressalta que a prática por si só, não é formadora, mas podendo sim tornar-se assunto de análise, de reflexão e de compreensão, com ajuda de um referencial teórico.

Na perspectiva dos professores surgiram diversas categorias.

a) Funções do professor

- Importância da formação

Vimos, nas observações e entrevistas feitas, que os professores não são formados para supervisionar e orientar as práticas, nem receberam nenhuma formação ou capacitação para trabalhar na área que estão a actuar, nem têm o devido preparo para leccionar e trabalhar com a disciplina de prática pedagógica. A falta de formação especializada dos docentes do ensino superior dificulta a sua actuação, porque ele não conhece como se faz, como fazer, onde começar, nem como orientar, visto que, nunca teve formação para tal (Alarcão1996, Ribeiro 2014, Formosinho 2009, Masetto 2003).

Formosinho (2009), diz é necessário uma serie de requisitos para o docente, como pessoa psicologicamente madura e pedagogicamente formada, capaz de ser o instrutor e facilitador da aprendizagem, o expositor e o individualizador do ensino, o dinamizador do grupo, o incentivador de relações humanas, o avaliador de performances, o animador, o controlador, o investigador, o que domina os conteúdos e o modo de transmitir, o que ensina para se aprender e ensina a aprender a aprender de forma reflexiva.

No entanto, o docente do ensino superior na escola de formação de professores deve receber formação de orientação e supervisão da prática de ensino, para aperfeiçoar os futuros professores e aqueles professores que já leccionam e estão em formatura e a si mesmo. Os aprendizes estão a ser formados e vão labutar com crianças do ensino primário, I e II ciclo do ensino secundário, necessitarão de elevada qualidade, pois, sem o devido preparo terão muitas lacunas na formação de competências adequadas.

Os participantes, neste estudo, referem explicitamente esse problema, quando dizem que a falta de formação na especialidade de supervisão das práticas, dificulta a orientação, e muitas vezes, não sabem como fazer, visto que, muitos estudantes vêm mal preparados para enfrentar o ensino superior. *“... se eu tivesse tido alguma formação na área de Pedagogia muitos dos problemas tivessem sido sanados”*. P 2

Entretanto, Formosinho (2009), alerta que esta área de formação especializada visa qualificar para o exercício da função de orientação e supervisão da formação inicial e contínua de educadores e professores, com competência de análise crítica da educação, formação e da escola, de intervenção, de formação, supervisão e avaliação de professores e actividades de consultoria e assessoria a instituição de formação e centros de formação.

A formação académica e pedagógica na especialidade de supervisão e orientação da Prática Pedagógica deve ser feita com maior urgência, possível, visto que, estão a formar os futuros professores e muitos actuarão nesta área nas escolas de formação inicial de professores.

No que tange a carência de peritos habilitados e formados na devida especialidade, que progride, precisa de indivíduos competentes, com requisitos exigidos como mestre e doutores com trabalhos científicos e investigações publicados a nível da própria prática, e encontrar mecanismos de resolução de problemas e evidências feitas em prol da academia, será uma mais-valia.

b) Contrastes /défices na supervisão das práticas encontrados no terreno

A supervisão das práticas é feita com muitos obstáculos, observamos, que vive-se um quadro bastante difícil. Primeiro, o próprio departamento de prática docente deve sentar o mais urgente possível e reflectir, replanificar e formar os professores na especialidade de supervisão das práticas para remediar a situação bastante débil.

Quanto aos programas, os professores cogitam que a própria instituição não tem um plano de estudo adequado, não combina com a prática que é feita no terreno, logo no ensino especial em vez de formarmos professores de psicologia, estamos a formar professores primários; vimos que um e outro caso podem trabalhar no ensino especial, até porque, o psicólogo necessita conhecer perturbações e deficiências que as crianças apresentam e os professores do ensino primário precisam de conhecer as metodologias específicas para pô-las em prática no ensino primário e especial.

É uma utopia a falta de programas de Prática Pedagógica numa instituição do ensino superior, a própria instituição é responsável em adequar os planos de estudo aos programas existentes, ou ainda, investigar e criá-lo visto que a instituição já existe há mais de 3 anos.

Quanto a planificação, não há grau de cumprimentos das actividades, logo, trabalham com base naquilo que planificam no início do ano sem um preparo? A planificação só é feita no início do ano? Como é que eles aprenderam a planificar?

Já que a própria instituição tem um departamento de prática, deveriam todos professores que pertencem ao mesmo, reflectir sobre o ciclo de supervisão e naquilo que não vai bem e refazer a planificação a curto, médio e longo prazo com base nas dificuldades e problemas vividos. Como exemplos

concretos temos: os horários da escola anexa e do ensino superior não se coadunam, deve haver um casamento entre as diferentes metodologias, Didácticas e todas disciplinas do curso e sua aplicação com a prática de ensino, perceber a quantidade de alunos que um orientador deve ter sob sua tutela, 45 estudantes é um número exagerado para um supervisor.

Este é o 3º ano que trabalham sem um programa e nem investigam como ser feito, que conteúdos devem fazer parte, que estratégias usar, bem como os benefícios que devem ter para os estudantes aplicarem na resolução de problemas. Pimenta e Lima (2010), referem que deve haver reflexões sobre as práticas pedagógicas das instituições escolares, analisando que o estágio não se faz por si, ele envolve todas disciplinas do curso de formação. Franco, (2012) defende o professor que não encontra na instituição condições de integrar-se num colectivo investigativo, num ambiente de mútuas aprendizagens, fica sem possibilidade de organizar-se como sujeito de sua praxis.

Já Formosinho (2009), defende que existe um processo periódico de planificação, execução, e retroacção reguladora, permitem a replanificação e a nova execução, estabelecendo regras. Pimenta e Lima (2010), ressaltam, que a planificação nos cursos de formação de professores deve ocorrer de forma colectiva com realização de reuniões no início e no decorrer do ano.

Quanto ao número de alunos, podemos ver que o docente não tem a preocupação de controlar a turma devido ao excesso de estudantes. Já que o mesmo deve trabalhar em equipas para ampliar a qualidade de ensino, o número de professores especializados deve aumentar para auxiliar a quantidade de estudantes, 45, para um supervisor e poderem trabalhar em grupos e assim realizarem o atendimento individualizado aos estudantes, que apresentarem maiores dificuldades, baseada na reflexão crítica de várias situações e encontrar as soluções adequadas. Tanto professores, alunos e coordenador reconhecem o elevado número de aluno. Silva (2011), recomenda a divisão da turma no máximo 15 alunos, o professor orientador deve organizar encontros periódicos para orientação e serão apresentados as actividades que os estagiários deverão desenvolver, com o cumprimento integral do estágio

incluindo acções de intervenção pedagógica em projectos específicos desenvolvidos em ambientes escolares.

- Dificuldades na orientação e supervisão das práticas na escola de formação

A maior parte dos alunos consideram que existem algumas dificuldades, mas nada de muito relevante, eles identificam a má planificação a partir do departamento, em relação ao momento ideal que deveriam frequentar a prática na escola anexa, quantidade de alunos, professores não reconhecem os conhecimentos dos alunos, falta de segurança na correcção de algumas actividades, falta de paciência, dificuldade em função a diversidade de alunos.

Os professores reconhecem que estão a leccionar esta disciplina para os estudantes não fiquem condicionados na instituição, uma vez que, não terminariam o plano curricular sem a disciplina de Prática Pedagógica. *“Não tive nenhuma formação para orientar a prática docente, havia necessidade porque se os alunos não tivessem aulas de prática pedagógica, haveriam de ficar condicionados na instituição ”. P2*

Que oportunidade o próprio teve de formação previsto na lei?

Existem oportunidades de formação prevista na lei, mas a sua execução não é efectiva, pois, os mesmos nunca receberam nenhum seminário ou qualquer tipo de formação quanto a supervisão e orientação pela instituição em que leccionam.

Como vamos formar competências desejáveis, se o próprio mestre não domina sequer a própria metodologia, nem o professor cooperante auxilia nos conteúdos e metodologia de instrução primária e particularmente do ensino especial, nem trabalham com a inclusão. Ribeiro, (2014), diz o supervisor da escola de prática apoia e ajuda o futuro professor, de modo sistemático nas acções práticas, reflexivas e a construção do conhecimento profissional do futuro professor.

A partir deste momento, temos que pensar no docente como investigador e pesquisador reflexivo, para colmatar as falhas tanto dos professores do ensino superior, professor do primeiro e segundo ciclo, do

ensino primário, ensino especial, do professor cooperante, bem como do próprio aluno mestre e da escola anexa.

Segundo Ribeiro (2014), o docente/ supervisor da escola de formação é o mediador da articulação entre a teoria e prática e dos processos de interacção dos contextos. Nesta senda, o mesmo, justifica que a supervisão é um processo formativo tem como objectivo principal o apoio, e ajuda ao desenvolvimento humano e profissional do futuro professor.

As categorias dizem acerca das características, que deve possuir o supervisor para orientar a prática, quanto aos professores, chefe de departamento e alunos inquiridos enfatizam as características que deve possuir o supervisor para orientar a prática docente, visto que, a profissionalização deve ser realizada com conhecimentos científicos, pedagógicos e tecnológicos de desempenho adequado numa determinada área.

Para que os futuros professores sejam habilitados a realizar um trabalho com a qualidade, necessita-se de aplicação teórica, com observação das aulas, experimentação na simulação e ao mesmo tempo reflexão do trabalho diário e investigação do que aprenderam no decurso da formação em Práticas Pedagógicas coisa esta que não aconteceu no terreno investigado. Relativamente, os resultados evidenciaram que os professores devem possuir características como reflectir, dialogar, questionar, problematizar o ensinar e o aprender, os inquiridos não conseguiram citar como relevantes para o trabalho do docente.

Visto que a superação é uma mais-valia, deve ser feita com a formação permanente dos professores da instituição de formação, como os da escola anexa, com palestras, seminários, acções de formação contínua levadas a cabo pela instituição de formação.

Os inquiridos reconhecem que deve haver superação dos professores com formações em função das dificuldades que forem encontrando no terreno para melhorar o desempenho profissional. Deste modo, Formosinho, (2009), defende que as instituições, associações profissionais e pedagógicas devem mobilizar os professores para acções de informações e sensibilizações com

carácter misto de dinamização pedagógica e laboral. Estas iniciativas de formação contínua levadas a cabo por diversas entidades assumindo carácter de reciclagem ou actualização dos professores de carácter pontual e de curta duração, realizadas frequentemente em forma de jornadas pedagógicas no início do ano lectivo.

- A avaliação dos professores

O discurso sobre avaliação surge sempre centrado nos alunos, faltando alguma reflexão sobre a avaliação dos próprios docentes, que é indicando como muito importante por Machado, Costa e Alves (2013)

Masetto, (2003) defende que a avaliação de desempenho docente do ensino superior em sala de aula está relacionada a duas actividades fundamentais e interligadas: o ensino e a pesquisa. Ele não aceita a concepção dicotómica que ao professor compete o ensino, isto é, (a transmissão de conhecimentos existentes ou resultados de pesquisa realizadas) e ao pesquisador compete o papel de produzir novos conhecimentos para serem transmitidos. Masetto (2003) entende e estamos de acordo que, o docente, para desempenhar de maneira adequada a sua função, deverá ser capaz de facilitar o aluno a aquisição de conhecimentos, habilidades, e atitudes tidos como necessários e fundamentais, como interveniente a sua própria atitude e comportamento, levando o aluno a iniciar-se: a) ele próprio conduzir algum conhecimento, b) em algum trabalho intelectual e comunicá-lo aos demais.

Masetto, (2003) comenta que, avaliar o desempenho do professor e a adequação do programa que o mesmo desenvolve, é uma forma de demonstrar que os vários elementos de um processo de aprendizagem são co-responsáveis por ela e não apenas aos alunos. Formosinho, (2009) defende que as práticas de avaliação são essenciais, porque, condicionam os métodos de estudo dos alunos, o tipo de aprendizagem proporcionado na formação inicial. Gil, (2011) ressalta que o desempenho do docente, igualmente, deve ser avaliado, pois, tem como objectivo verificar se o comportamento e atitudes adoptados pelo professor em sala de aula contribuem ou não para o processo de aprendizagem e para melhorar a sua actuação como docente.

Gil (2011) questiona, que muitos dos problemas de aprendizagem não se devem ao desempenho insuficiente dos estudantes, mas na planificação inadequada das aulas, a rigidez dos conteúdos, inadequação das estratégias de ensino, ou mesmo as atitudes preconceituosas dos professores, havendo necessidade de avaliar as acções dos docentes, no mínimo duas avaliações em cada semestre, para que haja mudanças.

Quanto à avaliação dos alunos mestres o que serve de indicador são as notas, os mesmos, devem ser avaliados com várias estratégias para demonstrar as suas potencialidades e fragilidades. O perfil de entrada e saída por cada classe ou ano deveria ser um instrumento útil e necessário para avaliar o progresso do aluno, igualmente os professores inquiridos avaliavam os seus alunos valorizando simplesmente a prática de ensino. A maioria dos estudantes adormecia na sala de aula porque os professores não orientavam devidamente as actividades a serem realizadas de forma a monitorar o progresso dos seus alunos.

Formosinho (2009), justifica que o estágio não é apenas o processo de formação, mas também um processo de avaliação das aprendizagens actuais e da avaliação das potencialidades dos futuros profissionais.

Tal como Formosinho (2009) diz, é necessário para o exercício da docência, aumentar o período de observações, e diversificar os contextos organizacionais desta observação, avaliando o desempenho do professor em mais de um ano em contexto de prática orientada, isto é, no estágio e em contexto de prática autónoma como professor principiante.

Formosinho (2009), defende que, deve haver uma diversidade nas modalidades de avaliação, usando diversas estratégias como oficinas e projectos, círculo de estudo, relatórios reflexivos, elaboração de projectos, memoriais de formação e portefólios.

Pimenta e Lima (2011), contestam o descompasso de calendário lectivo entre ensino geral e universitário, motiva com que os professores façam projectos na realização dos estágios permitindo que os estagiários vivenciem um processo em todas as etapas desde o diagnóstico, planeamento, execução

e avaliação, num determinado espaço de tempo, com início meio e um fim, sendo ao mesmo tempo aprendiz e autor, enquanto aprende a organizar e gerir o necessário num tempo determinado. Gil (2011), refere que a avaliação ajuda na aprendizagem por meio de feedback e motivação; os resultados das provas comunicam ao estudante acerca dos seus sucessos e fracassos, das etapas vencidas e das dificuldades encontradas.

Efectivamente, o professor mentor, tendo em conta o número elevado de alunos e muitas turmas para leccionar, deve diversificar a forma de avaliação orientando diferentes estratégias aos futuros professores, para que, consiga recolher um elevado leque de informações e os alunos reflectam de forma crítica. Tal como referem Depresbiteris e Tavares (2009), o portefólio possibilita o professor verificar não só o que, o educando não sabe, mas o que ele é capaz de realizar, o que imprime um carácter mobilizador da aprendizagem. No entanto, ainda Depresbiteris e Tavares (2009), sugerem que o portefólio pode ser usado não para avaliar produtos pontuais do trabalho do aluno, mas para dirigir a sua atenção para aspectos mais abrangentes da aprendizagem especialmente a capacidade de reflexão do aprendiz e a sua percepção global do processo e do curso.

Na perspectiva do chefe de departamento emergiram diversas categorias.

-Formas de atuação dos professores

Assim, as formas de actuação dos professores estão bem idealizadas na teoria, conforme explana o chefe de departamento, mas na prática, porém, a sua execução não satisfaz, devido as fracas competências dos supervisores orientadores e a coordenação de práticas, que não funciona como um todo para auxiliar os docentes.

- Necessidade de formação nas metodologias ensino primário, incoerência

Devido ao não acompanhamento pelo departamento de prática e a falta de regentes que auxiliam os colegas, verifica-se que os professores supervisores e estudantes necessitam de formação nas metodologias do

ensino especial e primário, para trabalhar com maior segurança com crianças que apresentam necessidades educativas especiais. Como ressalta Formosinho, (2009) existe uma base de informação, de conhecimento, de competência que foi desenvolvida por peritos e que constitui a base de conhecimento para a formação, no entanto os estagiários, os professores em início de carreira, bem como os professores experientes precisam de aconselhamento técnico para melhorar a prática.

O próprio docente por não dominar as metodologias não consegue corrigir os futuros professores de forma viável. Assim, o chefe de departamento relata que *“possa ser que vão para lá e também dão aulas a crianças do ensino primário com NEE acentuada, isto porque carecem de uma reciclagem ou da inclusão das metodologias do ensino primário.”*

Ribeiro, (2014) diz quando há o contributo das outras disciplinas, incluindo as Metodologias Específicas/Didácticas está favorecendo a contribuição de que a acção educativa não depende exclusivamente nem da Psicologia nem da Sociologia da educação, nem da Filosofia. Todas estas ciências convergem para a facilitação da análise e compreensão das diversas situações educativas, como na planificação de novas intervenções pedagógicas, mais conscientes e mais informadas.

Os alunos mestres na escola de formação receberam as metodologias do ensino da psicologia, mas praticam as metodologias do ensino primário sem o devido preparo, porém, os alunos têm muita dificuldade na aplicação dos procedimentos metodológicos como planificação das aulas, selecção de actividades adequadas, escolha dos conteúdos, estratégias e recursos adequados, a linguagem usada principalmente com crianças com NEE não é adequada, tipo de avaliação a efectuar, o que faz com que o trabalho não tenha êxitos e os professores não analisam, nem reflectem no tipo de trabalho realizado.

Assim, Pacheco e Flores (1999) citados por Ribeiro (2014), justificam que a forma de gerir obstáculos de natureza epistemológica, é objectivo da estratégia formativa de seminário, no sentido de potenciar a progressiva consciencialização dos formandos de que a prática e a teoria uma vez

integradas contribuem para a sua formação, em duas dimensões: a dimensão objectiva de articulação curricular e de processo de formação; a dimensão subjectiva de integração que ocorre na consciência dos futuros professores.

Na categoria “Contrastes/ défices na supervisão das práticas” surgem diversas subcategorias quanto ao chefe de departamento.

1º Contrastes/ défices na supervisão das práticas

O problema da planificação deficiente é uma questão das instituições de educação e deve ser reflectido com muita seriedade. Embora se tenha feito um esforço muito grande para conseguir um plano estruturado das actividades realizadas não foi possível o aceso, a partir da entrevista e observação das aulas foi possível perceber que os planos são concebidos de forma mental e sem ter em conta as etapas para uma planificação com eficácia.

Quanto aos Programas, a supervisão das práticas é feita com muitas dificuldades, observamos que, vive-se um quadro bastante difícil, o próprio departamento de prática docente deve sentar o mais urgente possível, reflectir replanificar e formar os professores na especialidade de supervisão e orientação das práticas, para remediar a situação bastante débil.

Masetto (2003), comenta, que os coordenadores do curso e outros membros que, compõem o curso de graduação têm o papel de liderar o processo de construção colectiva do projecto pedagógico. Cabe nomear uma comissão de experts que redijam um documento e submetam aos membros do curso. O mesmo salienta que, documentos elaborados sem a participação dos demais membros da comunidade, isto é, vindos de cima para baixo, não costumam sair do papel. A construção colectiva ajuda a superar o imobilismo e a resistência a mudança, assim como o individualismo e o isolamento.

- Quanto ao calendário e horário de aulas.

Nas escolas de formação inicial de professores do Ensino Médio, isto é, Magistérios Primários, Institutos Médios Normais de Educação (IMNE) para professores do ensino primário e I ciclo têm no programa de formação a disciplina de Prática Pedagógica, I na 11ª classe primeiro ano, uma vez por

semana com 6 tempos semanais; P Pedagógica II 12^a classe segundo ano, uma vez por semana com 6 tempos semanais; P Pedagógica III na 13^a classe no final do curso com designação de estágio, 3 vezes por semana com 18 tempos semanais.

Muito diferente no Ensino Superior que existe a Prática Pedagógica I no terceiro ano com 6 tempos e no 4 ano Prática Pedagógica II com 6 tempos igualmente. Nas nossas observações, vimos que o horário dependia da escola anexa onde os estudantes do curso de Língua Portuguesa leccionavam apenas 4 tempos, que o professor da escola de aplicação dispunha naquele dia. O calendário de aulas no ensino geral começa em Fevereiro, enquanto no ensino superior começa em Abril/ Maio. Fazendo com que haja um descompasso de calendário.

Ribeiro (2014), justifica que o período dedicado a esta formação, em contexto educativo seja contemplado 2 a 3 vezes por semana, ao longo do ano lectivo e o seu início deve ocorrer em data posterior ao início das aulas, nas outras disciplinas leccionadas no curso, isto porque, no período que antecede o estágio é indispensável o desenvolvimento de uma formação preparativa das actividades no contexto de ensino, pelos docentes de Prática Pedagógica da instituição de formação, podendo assumir a tipologia de seminário, reflectindo sobre questões que os estagiários possam ter, dúvidas e inquietações, de forma a minimizar as angustias no inicio do estágio.

Relativamente ao elevado número de alunos, a instituição deve adaptar-se com enquadramento dos professores das diferentes Metodologias, para auxiliar o trabalho do grupo de prática de ensino. Existem poucos professores para o elevado número de alunos, visto que as turmas são numerosas, o correcto é dividir em grupos, enquanto uns leccionam os outros observam e realizam outras actividades, como trabalho na coordenações de disciplinas, secretaria pedagógica, gabinete pedagógico, para aprender outros papéis que o professor deve desempenhar além de leccionar, observar os contextos e reflectir em relatórios e portefólios.

Ribeiro (2014), aconselha que, em cada instituição escolar podem estagiar um grupo de formandos, conforme o número de turmas e cada

professor cooperante deverá manter dois estagiários quando as condições pedagógicas do contexto humano e físico permitirem, optando pela interacção entre pares de formação e a construção colaborativa de saberes.

Pimenta e Lima (2010), debatem que nas Universidades não há políticas de valorização dos estágios, que possibilite o orientador acompanhar mais objectivamente os estágios e os estagiários, pois, o número é muito elevado desprestigiando a área de ensino na carreira universitária.

- Avaliação docente

Quanto à avaliação, os professores realçam que, devido ao elevado número de alunos muitas vezes os alunos leccionam uma aula e nem sempre todos leccionam, fazendo com que a profissionalização não se efectiva como deve ser. Por outro lado, o chefe de departamento das práticas reconhece que há um elevado número de alunos e orienta que os professores devem colocar em prática várias estratégias para avaliar, mas o mesmo não supervisiona o trabalho dos professores da sua área de tutela.

Ribeiro (2014), fala que a avaliação deve ser feita em dois momentos:

1º momento: avaliação formativa e processual deve ocorrer a meio do estágio tendo como objectivo consciencializar todos envolvidos no processo de formação profissional onde o estagiário, professor experiente/cooperante e docente/supervisor da escola de formação acerca da evolução, ou não, no desenvolvimento dos saberes dos estagiários. Avaliação assume as características de auto e heteroavaliação devendo haver uma grelha de orientação da discussão, abarcando parâmetros definidos nos três domínios principais do saber profissional sendo a observação, planificação, a acção e reflexão sobre e para a acção.

2º momento: avaliação formativa e final deve ocorrer no final do estágio sendo realizada em reuniões com todos envolvidos no processo de formação em Prática Pedagógica.

A grelha de avaliação pode ser constituída de parâmetros principais abrangendo os domínios do saber profissional sendo a observação, planificação, a acção e reflexão sobre e para a acção, sendo a atribuição da nota da responsabilidade do professor de Prática Pedagógica da escola de formação e os resultados produzidos com base em relatório final de estágio Ribeiro (2014).

Evidentemente, os professores não são supervisionados nem avaliados pela instituição de formação enquanto labutam, acabando por banalizar e não valorizar as suas actividades. Assim, Masetto (2003), alerta que a avaliação do professor universitário deve basear-se na actividade de ensino e na produção intelectual. Moreira (2010), acautelada que a avaliação dos professores deve centrar-se no desempenho profissional, procurando identificar os pontos fortes e as fragilidades da prática docente, com a intenção de contribuir para o desenvolvimento profissional. Masetto (2003), recomenda que as instituições universitárias devem avaliar o desempenho do professor, e adequar o programa que está desenvolvendo é uma forma de demonstrar, que os vários elementos de um processo e aprendizagem são co-responsáveis por ela e não só os alunos.

As visitas de acompanhamento pela instituição de formação planificadas mas não realizadas, devido a questões burocráticas nos diferentes órgãos de soberania do país, faz com que o cumprimento de muitas actividades programadas não se efective como deve ser. O chefe de departamento reconhece quando justifica.

“Agendamos no ano passado visitas de supervisão pedagógicas pelo Director ESP B, eu fiz um plano de visitas às escolas de aplicação estávamos prestes a começar com as visitas que achamos de supervisão, mas como temos que, obedecer.” “hierarquias e normas tínhamos que fazer com anuência ao Delegado Provincial de Educação do B e mandamos uma carta para avisar e o Dr. K sugeriu que o momento não era frutífero, porque estavam prestes a realizar-se as provas de frequência do primeiro trimestre na escola de aplicação”. CD

Masseto (2003), diz que todo projecto pedagógico necessita de uma gestão, onde prevê a construção, sua implantação, e no acompanhamento da sua realização. O projecto deve ser acompanhado e a gestão conceber sistema de avaliação, correcção de rumos, de apoio e diálogo contínuo, para encorajar a comunidade a levar a frente o projecto. (idem)

Quanto à articulação da teoria/prática valorizada, pelo coordenador, mas não concretizada pelos docentes, pois, não dominam os procedimentos metodológicos para a materialização das actividades adequadas.

Assim, os professores reconhecem que não existe um casamento nas diferentes disciplinas do curso o que faz com que haja contradição daquilo que aprendem nas teorias com aquilo que praticam. A articulação da teoria com a prática com as demais disciplinas do currículo deve ser ajustada a partir do momento que todos envolvidos trabalharem, como uma comunidade de aprendentes.

O chefe de departamento realça que a teoria deve ser evidenciada:

“Há um teórico brasileiro que diz que para cobrir esta lacuna, os professores que leccionam as cadeiras teóricas nas escolas de formação devem ser mais sérios, procurar trabalhar com aulas teóricas e práticas, desta forma, o estudante em formação vai ter possibilidade de ganhar mais conhecimentos teóricos e práticos, que vão facilitar a sua actuação como bom técnico capaz de ser objecto de mudança na escola de aplicação; quando formado para dar o seu contributo na escola de formação”.

“Fora da qual, se não tivermos em conta estes aspectos fazemos uma formação mais teórica do que prática em pleno século XXI; não é fácil formar um professor apenas com conhecimentos teóricos, é preciso que ele saiba fazer a junção da teoria com prática, para que, se torne então uma pessoa útil para mudar o meio para que possa transparecer aquilo que é o fruto da formação, que no fundo é aquilo que é o trabalho da escola de formação”.

Actualmente, professores e estudantes não apresentam as qualificações que o docente necessita para ajustar os conhecimentos teóricos e relacioná-los com a prática, deve desenvolver-se a partir do desempenho do aluno, o tipo de formação recebida, bem como a investigação e produção de matérias pedagógicas, análise e questionamento do seu trabalho.

Entretanto, a construção de portefólios de trabalho para os professores ajudará na recolha de informações e melhoria na gestão da sala de aulas, nas planificações, na escolha de metodologias participativas, conteúdos a usar em situações de aprendizagem, avaliações, trabalhos realizados, artigos publicados, bem como a melhoria do trabalho realizado pelos alunos.

Os alunos dizem que, ficam aflitos, porque o professor muitas vezes não faz uma preparação para que o aluno possa confrontar os conhecimentos teóricos e fazer uma aplicação com simulações e situações exactas e consistentes como afirma:

“Quando viemos para práticas os professores orientam a preparar um plano sem antes termos visto um modelo, é que cada um arranja na escola onde está, ou colega e desta vez de forma arrojada viemos fazer a nossa prática, depois da aplicação da prática ouvimos as críticas e como devia ser, não há uma preparação e estamos a ir directo para a prática”.E4

Ribeiro (2014), realça que a aquisição dos conhecimentos dos formandos para a acção docente deve ser feita a partir das seguintes actividades:

- Observação participante em contextos específicos da prática docente.
- Colaboração na planificação, intervenção, avaliação e reflexão do processo de ensino aprendizagem em desenvolvimento na turma, com a co-responsabilização dos formandos por actividades de ensino, integradas no projecto curricular do professor e no projecto educativo institucional.
- Reflexão pré e pós-activa com o professor experiente, colegas de formação e do docente de Prática Pedagógica da instituição de

formação, a estratégia privilegiada na articulação do referencial teórico com o referencial de prática, propondo o desenvolvimento progressivo do saber profissional, onde os professores de Prática Pedagógica procuram servir de mediação, intervenção e resolução de problemas emergentes da prática e ajudar a minimizar a distância entre teoria e prática, num esforço de evitar o modelo endêmico de separação teoria-prática na formação de professores.

Moreira (2010), justifica o desenvolvimento profissional exige que a teoria e a prática se interligam suportando um exercício de docência bem fundamentado e em permanente (re)construção ao longo de toda carreira.

Moreira (2010), ressalta que o desenvolvimento profissional tem por finalidade tornar os professores mais aptos a orientarem o ensino das diferentes áreas disciplinares, para a especificidade de cada aluno, contribuindo deste modo para a melhoria das instituições escolares e para a sua realização pessoal e profissional.

2º Observações das aulas na perspectiva dos alunos

A maior parte dos alunos consideram que existem algumas dificuldades, mas nada de muito relevante, eles identificam a má planificação a partir do departamento, em relação ao momento ideal que deveriam frequentar a prática na escola anexa, quantidade de alunos, professores não reconhecem os conhecimentos dos alunos, falta de segurança na correcção de algumas actividades, falta de paciência, dificuldade em função a diversidade de alunos.

De um modo geral, existem muitas lacunas como a falta de responsabilidade por parte dos estudantes quanto ao leccionar as aulas, falta de empenho em preparar e levar meios de ensino, linguagem escrita e oral inadequada ao nível dos alunos, com muitos erros. Por outro lado, os professores reconhecem que os estudantes vêm mal preparados para enfrentar o ensino superior e não corrigem as dificuldades dos estudantes.

Existem dificuldades graves na orientação e supervisão das práticas, os estudantes estão satisfeitos com o trabalho desempenhado pelos professores,

diante de tantos inconvenientes, é uma ilusão a forma como os mesmos estão felizes, já que, os próprios supervisores têm muitas dificuldades na orientação e não propõem melhorias como ressalta uma estudante.

“A orientação da prática deve ser para pessoas que tenham uma certa característica, pessoas mais abertas à crítica, dinâmicas. Nem todos temos a mesma característica, eu acho que o professor tem formação, agora se precisa de uma retro alimentação sim”. “Precisa de formação na área de prática, porque, algumas coisas estão sendo ultrapassadas com o tempo e temos que inovar seguindo esta dinâmica”. (E4)

O estágio supervisionado segundo Silva (2011), é um acto educativo desenvolvido no ambiente de trabalho e tem como objectivo preparar o aluno para o trabalho produtivo.

- Avaliação do trabalho

Efectivamente, no curso de Língua Portuguesa, os alunos mestres numa das turmas observadas eram avaliados por uma estudante, sempre que a docente chegasse atrasada. Assim, a professora não avaliava alguns estudantes, pois, o descompasso de horário entre o ensino geral e universitário prejudicava o horário de almoço da docente, igualmente, a estudante avaliava e dava o parecer à professora das aulas assistidas e avaliadas com notas descriminadas, sem análise das aulas pelo orientador.

É uma situação muito grave, já que existe o professor cooperante que deveria participar do processo de avaliação do futuro professor, tanto na fase inicial como da fase final. Nas nossas observações, vimos que o professor cooperante não é tido nem achado, não participa em nenhuma das fases de aprendizagem e avaliação do futuro professor. Por outro lado, a avaliação feita aos alunos mestres era baseada simplesmente no plano e na aula leccionada pelo estudante, sem reflexões dos docentes e estudantes a maioria das vezes leccionavam uma aula.

Segundo Masetto (2003), monitor é aquele aluno da turma mais avançada, que se dispõe em colaborar com os seus colegas de turmas posteriores a sua, sendo fundamental no processo de aprendizagem com

objectivo de auxiliar o professor nas actividades realizadas. Para Garcia (1999), monitor é aquele professor com uma vasta experiência e formação no mesmo nível académico que ensinam os professores principiantes.

Finalmente as provas no ensino geral começaram, os estudantes tiveram que ausentar-se das escolas de aplicação e a maior parte dos estudantes ainda não tinha leccionado, tiveram que recorrer a aulas simuladas na instituição.

Surge uma professora para auxiliar o professor na supervisão e orientação das práticas, no final das observações os estudantes foram obrigados a permanecer na instituição para analisar o trabalho que efectuavam. Os mesmos sentiram-se mal, porque a nova professora fazia muitas críticas e demonstrava onde estavam os seus erros, não estavam habituados a esta nova forma de trabalho e pensaram que a docente estava aí para prejudicar.

A mesma não aceitava as desculpas que davam, porque todos eram obrigados a participar nas actividades e analisar o trabalho permanecendo na instituição até ao final do trabalho. Franco (2012), alerta a existência da prática que forma informa e transforma, conjuntamente, o sujeito e suas circunstâncias. Molina (2013), conta que o docente deve encontrar momentos adequados para analisar com os alunos o que fizeram bem, como melhorar desafiando a superarem, incentivando a intervirem dando a sua opinião e auto avaliarem-se. Silva (2011), diz que a reflexão crítica das aulas é fundamental pois, a problemática existente no interior das escolas devem aflorar os olhos dos alunos viabilizando uma análise da realidade a luz das teorias discutidas em sala de aula; esta análise poderá ensejar a construção de propostas que resultem em mudanças no actual contexto, preparando o aluno para uma actuação transformadora. Pimenta e Lima (2011), dizem que é necessário que os professores orientadores de estágio procedam no colectivo com os seus pares e alunos e essa aproximação da realidade deve ser analisada e questionada criticamente a luz das teorias. Alarcão (1996), diz que muitas vezes as relações entre formador e formando começam a ser de defesa parte a parte, o formando sente uma terrível confusão a profissão que está a iniciar e não sabe como agir e acha que o profissional está a esconder informação em vez de ajudar e coloca-o numa situação de desconfiança e defesa. O formador

encontra-se perante um dilema de ter de pedir aos formandos que confiem nele e se deixem guiar, mesmo que não perceba as razões de ser de determinadas solicitações, que se abandone e entregue as experiências que lhe vão propondo.

Os professores observados foram muito permissivos e tolerantes com os estudantes quando se ausentassem, com os atrasos, desculpas quando fugissem em leccionar as aulas, permitindo que a maioria do estagiários adormecerem nas salas de aula sem fazer nada porque não havia orientação.

Silva (2011), salienta que é fundamental a papel do orientador para que o estagio supervisionado se torne uma experiência rica para os alunos, sendo os encontros de orientação além da programação e orientação das actividades que serão desenvolvidas no campo de estágio, deverá ocorrer um rico diálogo a partir das actividades que os alunos já desenvolveram, tendo como base da discussão a teoria, que surgirão para elaboração de propostas que possam superar os problemas existentes no campo da educação observados.

Assim, as falhas na assiduidade, pontualidade, muita ausência nas aulas simuladas dos estudantes e professores não levam ao debate nem a discussões das situações, de maneira crítica, evitando assim inovações pedagógicas com objectivo de melhorar o trabalho. Ribeiro (2014), diz os registos sobre o observado devem ser realizados na fase posterior a observação, tendo como suporte o que, o supervisor/ docente observou, na acção, nos instrumentos de observação e registos realizados pelos formandos, para que a discussão reflexiva no encontro pós observação tenha referentes várias fontes e devem ser articulados. Silva (2011), diz que é importante o papel do orientador do estágio em todo processo porque em conjunto com os demais professores do curso. Santos e Costa (2008), citado por Silva (2001), realçam que o supervisor poderá transformar o espaço de estágio e de supervisão em campo de aprendizagem, ressignificação e elaboração de acções e teorias. Machado, Costa e Alves (2013), o processo de reflexão que sustenta a auto avaliação é construtivo para o desenvolvimento profissional, permite reflectir, questionar sobre suas práticas, dificuldades, problemas e respectivas soluções permitindo uma introspecção sobre o desempenho

favorecendo a reflexividade sobre o seu trabalho e avaliação da eficácia dos seus métodos de ensino.

Que competências são identificadas pelos professores supervisores, alunos e chefe de departamento como indispensáveis para o desempenho da função de supervisão pedagógica?

4.2. Competências identificadas para desempenho da profissão

Respondendo a esta questão, surgiram diversas categorias na perspectiva dos alunos quanto as características chaves que o docente deve possuir.

1º Características chaves do docente

Quanto aos docentes inquiridos realçam que as características chaves que os mesmos devem possuir, já que são professores de prática docente, expressaram formação, domínio das Metodologias e Didácticas, experiência na área. Há aqui um desfasamento das competências identificadas pelos alunos e professores, os mesmos sentem mais necessidade domínio do conteúdo, perícia pedagógica. Hoje, neste mundo globalizado existe uma outra gama de competências que o professor universitário necessita por excelência, que os docentes inquiridos não são capazes de identificar pelo facto de, no nosso contexto serem pouco trabalhadas, como a resolução de problemas, análise crítica e reflexiva, investigador, pesquisador, inovador, orientador entre outras, Alarcão (1996). Formosinho (2009) realça que, a concepção profissional baseia-se em características cognoscitivas, normativas, organizacionais. Ribeiro (2014), faz referência as características como: escutar, encorajar, clarificar, ouvir, reflectir, apresentar, resolver problemas, negociar, standardizar, reforçar. As características da sua personalidade apresentadas têm como objectivo melhorar o desempenho do estudante, exigindo do supervisor um grau elevado de conhecimento, não só da matéria a ensinar, como das teorias da aprendizagem, da psicologia educacional e as competências de natureza comunicacional permitindo-lhe optar pelo estilo de relação interpessoal mais adequado para o seu desempenho Ribeiro (2014).

Que competências devem possuir os supervisores orientadores na supervisão das práticas?

Nesta perspectiva os professores reconhecem algumas competências, como: tecnológicas, pedagógicas e científicas. É de ressaltar que as competências citadas pelos professores estão nas literaturas e dizem que é necessário conhecer as competências, em consideração, porque também são importantes para o trabalho do professor, como refere saber envolver-se, como avaliar e organizar o trabalho.

Assim, os professores não estão sensibilizados para uma outra gama de competências muito importantes também, isto é, uma visão muito tradicional ou clássica que deve ter. Aqui, chamamos atenção pelo facto deles não estarem habituados a uma nova dimensão de perfil de competência como: a capacidade de interpretação, compreensão do outro e capacidade de questionamento fundamental para Alarcão (1996), já Cardoso (2013), cita a dimensão profissional, social e ética, dimensão do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, dimensão da participação da escola e da relação com a comunidade, dimensão do desenvolvimento profissional ao longo da vida. Perrenoud (2002), recomenda algumas competências como organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação, envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho, trabalhar em equipa, participar da administração da escola, utilizar novas tecnologias, enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão, administrar a sua própria formação continua imprescindíveis para o trabalho do supervisores.

Como alternativa Formosinho (2009), ressalta que fruto da formação contínua os professores devem possuir:

O domínio das competências técnicas e didáticas relacionadas com as metodologias de ensino, com a utilidade de tecnologias e audiovisuais;

Domínio das atitudes e valores e comportamentos ligados a ética e deontologia profissional; domínio das capacidades reflexivas e

investigativas, dimensões importantes na profissionalidade do professor, evidenciadas a compreensão do professor como prático e reflexivo;

Domínio das capacidades relacionais e colaborativas; domínio das competências de organização e gestão escolar e as capacidades relacionais; domínio da formação cultural e social; domínio afectivo e emocional.

Professor de prática pedagógica

- Quanto a questão quem deve ser professor de prática pedagógica? Que formação? Onde fazer a formação?

Respondendo a questão “quem deve ser professor de prática docente? Que formação deve possuir? E onde fazer a formação?”

Quem deve orientar, necessita de especialização na supervisão, porque trabalhar com futuros professores não é nada fácil e não é um trabalho banalizado como está a ser feito. Gil (2011), recomenda que o mesmo precisa de um preparo especializado na matéria, para o professor ministrar com maior profundidade uma determinada disciplina, necessita conhecê-la com profundidade bem maior do que a exigida no programa, é importante que ele possa transparecer os aspectos fundamentais e esclarecer acerca da sua aplicação prática. Alarcão (1996), diz em cada instituição de formação de professores deveriam constituir-se equipas formativas e se os orientadores de estágio tivessem uma preparação especial e pertencessem a um quadro profissional especializado, trabalhassem em contacto e sintonia com a instituição de formação não só em actividades de formação inicial, mas também de divulgação, investigação e formação contínua.

Alarcão (1996), Pimenta e Lima (2010), Formosinho (2013) e Ribeiro (2014) e outros relatam que deve ser feitas em escolas de formação de professores na especialidade de supervisão.

Relativamente à 2ª questão de investigação “Que oportunidades de formação tiveram os docentes inquiridos?”

Podemos constatar que, os mesmos não receberam nenhuma formação para orientar a prática docente, nem tiveram oportunidade de actualização o que faz com que o trabalho não se efectiva da forma segura. Neste caso, o chefe de departamento afirma:

“Não existe uma formação específica dada aos professores de p p, ou uma reciclagem como tal, mas, os próprios professores passaram em instituições de formação de professores, o facto de passarem em instituição de professores têm aquilo que chamamos de agregação pedagógica”. CD

Assim, para encontrar alternativas, a própria instituição onde os docentes desempenham as funções deve proporcionar acções de formação e intercâmbios com várias universidades prestigiadas, para melhorar a forma de actuação do docente universitário em sala de aula.

Que formação têm/ precisam os supervisores para orientar?

Os docentes inquiridos não tiveram nenhuma oportunidade de formação quanto a supervisão e orientação das práticas, dentro da instituição, nem por sua conta o que faz com que o trabalho não se efective como deve ser. Conforme a lei determina no decreto nº 3/ 95 artigo 3 II a) que deve haver desenvolvimento profissional para melhorar a performance do docente em todos os contextos da sua actuação, quanto a investigação e publicação científica. Alarcão (1996), considera que as escolas que formam profissionais devem rever os seus currículos e o conceito de epistemologia da prática e incluir no currículo dos cursos profissionalizantes a componente prática. A componente prática no que denomina de “reflective practicum” e define como uma situação que aproxima os alunos do mundo real e permite aprender a fazer fazendo embora sem total responsabilidade e podem controlar alguns constrangimentos que na vida profissional, dificultam uma reflexão na acção e olham para o mundo profissional numa situação de prisma ser útil no futuro.

Formosinho (2009), recomenda que o envolvimento intelectual dos professores no desenvolvimento do currículo que leccionam, exige que os docentes conheçam o conteúdo e adquiram competências de planeamento do

currículo. Na perspectiva de Formosinho (2009), o desenvolvimento profissional seja feito a partir de cursos de formação, onde abrange os professores na aquisição de conhecimentos ou competências através da instrução orientada e focada, em grupos, em contextos formais. Assim, deve ser com várias modalidades como oficinas de trabalho, seminários, workshops e outras.

Certamente, como professores universitários deveriam fazer um esforço muito grande para sentarem e investigarem, pois, eles reconhecem isto, mas estão sobrecarregados com turmas enormes e o número de alunos muito elevado para um supervisor, número de horas reduzidas, uma vez por semana, faz com que a gestão do tempo prejudique o ensino, tarefas não facilitadas, porque não planificam na colectividade e não existe um programa. Pimenta e Lima (2010), salientam que a separação entre pesquisadores e professores é muito forte presente na estrutura académica, reproduzindo em primeiro lugar, o desprestígio cultural, científico, social e ideológico, marcado na área de ensino e a profissão docente entendendo-a como simples técnica, que reproduz em sala de aula os conteúdos de ensino.

Quanto aos estudantes e professores realçam que devem fazer a formação em instituições vocacionadas como as escolas pedagógicas e Institutos superiores.

Formação dos professores

Respondendo a esta questão surgiram as categorias do chefe de departamento. O mesmo salienta, pelo facto de os professores passarem numa escola superior, estão preparados, para trabalhar com a Prática Pedagógica. Não estamos de acordo porque a orientação e supervisão das práticas é um trabalho muito sério e há necessidade do professor receber formação adequada, ter experiência como deve orientar e supervisionar as práticas e perceber como efectuar o trabalho com reflexão. Alarcão 1996) alerta que o estágio não pode ser considerado uma actividade de segunda, mas deve ser-lhe reconhecida legitimidade e estatuto devendo os formadores ser escolhidos entre os melhores elementos do corpo docente.

Perfil do professor

Respondendo a esta questão surgiram diversas categorias na óptica dos Professores. Os professores inquiridos reconhecem a existência de um perfil idealizado por parte de professores, e que serviram de exemplo para seu desempenho em sala de aula. Assim, tentam reproduzir o que viram de benéfico aos seus mestres, porém, a selecção e a formação também são requisitos. *“Eu tive oportunidade de trabalhar com um professor encontrei nele este perfil. Considero que é possível defini-lo”*. P2

Masseto (2003), justifica que os professores que marcaram para o resto das nossas vidas, como sendo competentes em suas áreas, foram os que incentivaram a pesquisa, abriram nossas cabeças para outros campos ou ciências, ajudaram a aprender a ser críticos, criativos, exploradores de imaginação, manifestaram respeito aos alunos, interesse e preocupações por eles, disponibilidade em atendê-los, resolver as suas dúvidas, orientá-los em decisões profissionais; evidenciaram honestidade intelectual, coerência entre o discurso da aula e sua acção, amizade entre outros aspectos importantes à convivência humana.

Por outro lado, Gaeta e Masetto (2013), propõem para perfil do docente do ensino superior, seja de um profissional com capacidade de docência, investigação e gestão com condições de analisar, compreender, interpretar o contexto no qual desenvolve a sua actividade de modo a partilhar com seus alunos, a possibilidade de intervenção na realidade.

2º Comparação com outras realidades na selecção dos professores

Respondendo a esta questão surgiram diversas categorias na perspectiva do Chefe de departamento, comparação da selecção feita no Brasil e Portugal com o nosso contexto, não há comparações possíveis, já que os mesmos são muito prudentes e rígidos quanto a formação, investigação e produção de obras científicas por parte dos docentes.

Nestes países, há exigências quanto a selecção dos professores universitários, no mínimo deve ter o mestrado ou doutoramento e a selecção baseia-se na produção de livros escritos, artigos e obras publicadas, bem como

uma grande aposta na autoformação especializada com experiência de trabalho, para progredir na carreira é obrigatório por ano uma ou duas publicações no mínimo por professor.

No nosso país o número de profissionais com doutoramentos e mestrados é muito reduzido, e não existe formação dos docentes para orientar supervisionar as práticas de ensino. No entanto começaram a espalhar-se agora as formações a nível das pós graduações, mas, infelizmente a maioria dos professores universitários não produzem nem divulgam obras. É necessário que o Ministério do Ensino Superior e o estatuto da carreira docente criem regras duras e obrigatórias para progressão na carreira quanto a investigação e divulgação de obras. *“Ainda não começamos a publicar obras, tal como livros, vamos começar com artigos científicos que são passos iniciais para a publicação de obras ou livros”* CD

O professor por excelência é um investigador, principalmente na escola de formação de professores, no nosso contexto, a investigação não é tida em conta, porque o Ministério e as instituições universitárias não têm regras muito exigentes para a progressão na carreira e permanência na instituição. *“O Ministério tem estado a primar no sentido de reforçar... as escolas, que os professores sendo já universitários devem primar pela publicação de artigos por exemplo”*. CD

Masetto (2003) justifica que avaliação depende de vários aspectos que servem de indicadores para determinar o bom desempenho do professor universitário, quanto a actividade de pesquisa como:

- Pesquisa ou produção de conhecimento feita com relatórios pormenorizados frequentes, descrevendo o andamento da pesquisa, sua evolução.
- Publicações em artigos para revistas especializadas, como para livros informando a comunidade científica dos trabalhos realizados.
- Teses de mestrado, doutoramento ou de livre docência defendidas publicamente.

- A participação em congressos, seminários ou simpósios com a comunicação de trabalhos científicos.
- A participação em concursos de carreira académica ou universitária.

Quanto ao nosso país, vivemos muitos anos as peripécias da guerra, hoje estamos em paz, e a aposta na formação de quadros competentes, deve ser evidenciada.

No entanto, devemos apostar na qualidade de quadros e não na quantidade principalmente no ensino superior como justifica o chefe de departamento.

4.3. Competências identificadas pela instituição para selecção dos professores

Na perspectiva dos professores surgiram os resultados das categorias dos professores

A selecção dos professores pela instituição de formação não de efectiva como deve, pois, o acesso é feito em função das vagas, não pela especialidade dos docentes necessitados, isso para não condicionar os estudantes a permanecerem na instituição de formação. Os professores reconhecem que, a selecção dos professores muitas vezes não é feita como deve ser.

1º. Requisitos para selecção na perspectiva do chefe de departamento

A forma como são escolhidos os professores para leccionar nas instituições, não é a mais exacta, assim, alguns estudantes em formação como bacharéis são seleccionados para a docência. O mesmo está preocupado em terminar a sua formação e não a pesquisa. Masseto (2003) refere que, ao seleccionar os professores para o ensino superior deve-se ter em conta o domínio e competência de uma área do conhecimento, sua experiência prática neste campo, exige-se mestrado e doutoramento para a docência, além da pesquisa. Gaeta e Masetto, (2013) dizem que, actualmente nas instituições de ensino superior, exige-se que os docentes devem realizar uma prova prática e

entrevista. No nosso contexto, devemos começar a pensar muito sério na selecção e recrutamento dos professores por meio de concursos públicos, prova escrita e prática, exigências quanto a formação, no mínimo mestrado e especialização em alguns casos, para que possamos ter uma qualidade acima das metas e atingir grandes patamares e fazer frente no ranking das melhores universidades em África.

Outra forma de selecção feita refere-se à classificação dos estudantes bacharéis e licenciados com notas de 14 valores. Deveria ter em conta a pesquisa e produção de obras efectuadas pelos professores.

Quanto a bacharéis e como indicador a nota de 14 valores, estamos conscientes que, muitas vezes a nota não retrata os conhecimentos, habilidades, valores, atitudes e competências que o aluno vai adquirindo.

No que tange a carência de peritos habilitados, formados na devida especialidade que progride nas universidades e instituições de formação de professores, bem como a nível da própria prática pedagógica, precisa de indivíduos competentes com requisitos exigidos como mestre e doutores com experiência na área em que vai leccionar, com trabalhos científicos e investigações publicados de forma que a sua actuação seja feita, encontrar mecanismos de resolução de problemas evidência feitas em prol da academia será um benefício para o país.

Os participantes neste estudo referem explicitamente esse problema, quando dizem que a falta de formação na especialidade de prática dificulta a orientação, muitas vezes, não sabem como fazer, visto que, muitos estudantes vêm mal preparados para enfrentar o ensino superior e a falta de domínio e experiência dos docentes na respectiva disciplina que leciona.

Quanto ao estatuto da carreira docente propõe que para a selecção dos professores faça-se a partir de bacharel, desde que tenha média¹⁴, valores pode ser admitido como professor do Ensino Superior.

O estatuto/selecção dos professores de Angola é muito fraco porque não há qualificação ao nível do mestrado e doutoramento na área de supervisão e orientação da prática para promover a formação pedagógica dos docentes,

assim deve ser revisto o estatuto da carreira docente, que define como entrada a docência a partir de bacharéis e licenciados e desde que tenha média de 14 valores. O país já teve muitos problemas devido as contendas vividas a anos atrás. Hoje, com novos ventos de transformações e surgimento de muitas Universidades, necessitamos de quadros formados e capazes para agarrar o Ensino Superior e andarmos com qualidade que necessitamos, onde os mesmos não fazem mais nada além de leccionar. Neste campo a mobilidade no Ensino Superior é uma mais-valia nas áreas em que ainda não possuímos quadros.

Para selecção dos professores deve-se assegurar maior credibilidade no ensino superior, apesar dos défices de docentes qualificados, investigação e publicação de obras científicas.

Quanto à fraca qualidade na formação não há evidências de melhorias, visto que, a licenciado forma licenciado, mestre forma mestre, devido a falta de docentes com formação e especialização que o país carece, há um desajuste na selecção dos mesmos.

Efectivamente, por ser um nível de formação superior em que o docente deve leccionar na graduação, exige-se que tenha formação profissional e experiência reconhecida, comprovada com intenções de mudar o quadro que se vive, elevando a qualidade, formando as competências adequadas e desejadas aos docentes, com vista a não ser banalizada ou facilitada.

Entretanto, precisamos de docentes habilitados e capacitados com competências enquadradas ao perfil de docente actual, em função das dificuldades encontradas no terreno, pois, os intercâmbios nacionais e internacionais com universidades prestigiadas na formação e selecção dos professores capacitando-os devem ser uma mais-valia para a própria instituição de formação.

Assim, o chefe de departamento afirma: *“onde há défice de quadros para facilitar o processo e primar pela formação de quadros, o próprio licenciado forma outro licenciado e é o que acontece na escola superior B”*. CD

2º Investigação no nosso contexto

Quanto à investigação, o docente universitário que não pesquisa nem investiga é um elemento incompleto porque não produz, é extinção da ciência, assim, a valorização do docente será proporcionada, quando a própria universidade exigir regras mais duras aos mesmos, com vista melhorar a qualidade que a mesma carece.

Tanto professores e coordenador reconhecem a falta de investigação na instituição, *“não começamos a publicar obras tal como livros vamos começar com artigos científicos, que são passos iniciais para a publicação de obras ou livros...”* CD. Gil (2010), salienta que o prestígio de uma universidade depende da pesquisa que a mesma promove para seu benefício.

Em Angola, no ensino superior a própria universidade tem o estatuto da carreira docente e a lei de base que regulam a actividade docente com regras muito frágeis e pouco rígidas, dando pouca primazia a investigação, produção e publicação de obras, o que faz com a investigação não seja uma prioridade praserosa. A instituição não tem este tipo de directrizes, o que faz com que a investigação seja posta em último plano, fazendo com que os professores continuem presos a metodologias e técnicas de trabalho ultrapassadas.

Os próprios professores também são responsáveis pela investigação, já que não existe um programa e trabalham há anos com a disciplina de prática, os mesmos são responsabilizáveis pela investigação do próprio programa, sua planificação e execução.

Efectivamente, como professores universitários deveriam fazer um esforço muito grande para investigar. No entanto apesar de reconhecer isto, os docentes, estão sobrecarregados com turmas enormes e número de horas reduzidas. No nosso contexto, a prática pedagógica é feita uma vez por semana faz com que a gestão do tempo prejudica o ensino, e o número de alunos muito elevado para um supervisor, tarefas não facilitadas, porque não planificam na colectividade, não existe um programa nem documentos que regulem a prática pedagógica. Garcia (1999 citado por Menezes, 2010) ressalta que para além da docência e investigação o docente universitário deve

participar em actividades como jornadas científicas, publicação de artigos científicos, gestão da instituição e de departamentos.

Como referem Gaeta e Masetto (2013), a exigência da pesquisa para os docentes dos cursos de graduação traz as marcas da produção intelectual, que o coloca para além da posição de repetidor de grandes clássicos, igualmente, o mesmo tem a sua mensagem, pensamentos daquilo que discute, a revelar ao aluno bem como sua contribuição a ciência e ao conhecimento.

CAPÍTULO V. CONCLUSÕES

Em suma, perante o exposto, é possível constatar: que a prática pedagógica é uma disciplina autónoma nos cursos de profissionalização dos professores, com etapas desde preparação/planificação, observação/diagnóstico, experimentação/execução /acção e reflexão, estágio e avaliação.

Para isso, é necessário que os professores façam o uso adequado das fases e tipos de supervisão correctos, com a intenção de adoptar as regras que o mesmo exige, sem saltar as etapas a utilizar, com trabalhos e construir situações docentes vividas, fazer análise e reflexões críticas com os estudantes no dia-a-dia.

Os futuros professores, quase todo tempo que estivemos no terreno, não permaneciam na sala de aula e na escola até ao final do trabalho realizado, quando os professores precisassem tecer algumas considerações e chamada assim, não se fazia análise e reflexão das aulas na colectividade.

As metodologias usadas pelos professores e supervisores de Prática Pedagógica não são participativas evitando que o aluno seja crítico e reflexivo.

- Preparação

Antes de o estudante partir para o terreno é necessária a planificação de actividades metodológicas, para colmatar as dificuldades que os alunos apresentam. Devem observar os estabelecimentos escolares, localização e conhecer o seu contexto reflectindo nas actividades efectuadas. Os estudantes devem observar as aulas da professora cooperante, dos seus colegas e fazer as devidas anotações, para fazer uma reflexão crítica das actividades realizadas, sobre o comportamento dos alunos, questões metodológicas.

A planificação das actividades garante maior segurança na direcção do próprio ensino, economizando tempo e energia, prevenindo as dificuldades que surgem durante a realização das práticas de ensino.

- Observação

Evitando o cansaço das observações sem um roteiro, desta forma acautela observações cansativas e rotineiras sem interesse para os alunos mestres evitando que adormeçam na sala de aula como é costume no contexto investigado.

O estudante deve planificar, leccionar aulas, analisá-la, fazer autoavaliação e avaliar o trabalho dos colegas, onde esteve bem e mal, fazendo a devida correcção com ajuda do orientador.

Experimentação/execussão

Entretanto, o aluno mestre deve planificar com o professor cooperante e elaborar planos de aula, realizar todas actividades inerentes as práticas; de seguida deve efectuar a aula com análise e reflexão da mesma nesta fase não há a responsabilização absoluta do futuro professor nos papéis que deve desempenhar.

O aluno estagiário deve planificar com o professor cooperante e elaborar planos de aula de seguida deve realizar a aula seguida da análise e reflexão da mesma nesta fase há a responsabilização do futuro professor nos papéis que deve desempenhar.

O professor orientador e os futuros professores não planificam nem trabalham em grupo, não há pesquisa para apresentar trabalhos em forma de seminários com portefólios com relatórios dos problemas descobertos para reflexão dos mesmos, visto que, alguns até trabalham com crianças com Necessidades Educativas Especiais, (NEE) nem reflectem em como as crianças precisam aprender e encontrar soluções para os problemas vividos.

Não propõe atitudes de ultrapassar as dificuldades descobertas, simplesmente, ouve as críticas do professor no momento das simulações, os mesmos não fazem auto avaliação do seu trabalho. Não havia actividades na

Prática Pedagógica quanto a análise e reflexão das aulas assistidas com exemplos concretos, para colmatar as lacunas ou dificuldades que os alunos apresentavam.

Os professores devem adequar os conteúdos, as actividades, e os procedimentos de avaliação aos objectivos recomendados na PP para alcançar resultados positivos evitando a rotina.

Os supervisores não propõem atitudes de ultrapassar as dificuldades descobertas nem encontram soluções de como resolver, simplesmente o estudante ouve as críticas do professor e não faz auto avaliação do seu trabalho.

Aqui os estudantes não reflectem, analisam e avaliam as aulas dadas por eles e pelos colegas de forma reflexiva e crítica, sobre os erros cometidos. Contudo os mesmos erros repetiam continuamente.

Durante o ano lectivo, os futuros professores não assumiram a turma, simplesmente leccionaram uma aula, num ano lectivo o que faz com que a profissionalização não se efective tal como deve ser.

Na disciplina de PP não existe um programa, nem o professor supervisor conhece os conteúdos que devem ser trabalhados para a reflexão de forma crítica em cada uma das etapas.

Estágio

Não há realização do estágio, vimos isso, quando os estudantes finalistas, não assumiram a turma para a docência com autonomia, e o tempo disponível foi muito reduzido.

Nas nossas observações os alunos não foram responsabilizados nem assumiram as turmas com a devida preparação o que faz com que a profissionalização não se efective como deve ser.

Os futuros professores trabalharam com o ensino especial sem o devido preparo e o elevado número de alunos para um orientador também prejudicou.

Os estudantes não elaboram relatórios onde espelham, analisam e avaliam o trabalho realizado, nem as aulas dadas por si e pelos colegas de forma reflexiva e crítica sobre os aspectos positivos e erros cometidos. No entanto os mesmos erros cometidos repetiam sucessivamente.

Na disciplina de PP não existe um programa nem o professor supervisor conhece os conteúdos a serem trabalhados para a reflexão crítica em cada uma das etapas, assim, as metodologias usadas pelos professores não permitem desenvolver hábitos, habilidades capacidades, atitudes e valores nem formar competências adequadas para o exercício da profissão.

Avaliação

O elevado número de alunos não permite os professores trabalharem de forma individualizada com o futuro professor, as avaliações são decididas pela aula dada e o plano de aula elaborado sem as devidas correcções, antes e depois do trabalho executado pelos estudantes finalistas.

Não fazem um exame, avaliando se o mesmo tem competências para desempenhar a profissão nem elaboram relatórios de estágio.

Não constroem portefólios com trabalhos feitos durante o ano, nem apresentação e discussão dos relatórios elaborados com observações de problemas vividos durante a realização do estágio, encontrar as soluções de forma reflectida; simplesmente, é considerada a aula dada durante o ano lectivo “uma” aula leccionada por cada estudante.

O professor cooperante não participa no processo de avaliação dos estudantes nem participa em nenhuma etapa de trabalho formativo com opiniões e reflexões. Devia participar porque, sendo o professor da turma geralmente é experiente, e vai cooperar na formação profissional do estagiário.

As avaliações são decididas pela aula dada e o plano de aula.

Deve haver maior envolvimento dos estudantes na auto e hetero-avaliação e maior diversificação dos instrumentos de avaliação usados pelos docentes como: portefólios, relatórios, trabalhos de grupo, reflexões.

RECOMENDAÇÕES E SUGESTÕES

No entanto que o professor de Metodologia seja o mesmo da prática docente, pois, há muita contradição no trabalho realizado entre o professor de p p e de Metodologia assim evita-se muitos dissabores futuros.

Deve haver cooperação entre todos envolvidos no processo de supervisão. Na perspectiva de actuação que o professor orientador da instituição de formação, receba formação quanto à orientação e supervisão da Prática Pedagógica evitando que os estudantes adormeçam na sala de aulas e façam um trabalho reflexivo e colaborativo.

Deve-se aumentar o número de supervisores devido ao elevado número de estudantes, e que haja participação activa do professor cooperante nas etapas de formação, avaliação e o mesmo seja formado numa escola superior

Rever o estatuto da carreira docente no ensino superior.

Limitações do estudo

Constrangimentos de várias ordens condicionaram a nosso estudo, a distância entre tutor e tutorando vivendo em continentes diferentes dificultou muitas vezes em tirar dúvidas, mas foi um desafio agradável.

A inexperiência da autora em procedimentos de investigação também constituiu uma limitação de trabalho.

Pouca bibliografia do ensino superior disponível.

O facto de ser um estudo centrado numa instituição e dessa forma com resultados que fazem sentido para esse contexto, muito embora se acredite que esse será um contexto semelhante de outras instituições do ensino superior em Angola.

Sugestões para estudos futuros

Este é um estudo exploratório, no nosso contexto, pois, há escassez de investigação disponível do ensino superior quanto à supervisão e orientação das práticas. É necessário que, haja um esforço muito grande para que se investigue a este nível, com o surgimento de muitas universidades e instituições superiores estatais e privadas, existem muitos problemas e necessita-se melhorar este nível de ensino que está em bastante explosão no nosso país. Eis algumas sugestões:

- Estudo comparativo de análise da Prática Pedagógica nas escolas de formação de professores do II ciclo e ensino superior.
- Análise da Prática Pedagógica nas escolas superiores privadas.
- Comparação da prática pedagógica nas escolas superiores privadas, e estatais em Angola no ensino superior.
- A construção do currículo das disciplinas de Prática Pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I e Tavares J. (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra, Almedina.
- Alarcão, I. (1996) *Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão*. Porto Editora, LDA.
- Alarcão, I e Roldão M (2008.) *Supervisão. Um Contexto de Desenvolvimento Profissional dos Professores*. Edições Pedagogo 2ª ed.
- Afonso, N (2005) *Investigação Natural em Educação. Um guia prático*. Lisboa 1ªed.
- Bardin, L (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70, Lda.
- Bogdan, R e S Biklen (1994) *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora, Lda.
- Buza, A (2012) 2ª Conferência do FORGES – *Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países e Regiões de Língua Portuguesa* – 6, 7 e 8 de Novembro de 2012 – MACAU.
- Cardoso, J. *O Professor do Futuro* (2013) Autor Guerra e paz, Editores, S.A.
- Day, C (2001). *Desenvolvimento Profissional de Professores. Os Desafios da Aprendizagem Permanente*. Porto, Editora, Lda.
- Depresbiteris L & Tavares M (2009). *Diversificar é Preciso... Instrumentos e Técnicas de Avaliação de Aprendizagem*. São Paulo Editora SENAC.
- Estrela, M (2010) *Profissão Docente. Dimensões afectivas e Éticas*. Areal Editores.
- Franco M (2012) *Pedagogia e Prática Docente*. 1º ed São Paulo: Editora Cortez
- Flik U (2005) *Métodos qualitativos na Investigação Científica*. Projectos e Edições, Lda.
- Formosinho, J (2009) *Formação de Professores. Aprendizagem Profissional e a «Acção Docente*. Porto, Editora Lda.
- Garcia, C (1999). *Formação de Professores Para uma Mudança Educativa*. Porto, Editora Lda.
- Gaeta C & Masetto M (2013) *Professor Iniciante no Ensino Superior. Aprender, Actuar e Inovar*. 6ª Ed São Paulo, Editora SENAC.
- Gil, A (2011) *Metodologia do Ensino Superior*. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas S A
- Gil, A (2011) *Didáctica do Ensino Superior*. São Paulo: Editora Atlas SA

Machado E, Costa N e Alves M (2013) *Avaliação do Desempenho Docente: Compreender a Complexidade, Sustentar a Decisão*. Santo Tirso Portugal: De Facto Editores

Masetto, M (2003) *Competências Pedagógicas do Professor Universitário*. São Paulo: Summus.

Menezes A (2010) *Reflexões Sobre Educação*. 1ª Ed Luanda: Editora Mayamba

Moreira, J (2010) *Portefólio do Professor. O Portefólio Reflexivo no Desenvolvimento Profissional*. Porto: Editora, LDA

Ngando Ciência, (2013) *Revista da Escola Superior Pedagógica do Bengo: n.º 1 Novos Desafios*.

Perrenoud, Philippe, Thurler M, Macedo L, Machado N, Alessandrini C.(2002) *Competências Para Ensinar no Século xxi. A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação*. Trad. Cláudia Schilling Murad F.- Porto Alegre: Artmed Editora.

Pimenta, S, & Lima M. (2010) *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez Editora, 6ªedição.

Pinto U, (2011) *Pedagogia Escolar: Coordenação pedagógica e Gestão Educacional*. Cortez Editora, 1ed.

Ribeiro B, (2014). *Práticas Pedagógicas*. Porto: Editora Plural editores.

Rico, A (2010). *Perfil do Professor. A (in) Sustentável Diferença de ser Professor, Hoje*. Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.

Silva N (2011) *Estágio Supervisionado em Pedagogia*. Campinas. São Paulo: Editora Alínea

Sousa M e Baptista C. (2011) *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios segundo Bolonha*. Pactor Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.

Vita, M (2012) *Supervisão e Orientação da Prática Profissional no Exercício da Coordenação dos Departamentos Curriculares: Da Teoria à Prática*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Portugal.

Yin, R, (1994) *Estudo de Caso: Planeamento e Métodos*. 3ª Ed.

Zabalza M (2004). *La Ensinanza Universitaria: El escenario y sus Protagonista*. 2ªEd Madrid: Narcea Ediciones.

Zabalza M (2007) *Las Competências Docentes del Professor Universitário: Calidad y Desarrollo Profesional*. 2ª Ed. Madrid: Narcea Ediciones.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

ANGOLA. Lei n.º 13/01, de 31 de Dezembro de 2001, I Série - N.º 65. Lei de Bases do Sistema de Educação. Diário da República, Órgão Oficial da República de Angola, Luanda, 31 Dez, 2001.

ANGOLA. Lei n.º 3/95, de 24 Março de 1995. I Série - N.º 12. Estatuto Orgânico da Universidade Agostinho Neto. Diário da República, Órgão Oficial da República de Angola.

ANEXOS

Anexo nº 1 Observação das aulas Diário de Bordo

Curso Psicologia 4ª ano manhã

Guião do diário de bordo

Aula nº 1

Disciplina: Língua Portuguesa

Assunto: Estudo da consoante P

Data 18 de Abril de 2013

1ª classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, domínio do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significativas, questões colocadas, acções do professor)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Título da canção: (todos os patinhos sabem bem nadar)

Começou por cantar uma canção que não conhecia a letra. Os alunos cantaram a canção com erros, o professor não corrigiu os erros que os alunos repetiam.

Desenvolvimento das actividades

Começou por apresentar uma gravura mal elaborada numa cartolina que continha vários desenhos sem pintura feitos com esferográfica vermelha.

O professor analisou a gravura sozinho sem ajuda dos alunos, perguntava e não dava tempo para os alunos responderem, de seguida respondia.

Não teve domínio do conteúdo.

As estratégias usadas não foram de acordo a idade dos alunos e suas necessidades.

Durante a discussão:

- Não houve discussão da aula dada pelo estagiário, nem autocrítica do trabalho realizado.

Outras observações:

Crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE)

O estagiário não dominava as metodologias do ensino primário, nem a metodologia do ensino especial.

A professora cooperante mesmo vendo tantos erros cometidos não intervinha nem suspendeu a aula.

O professor orientador deixou passar tantos erros e não disse nada, no final não houve correcção do trabalho.

A partir das 9 h 30 os alunos ausentam-se da sala e vão para o lanche e na volta quase ninguém regista a matéria estão todos com pressa de ir para casa.

Anexo nº 2 Diário de Bordo

Curso Psicologia 4ª ano

Aula nº 2

Disciplina Matemática

Tema Estudo do número 10

Data 18 de Abril de 2013

1ª classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Começou a aula com uma canção sobre os números

Mariana conta 1,2,3,4,5,6,7...

Desenvolvimento das actividades

De seguida apresentou uma situação problemática que foi analisada, manipulou alguns objectos onde todos alunos participaram activamente, representou os conjuntos em esquemas e seguida de símbolos matemáticos onde surgiram vários conjuntos e realizaram a contagem dos mesmos.

Desenharam os conjuntos nos cadernos seguidos da pintura.

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado.

Outras observações:

Crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE)

A estagiária dominava as metodologias do ensino primário e a metodologia do ensino especial.

A partir das 10 h 00 são alunos da 2ª classe

É de ressaltar que a professora cooperante trabalha sozinha sem nenhuma vigilante.

A estudante que leccionou a aula é professora do ensino especial em Luanda e tem perícia pedagógica, domínio do conteúdo e boa estratégia de trabalho.

Aspectos negativos

Um aluno que a professora disse para não completar a tarefa, começou a brincar e a incomodar os outros, quando a professora ralhou e mandou fazer a tarefa ela respondeu. “ Que aquela tarefa era para as crianças. ”

Anexo nº 3 Diário de Bordo

Curso Português 3ª ano Tarde

Aula nº 3

Disciplina Língua Portuguesa

Tema Palavras homónimas

Data 18 de Abril de 2013

8ª Classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Começou a aula contando uma notícia passada, no telejornal local no dia anterior.

Desenvolvimento das actividades

Levou os alunos a descoberta do tema, de seguida distribuiu texto de apoio contendo os elementos a ensinar. Não explicou a matéria e orientou exercícios, os estudantes tiveram dificuldades em resolver os exercícios.

Não deu exemplos concretos, erros ortográficos no quadro, má gestão do quadro. Não teve domínio do conteúdo. Voz audível.

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado.

Outras observações

Deve melhorar a caligrafia sendo professor de Língua Portuguesa

Anexo n º 4 Diário de Bordo

Curso Português 3ª ano

Aula nº 4

Disciplina Língua Portuguesa

Exercícios com palavras homónimas

Data 18 de Abril de 2013

8ª Classe

Tarefas propostas:

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Fez revisão da aula anterior.

Desenvolvimento das actividades

Distribui o texto de apoio e orientou que realizassem leitura colectiva, seguida da leitura em filas e individual. Selecção das frases contendo o assunto e análise das mesmas no quadro. De seguida explicou com exemplos e orientou a realização de alguns exercícios de forma individual e a tarefa. Cumpriu com o tempo. Teve domínio do conteúdo e criatividade. Linguagem audível e acessível. Letra legível. Boa gestão do quadro. Expressa-se correctamente

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado.

Anexo nº 5 Diário de Bordo

Curso Língua Portuguesa 4ª ano

Aula nº 5

Disciplina Língua Portuguesa

Tema Voz passiva

Data 25 de Abril de 2013

8ª Classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Começou a aula revendo os conteúdos da aula passada (voz activa), apresentou uma frase e orientou que, um estudante colocasse na voz activa.

Desenvolvimento das actividades

Apresentou um texto e distribuiu aos estudantes, seguiu-se a leitura do texto em coro, individual onde orientou que retirassem algumas frases do texto e lessem em voz alta, orientou que alguns estudantes fossem ao quadro e colocassem as frases na voz passiva sem antes orientar com algum exemplo. Os alunos tiveram dificuldades em transformar a frase na voz passiva. Apresentou um quadro com várias frases e não conseguiu explicar

A professora orientadora teve que intervir dando alguns exemplos. O professor cooperante não fez nenhuma intervenção. Muito barulho na sala de aula. Não teve domínio do conteúdo.

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado. Falta de sequência nos conteúdos.

Anexo nº 6 Diário de Bordo

Curso Português 3º ano

Aula nº 6

Disciplina Língua Portuguesa

Tema: textos informativos

Data 25 de Abril de 2013

8ª Classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Tarefas propostas:

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Começou a aula com uma notícia passada no dia anterior pela TV local.

(Afogamento de crianças num rio local)

Desenvolvimento das actividades

Começou por escrever uma frase no quadro com letra minúscula e os alunos corrigiram. Linguagem acessível e audível. Devia orientar as perguntas de forma simultânea individualizada, deste modo evitaria respostas colectivas. Evitar chamar os estudantes de queridinhos. Orientou alguns exercícios nos cadernos e ultrapassou o tempo. Teve domínio do conteúdo

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado. O orientador quando terminassem as aulas orientava que fossem embora sem análise do trabalho.

Anexo nº 7 Diário de Bordo

Curso Português 3º ano

Período da manhã

Aula nº 7

Disciplina Língua Portuguesa

Tema Oração subordinante

Data 8 de Maio de 2013

8ª Classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Tarefas propostas:

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Começou revendo o conteúdo da aula anterior (orações coordenadas).

Desenvolvimento das actividades

Apresentou um texto onde os estudantes fizeram a leitura do mesmo e de seguida o professor realizou a leitura, formou algumas frases de seguida orientou que, os alunos formassem frases e apresentou um quadro contendo vários exemplos. Orientou um exercício que foi corrigido seguido da tarefa. Teve domínio do conteúdo.

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado.

Anexo nº 8 Diário de Bordo **Aula simulada** curso de psicologia

Aula nº8

Disciplina Psicologia 4ª ano

Tema Os estágios de desenvolvimento da criança segundo Jean Piaget

Data 7 de Agosto de 2013

Tarefas propostas:

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Não houve

Desenvolvimento das actividades

Explicou os diferentes estágios da criança: sensório motor, pré operatório, operatório concreto e lógico formal. Descreveu cada uma das etapas e deu exemplos. Teve domínio do conteúdo.

Durante a discussão:

Houve discussão crítica do trabalho.

Outras observações

Foi aula simulada. Houve correcção do trabalho, os alunos foram obrigados a permanecer na instituição até ao final das aulas. Estavam habituados aos rodízios, ficaram aflitos pela nova forma de trabalho porque a professora começou a fazer análise e correcção do mesmo e exigia a presença de todos.

Anexo nº 9 Diário de Bordo **Aula simulada** curso de psicologia

Aula nº 9

Disciplina Psicologia

Tema Estágios de desenvolvimento da criança segundo Freud

Data 7 de Agosto de 2013

3ª ano

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Tarefas propostas:

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Falou um pouco da vida de Freud.

Desenvolvimento

Falou das etapas de desenvolvimento da criança segundo Piaget fase oral, anal, fálica, latência e genital.

Pouco domínio do conteúdo, Muitos erros de linguagem.

Outras observações

Foi aula simulada com a turma de Psicologia, presença da nova professora PP.

A professora orientou várias actividades, corrigiu os planos, a expressão oral e escrita dos alunos, falou de questões metodológicas que, tinham muitas dificuldades. Houve discussão da aula onde a professora apresentou os aspectos positivos e negativos do trabalho realizado, e formas de remediar as dificuldades.

Os estagiários estavam muito aflitos pela nova forma de trabalho, achavam a professora muito radical quanto ao modelo de correcção das actividades, pois encontrava muitos erros e chamava atenção na forma de corrigir.

Orientou como deveriam fazer a autoavaliação e avaliação das suas aulas e aulas dos colegas.

Era obrigatório a permanência de todos estagiários das 7 h30 as 12h 30 na instituição, muitos ficaram afitos porque o rodízio tinha terminado.

Anexo 10 Guião de Entrevista exploratória ao professor de Prática Pedagógica

Anos de serviço no Ensino Superior?

1-Como descreve as suas funções/deveres enquanto docente do ensino superior?

2- Acha que qualquer pessoa pode ser docente no ensino superior?

3-Teve alguma formação para supervisionar a prática ou o estágio?

4-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

5- Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor?

6 – Quais as competências desejáveis para construir um perfil de professor de prática nos tempos que correm?

7– Partindo do desenho de perfil que está a indicar, é de opinião que é possível encontrá-lo na realidade ou será uma idealização?

8-Considera que é possível definir um perfil de professor?

9- Se tivesse oportunidade de alterar o processo de supervisão do estágio o que mudaria? Porquê?

Anexo nº 11 – Guião de Entrevista Exploratória aos Estudantes

Ano

Curso

1-Como aluno estagiário acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêem-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêem-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

Anexo nº 12 Guião de Entrevista Exploratória ao chefe de departamento

- 1 - Quantos departamentos existem na instituição?
- 2- Como é feita a supervisão das práticas?
- 3- Os professores que leccionam a prática receberam alguma formação na área de supervisão para orientar?
- 4- O departamento de p p tem algum programa?
- 5- Os cursos que têm área de Prática Pedagógica têm um programa específico?
- 6- No próprio departamento de p p como é a planificação?
- 7- Os professores reclamam o elevado número de aluno 45 para um orientador como fica?
- 8- No curso de psicologia o professor diz que vão fazer prática numa escola especial com aluno do ensino primário serão professores de psicologia ou pedagogia?
- 9- Os alunos mestres receberam metodologia para trabalhar com crianças do ensino primário?
 - a) Não é uma contradição quando ele recebeu metodologia para ensino de psicologia e vai praticar as metodologias do ensino primário? Ele pode trabalhar com o nee sim mais dando aulas no ensino primário não é uma contradição?
 - b) Mais a realidade não diz isto?
- 10- O estatuto da carreira docente propõe para selecção dos professores seja feita a partir de bacharel e desde que tenha média¹⁴ valores pode ser admitido, como professor do ensino superior como fica isso?
 - a) Principalmente na escola de formação de professores?
- 11- Estava a ler como é feita a selecção dos professores universitários no Brasil e Portugal no mínimo deve ter o mestrado e doutoramentos e a selecção

baseia-se em livros escritos artigos e obras publicadas. O professor por excelência é um investigador, principalmente na escola de formação de professores.

- a) Mais isto *não prima pela qualidade?*
- b) Um bacharel forma outro bacharel, licenciado forma licenciado?

Anexo nº 13 Guião de Entrevista descritiva ao professor 1

Anos de serviço no Ensino Superior

R: Três anos.

1-Como descreve as suas funções/deveres enquanto docente do ensino superior?

R: Eu vejo a disciplina de prática, como influência de todas disciplinas procedentes da cadeira de Prática Pedagógica, nós dividimos no ponto de vista da Didáctica a prática uma parte de observação e outra na prática pedagógica.

2- Acha que qualquer pessoa pode ser docente no ensino superior?

R: Não, qualquer professor desde que tenha conhecimentos tecnológicos, pode ser docente do ensino superior, além dos conhecimentos da ciência e a técnica devem ser acrescentados conhecimentos da Pedagogia e da Didáctica do Ensino Superior.

3-Teve alguma formação para supervisionar a prática ou o estágio?

R: Não, concretamente na licenciatura eu sou formado psicologia escolar. Dentro da Psicologia Escolar estudei também a Psicologia e a Didáctica. No mestrado estudei uma disciplina que interage com os alunos que é a Didáctica do ensino superior, com esses conhecimentos me permite interagir com os alunos dentro da prática pedagógica.

4-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: A primeira dificuldade era um instrumento que os professores deviam possuir e não tem um programa de prática, por isso o pequeno instrumento é organizado pelos professores de prática para definirem o que é que os alunos vão praticar.

A palavra prática é um termo muito lato, e os professores devem delimitar o quê que eles vão praticar dentro de uma sala de aula ou instituição.

A própria instituição desde que estamos aqui, eu lecciono esta cadeira a 2 anos e nunca me foi fornecido um programa de prática docente e que os alunos praticam é algo que os professores programam no início do ano lectivo. Claro que encontramos muitas dificuldades no exercício da disciplina, temos este problema da mono docência e pluri-docência e os professores não foram formados para a mono docência, pluri-docência, é que, não temos professores preparados para trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais, os professores não foram formados para lidar com crianças com nee.

Professores de psicologia vão fazer prática pedagógica numa escola primária não corresponde com os objectivos ou com o perfil de saída sendo um contraste, necessidades educativas especiais.

5- Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor?

R: Um professor de prática, uma das características deve ser professor no seu domínio específico, deve dominar escrupulosamente as técnicas e as teorias de ensino, estamos a falar da Didáctica Especial e a Didáctica de Ensino e também a psicopedagogia como lidar com os alunos.

Também os conhecimentos que devem lidar para prática docente, como sabe, ensinar também é arte, não é só ciência do ensino é extremamente importante para o professor de prática docente. Como repito a cadeira de prática para mim é a confluência de todas disciplinas procedentes e que, o professor tem que, dominar e sendo as disciplinas da área das ciências psicológicas e pedagogia

6 – Quais as competências desejáveis para construir um perfil de professor de prática nos tempos que correm?

R: Desde que tenha conhecimentos tecnológicos, da ciência e a técnica devem ser acrescentados conhecimentos da Pedagogia e da Didáctica

7– Partindo do desenho de perfil que está a indicar, é de opinião que é possível encontrá-lo na realidade ou será uma idealização?

R: É possível defini-lo sim. Nós vamos definir as qualidades e as qualificações dos professores de prática dentro dos professores do ensino superior, e se, os professores não têm qualificações, então vamos fazer seminários que qualifiquem esses professores porque o ensino é dinâmico.

Há professores não actualizados dentro da Prática Pedagógica e quem tem essa qualificação é uma forma de lembrar a esses professores e assim actualizá-los e estar a altura de poderem leccionar a cadeira de Prática Pedagógica.

8-Considera que é possível definir um perfil de professor?

R: É possível encontrar esse perfil, só seleccionando ou formando também é um dos requisitos dentro do ensino temos que passar a mensagem aos professores do ensino superior, actualizar esses professores.

Claro é preciso uma selecção rigorosa e para que haja provimento de vagas para professores no ensino superior.

9- Se tivesse oportunidade de alterar o processo de supervisão do estágio o que mudaria? Porquê?

R: Tudo partiria de um principio do programa e também tem muito a ver com os objectivos do curso dos alunos e qual é o objectivo, partido do principio estão a ser formados em quê?

Exemplo professores de psicologia e vão fazer prática pedagógica numa escola primária não corresponde com os objectivos ou com o perfil de saída sendo um contraste.

Devia ser o professor que lida com Necessidades educativas especiais que, ia praticar na pesquisa, na perspectiva de inclusão.

Já devíamos pensar no professor pedagogo ou psicólogo que vai passar a mensagem, com os que vão lidar na inclusão escolar, o professor do instituto

médio e do curso de pedagogia que, vai leccionar deve receber qualificações de necessidades educativas especiais. E é o que não acontece.

Temos este problema da mono docência e pluri-docência e os professores não foram formados para a mono docência, pluri-docência e o que não temos professores preparados para trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais.

Falo como psicólogo, falo do preconceito e estigma. Este dilema pode ser superado com antigo professor que, temos no processo de ensino, com o actual professor, é só actualização.

Anexo nº 14 Guião de Entrevista descritiva a Professora 2

Anos de serviço no Ensino Superior

R: Três anos.

1-Como descreve as suas funções/deveres enquanto docente do ensino superior?

R: Como docente do ensino superior vamos dizer que a dificuldade começa dos próprios estudantes que vêm mal preparados para enfrentar essa vida activa que é o ensino superior principalmente no curso de língua portuguesa onde os alunos vem de outras formações no ensino médio, até de ciências matemáticas mais como encontraram vaga no ensino da língua portuguesa estão aí integrados tem dificultado um pouco.P2

2- Acha que qualquer pessoa pode ser docente no ensino superior?

R: Não, porque para ser docente no ensino superior muito embora tenhamos o conhecimento do conteúdo programático precisamos conhecer as Metodologia, didácticas para podermos transmitir a matéria aos estudantes.

3-Teve alguma formação para supervisionar a prática ou o estágio?

R: Não tive nenhuma formação para orientar a prática docente.

a) Aceitou mesmo sem formação?

R: Havia necessidade porque se, os alunos não tivessem aulas de prática pedagógica haveriam de ficar condicionados na instituição.

4-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Muitas, se eu tivesse tido alguma formação na área de pedagogia muitos problemas tivessem sido sanados. Eu sou licenciada em Antropologia e fiz mestrado em Ensino da Língua Portuguesa.

No Ensino da Língua Portuguesa dei didáctica de ensino de Língua Portuguesa e Didáctica do Ensino da Literatura, mas, não tive prática pedagógica acredito se, eu tivesse prática pedagógica ou formação nesta área não teria tanta dificuldade como orientadora de estágio.

5- Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor?

R: Acredito que, o professor deve ter uma formação para ter bases naquilo que, vai leccionar porque como orientador ele deve estar preparado para orientar e corrigir o estudante.

6 – Quais as competências desejáveis para construir um perfil de professor de prática nos tempos que correm?

R: Formação básica pedagógica na área da prática pedagógica, ensino da didáctica e das metodologias.

7– Partindo do desenho de perfil que está a indicar, é de opinião que é possível encontrá-lo na realidade ou será uma idealização?

R: Eu tive oportunidade de trabalhar com um professor e encontrei nele este perfil. Considero que é possível defini-lo.

8-Considera que é possível definir um perfil de professor? Como?

R: Tendo formação na área para poder adquirir esses perfis.

9- Se tivesse oportunidade de alterar o processo de supervisão do estágio o que mudaria? Porquê?

R: Mudaria eu acredito que, a escola. Estamos a falar de prática pedagógica vão para uma escola de aplicação e a mesma devia ter condições para receber os estudantes.

Segundo um professor de prática e estágio não teria que trabalhar com 45 estudantes porque ele não tem como orientar em condições esses

estudantes, porque precisa colmatar algumas dificuldades que os estudantes têm, e os estudantes deviam dar mais aulas. Se cada professor trabalha-se em grupo cada estudante teria mais aulas de prática e acredito que melhoraria o trabalho não só do professor como dos estudantes.

a) Com o número elevado de estudantes quantas aulas leccionam?

R: Se, sair-se bem na primeira aula uma, e a prática docente só é uma vez por semana e até rodar os 45 alunos.

O período de aulas no ensino superior não coaduna com ensino secundário, muitas vezes o estudante só dá uma aula.

Anexo nº 14 Guião de Entrevista descritiva a estudante 1

R: 3 Ano E1 curso de Língua Portuguesa

1-Como aluna estagiária acha que, para desempenhar este trabalho de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: Em princípio nós estamos aqui para sermos formados acho que, o objectivo é para adquirir os conhecimentos que os professores vão nos transmitir e cumprir com aquilo que os professores transmitem, não necessariamente que tenha uma formação.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Acho, se a instituição colocou os professores aqui para cumprir essas obrigações acreditamos que tenham competências para tal.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: Ter domínio da matéria que vai leccionar, ter pressupostos necessários para ter êxito no seu trabalho.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

R: Não é qualquer professor, porque o professor de p p tem que ser aquele formado na área, ter domínio sobre as técnicas de ensino e formação na área específica de professores

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: Sim, numa escola pedagógica.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Acreditamos que o professor de estágio tem algumas dificuldades em função das diferentes características que os alunos apresentam. Existem alguns alunos que adquiriram conhecimentos que trazem consigo alguns conhecimentos que adquiriram nas classes anteriores de certa forma divergem com os conhecimentos que os professores trazem.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Tem de ser alguém formado na área, competente, capaz de orientar os estudantes da melhor maneira possível.

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Acho que tem sido uma boa orientadora, apesar de algumas dificuldades que não faltam.

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R: Formação.

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêm-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: Em princípio o orientador quando depara-se com caso de género em que, os estudantes trazem conhecimentos das classes anteriores, o orientador tem que valorizar os conhecimentos que eles trazem e depois e apresentar certas propostas. Existem vários teóricos nesta área das práticas e valorizar cada teoria que cada estudante na instituição ou na sala de aula, é importante dependendo das circunstâncias.

Anexo n 16 Guião de Entrevista ao Estudante 2

3 Ano E2

Curso Língua Portuguesa

1-Como aluno estagiário acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: Eu penso que sim, é indispensável porque se ele está cá para ensinar uma determinada cadeira deve ter noção ou pelo menos domínio do que ele vai ensinar. Não pode dar uma cadeira que o mesmo não tenha domínio e então achamos necessária formação na área ou pelo menos um curso preparatório nesta mesma cadeira.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Penso que sim, independentemente da forma de ser de cada um, porque a preparação que ele recebeu do ensino superior é uma mais-valia para nós, tudo aquilo que ele recebeu durante os seus anos de formação tentam empregar cá, isto é vantajoso e mesmo que não esteja preparado para tal.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: É fundamental a perícia pedagógica, ter domínio da pedagogia e saber como se deve transmitir uma aula.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área? Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: Não, para isso é preciso formação específica área da formação de professores. Deve formar-se em todas instituições competentes como ISCED,

Faculdade de letras pode até a instituição não ser preparada para fim pedagógico.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Certo, porque os alunos vêm cá já de algumas instituições onde já fizeram formação de professores de ensino médio e estão cá para complementar esta formação, cabe ao professor lidar com esse tipo de alunos. Há também os que não receberam formação de professores no ensino médio e os que vieram também com o fim de ensinar, lidar com essa diversidade de alunos que, vieram de determinados cursos, então ele deve conciliar para a matéria, a e formação.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Deve ter perícia pedagógica e domínio da matéria que vai ensinar.

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Ela tem feito um esforço muito grande, porque não é fácil lidar com diferentes alunos principalmente eu, como alunos teimosos e acho que, os colegas dizem isto de os mim que, sou chata e teimosa é porque ainda não soube separar os conhecimentos do ensino médio e superior.

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R: Nós, recebemos já uma formação de práticas pedagógicas no ensino médio achamos que, é só complementar e não é bem assim, existem teóricos que falam sobre práticas pedagógicas que não aprendi antes, já estou aprender métodos, meios de ensino já é diferente então, lidar com essas duas coisas ao mesmo tempo tem sido um pouco difícil.

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêm-se confrontados com a prática. Qual

é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: É fulcral que, se tenha a teoria e prática, pelo menos no primeiro semestre ou dois primeiros meses deste ano tivemos com a teoria de como se dá a aula, pegar nesta teoria e juntar a prática é que tem dificultado muitos. A teoria é só ler e responder as questões, agora estar lá no campo e ter de realizar a prática é que é complicado. É essa dificuldade que o aluno terá provavelmente, pode afectar o professor, mas o professor está munido de conhecimentos e práticas pedagógicas ou perícia pedagógicas que lhe vão ajudar na orientação correcta dos estudantes.

4ª Ano E3 curso Psicologia

1-Como aluno estagiário acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: É necessário que, o professor tenha essa formação porque ele tem que dominar as técnicas básicas para poder dar uma aula em condições, e os alunos poderem perceber aquilo que o professor queira transmitir é necessário que, seja formado.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Tem sim, portanto todas as vezes que temos uma aula prática fomos corrigidos os erros a partir dos planos de aula como na forma de transmissão e conteúdos dos textos que nós apresentamos.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: Correção, ser um indivíduo orientador e tenha capacidade de corrigir os alunos e saber encaminhar a aula sempre que se desviar.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo

R: Não, se não seriam todos. A formação é geral na área da Pedagogia. Na escola de formação de professores como ISCED ou Escolas pedagógicas.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: São dificuldades normais de qualquer ser humano, todos eles têm, do ponto de vista pedagógico, não têm porque conseguem transmitir aquilo que é necessário.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Formação e domínio do conteúdo.

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Positivo muito bom.

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R: Deve saber encaminhar os alunos para a realização da prática, dar os atributos necessários para que os alunos consigam preparar a sua aula.

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêm-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: Como em qualquer especialidade, a teoria são os inputs necessários, e é mas difícil porque vem com a experiência. Os estudantes debatem-se com conteúdos científicos que, lhes dão na prática, é um bocado mais difícil. Então é com o decorrer da prática ou com realização de várias práticas que os alunos aprendem a fazer.

Como exemplo, um engenheiro licenciado em engenharia electrónica, se, ele não for praticar electrotecnia não vai saber o que é uma lâmpada e o curto-circuito na folha, mas, seus efeitos e como realizar esse curto-circuito ele não sabera com a prática que ele vai aprender.

Anexo nº 18 Guião de Entrevista ao Estudante 4 4ª Ano

E4 Curso Psicologia

1-Como aluno estagiária acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: É necessário que tenha formação, porque se, tiver formação específica para área de prática estará em condições de verificar melhor os nossos erros e ajudar a melhorar também.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Acho que ele tem preparação, mas, falta um pouco na forma como transmite, ele fecha-se um pouco na maneira como transmite, a forma como orienta para a transmissão, tem domínio mas falta um pouco.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: Deve ser uma pessoa coerente, pessoa critica, e propõe melhorias.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê? O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: Não, a orientação da prática deve ser para pessoas que tenham uma certa características, pessoas mais abertas a critica, dinâmicas, nem todos têm a mesma característica como a professora L.

Eu acho, que o professor tem formação, agora se precisa de retro alimentação sim, precisa de formação na área de prática. Deve fazer formação nos magistérios, ISCED e escolas superiores.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Muito presos as técnicas passadas e precisam de inovação seguindo esta dinâmica. Exemplo há coisas que trouxe para a prática e na minha escola são modelos a seguir a rigor. Se não viesse aqui na prática, aquilo que já não se usa actualmente estão ultrapassadas pelo tempo e necessitam de actualização.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Deve ser coerente.

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Razoável, porque senti mas a prática quando nos tivemos introdução da professora L porque eu em particular sabia que o professor T é fraco, e fomos fazendo as práticas e dávamos aulas não fazia críticas a partir do momento que professora começou, já havia assistência as aulas e houve inovação e havia coisas que começaram a ser limadas. E4

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R: Deve ter formação para orientar e corrigir, dinâmica como a professora L

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêm-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: A orientação do professor quando viemos para a prática os professores orientam a preparar um plano sem antes termos visto um modelo. É que cada um arranja na escola onde está ou colega arranja e desta forma meio que arrojada viemos fazer a nossa prática Depois da aplicação da prática ouvimos as criticas e como devia ser, não há uma preparação e estamos a ir directo para a prática.E4

Anexo nº 19 Guião de Entrevista ao Estudante 5 3ºAno

E5 curso Psicologia

1-Como aluno estagiário acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: De facto é, hoje a especialização é uma área que requer uma certa formação e certos conhecimentos que vai permitir com que este indivíduo exerça a sua profissão com excelência e sem a formação de facto terá uma dificuldade no exercício das suas funções ou tarefas.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Os nossos professores de facto pela experiência que eles nos transmitem até este momento, estamos construindo bases sólidas para nossas futuras funções. De facto eles têm experiência e capacidade e porque que não? A paciência é indispensável. E5

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: Primeiro a paciência, segundo o perfil da sua personalidade e postura que apresentam, terceira a disciplina que eles têm, e porque não falar da quarta depois do aluno dar a sua aula prática eles também têm a capacidade de encontrar os erros, porque pessoas há que estão aí mais não conseguem detectar onde está certo e errado.E5

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

R: Não, é necessário que a pessoa esteja preparada para o exercício, não é qualquer professor que pode orientar a aula prática, necessita de formação principalmente na área pedagógica e como estamos falando na

formação psicológica.E5

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: A província há certas dificuldades de instituições porque varias instituições que nos temos têm as suas especializações em outras áreas enquanto ainda não temos áreas próprias da prática pedagógica esse professor deve estar dotado esses conhecimentos, onde é relativo.E5

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Certas limitações como parte positiva e negativas é relativo do professor quando ele detecta um erro tenta perder paciência um erro cometido

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Muito paciente acima de tudo.E5

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Para os meus professores de facto eles têm sempre aquele acompanhamento que fazem connosco.

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R: Paciente e ter formação

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêem-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: Acompanhando dos princípios da socialização a teoria é outra coisa e a prática também é outra, enquanto na teoria lidamos apenas com meios de ensino como a nossa lapiseira, o nosso caderno e os nossos livros;

mas na prática estamos lidando com indivíduos de níveis diferentes e com conhecimentos diferentes e como a nossa missão é transmitir ou partilhar os nossos conhecimentos com esses indivíduos.

Por isso, da parte do professor como orientador desses alunos, primeiro deve preparar o aluno psicologicamente porque, vai encarar um auditório e esse aluno deve estar preparado psicologicamente, situações que acontecem essa pessoa é muito eloquente no bairro, quem sabe na rua, fala bem, mas diante de um público ele põe consigo o medo por isso, um desses elementos que deve ser quebrado é o medo.

Anexo nº 20 **Guião de Entrevista ao Estudante 6**

3 ° Ano E6 curso Língua Portuguesa

1-Como aluno estagiária acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: É essencial para se ensinar Língua, o professor tenha conhecimento da própria Língua que, vai ensinar, as suas funcionalidades e os seus campos de actuação.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Nós, temos constatado que, a professora tem demonstrado capacidade para conseguir gerir a sala e dentro dos preâmbulos que ela cria nos conseguimos alcançar os nossos objectivos, como estudantes é indício que a professora tem que ter conhecimento da área que esta a leccionar mesmo que não seja um conhecimento profundo tem noção daquilo que esta a fazer.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: Ser um exemplo como professor na sala, conhecer metodologia e Didáctica e até mesmo os princípios didácticos, com estes conhecimentos ser-lhe-á mas fácil transmitir aos alunos tanto na teoria como na prática.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

R: Não, como já disse é necessário que o professor deve ter conhecimento de prática pedagógica e o primeiro passo do professor de PP é conhecer didáctica e até pedagogia.

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: Deve fazer a formação nas escolas pedagógicas e dentro dos cursos estabelecidos de p p encontram-se inclinações ao curso e como preferência no fim do curso académico.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Uma dificuldade é a quantidade de alunos, tem dificultado a professora trabalhar com todos.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: É essencial que o professor não que seja aquela pessoa de deixar passar, mas desde que aprenda a conhecer as dificuldades dos estudantes de modo que possa compreender a situação e o que estudante falhou ou poderia ter feito alguma coisa.

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: É uma experiência nova, porque é uma ponte que me facilita conhecer de perto os colegas e suas capacidades e também manter os seus valores, esta proximidade não do ponto de vista pessoal mas do ponto de vista científico.

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R: Ter formação e conhecimentos suficientes para orientar.

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêm-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: Nessa tendência ao aplicarmos a teoria na prática, há sempre rasuras, não conseguimos completar totalmente. A professora procura verificar a aplicabilidade da teoria à prática que o estudante está a fazer, se, esse estudante estiver a cumprir com os objectivos a professora deve fazer uma boa avaliação. Caso contrário a professora deve ajudar este estudante para que da próxima vez não cometa os mesmos erros com palestras, aulas modelos, e a sua experiência das aulas práticas, e de outros colegas.

Anexo nº21 Guião de Entrevista ao Estudante 7

4 Ano E7 curso Língua Portuguesa

1-Como aluno estagiário acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê

R: O professor é um mediador do processo de ensino aprendizagem, para o professor estar na sala de aula é necessário que, tenha uma formação específica para que, o processo de ensino aprendizagem corra bem.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Tem, porque tem fornecido materiais adequados e a orientação que nos tem dado tem ajudado muito para o nosso desenvolvimento como futuros professores.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: saber orientar, ter conhecimentos desta mesma área como elaborar uma aula, saber planificar uma aula, traçar bem os objectivos, conteúdos. Um professor de prática de ensino é necessário que tenha domínio da Língua Portuguesa e domínio no que tange as práticas numa determinada aula.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: É necessário que, tenha formação específica, formada na área das práticas pedagógicas.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação

do estágio? Cita alguma.

R: Dificuldades que o professor de prática enfrenta no domínio do conhecimento, na motivação, desenvolvimento e consolidação. Tem encontrado nos estudantes que têm praticado.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Ter um bom perfil, ter o domínio da cadeira que lecciona ou orienta e saber orientar.E7

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Tem sido muito bom, porque estamos a melhorar muito, visto que, muitos vieram de cursos diferentes do ensino médio e estamos aprender muita coisa com a professora.E7

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R:

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêem-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: Quando os estudantes chegam a prática, uns acabam por esquecer e aquele medo que, apresentam alguns até não chegam a cumprir e não conseguem atingir os objectivos, e a professora tem chamado atenção a esses estudantes que, apresentam esses problemas e corrige as falhas dos estudantes.

1 - Quantos departamentos existem na instituição?

R: Quatro (4) departamentos de ensino e investigação: departamento de Língua Portuguesa, Ciências da educação, departamento de Ciências sociais, C exactas.

Tem a funcionar cinco (5) cursos de Matemática Língua Portuguesa, História, Psicologia, e Pedagogia.

Todos cursos têm Prática Pedagógica, Matemática terceiro e quarto ano (3 e 4) há uma diferença apenas entre a prática que, se faz no curso de pedagogia tem prática I no 3 ano e estágio no 4 ano enquanto, nos outros cursos tem prática I no 3 ano e prática II no 4 ano.

2- Como é feita a supervisão das práticas?

R: Está analisar-se, e encontrar apenas uma única forma de actuação todos com práticas 1 no terceiro ano e estágio no 4 ano, no curso de Pedagogia. Para além de ser chefe de departamento, sou o professor de Prática Pedagógica no curso de Pedagogia no primeiro semestre do terceiro ano tem a prática 1 nós fazemos que, é chamado de familiarização é a prática de observação.

Tenho aconselhado aos professores que, o aluno precisa familiarizar-se quer com os professores da escola de aplicação quer com os alunos, conhecer a escola de aplicação na sua constituição quer na área pedagógica e outras áreas afins. Só após esta actividade que, é feita no primeiro semestre após tudo isso, é que é feito com entrevistas nos próprios actores educativos, sector pedagógico, secretaria-geral, secretaria pedagógica, área disciplinar para conhecer como funciona. O estudante em formação deve passar por estas áreas todas quando terminar ele pode não ser um docente como tal, mais um gestor de escola e tem que saber como funciona cada área.

No segundo semestre com o 3 ano ele faz já a prática de aplicação, vai para a sala de aula leccionar como tal, porque no primeiro trimestre ele fez prática de observação, aproveita para observar aulas do professor titular; antes

observou aulas do professor na escola de aplicação, por sua vez estas aulas são analisadas pelo professor orientador, onde vai avaliar com aspectos positivos e negativos, e estes elementos vão facilitar, analisar e reflectir o que, ele vai fazer no segundo semestre.

No segundo semestre, ele vai leccionar aulas como tal e todo processo feito no 1 e 2 semestre vai servir de avaliação do próprio estudante em formação. Este estudante em formação é avaliado não apenas nas aulas que vai ministrar no segundo semestre, mas, também na sua participação na prática de observação, e a forma como ele analisa uma situação e questiona aos atores encontrados na escola de aplicação, do processo de educação, tudo isto, faz perceber ao professor que, este estudante está a perceber de p p ou não esta a entender e mudar para que possa entender.

Depois, ele faz a prática de aplicação onde as aulas são avaliadas e no fim do ano o professor terá mais elementos para avaliar o desempenho deste estudante se foi favorável ou não.

Quanto a supervisão das práticas tem havido um défice na supervisão das práticas por vários factores:

- Devido a localização das diferentes escolas de aplicação e porque o departamento da ESP B, funciona apenas com uma pessoa, e sabemos que a nível do mundo nenhum departamento é funcional apenas uma pessoa.

Fazemos a supervisão, as vezes, entramos em contacto com a direcção da escola de aplicação, os professores da escola de aplicação, o pessoal da escola e fazer perceber que, a forma de actuação do professor orientador e alunos quer dos seus estudantes que, estão a fazer a prática, e fizemos assim uma supervisão para ver como actuam.

Às vezes mantivemos contactos informais com os professores na escola de formação do B, para ver se os professores necessitam é reforçar protocolos com a escola, com materiais de apoio e assim podermos fornecer.

Agendamos no ano passado visitas de supervisão pedagógica pelo director ESP B, eu fiz um plano de visitas as escolas de aplicação, estávamos prestes a

começar com as visitas, que, achamos de supervisão mas como temos que, obedecer hierarquias e normas, tínhamos que fazer com anuência do delegado provincial de educação do B.

Mandamos uma carta, para avisar e o Dr. K sugeriu que o momento não era frutífero, porque estavam prestes a realizar-se as provas de frequência do primeiro trimestre na escola de aplicação. Então ele sugeriu após as provas, surgiram outros constrangimentos e não foi possível realizar esta visita, mas a supervisão das práticas ajuda bastante na melhoria da actuação do professor na sala de aula. Estava a ler um livro que diz para cobrir o défice da p p que é feita na nossa realidade reconhece como:

-Défice o descompasso académico do horário entre ensino geral e superior, o ensino geral geralmente começa primeiro o ensino superior começa depois.

Há um descompasso, quando nós arrancamos com grande celeridade o ensino geral esta em prova ou repouso, quando recomeçamos nós estamos em provas ou repouso faz com que a p p nas escolas de aplicação não seja feita com grande incidência.

Há um teórico que diz, para cobrir esta lacuna, os professores que leccionam as cadeiras teóricas nas escolas de aplicação devem ser mas sérios e procurar trabalhar com aulas teóricas e práticas, desta forma o estudante em formação terá possibilidade de ganhar mais conhecimentos teóricos e práticos que, levam a facilitar a sua actuação como bom técnico, capaz de ser objecto de mudança na escola de aplicação, quando formado para dar o seu contributo na escola de formação, fora da qual, se, não termos em conta estes aspectos nós fazemos uma formação mais teórica do que prática em pleno século XXI na formação de professores.

Não é fácil formar um professor apenas com conhecimentos teóricos, é necessário que saiba fazer a junção da teoria com prática, para que possa ou se torne então uma pessoa útil, para mudar o meio e para que possa transparecer aquele fruto da formação, que no fundo é aquilo que é o trabalho da escola de formação .

3- Os professores que leccionam a prática receberam alguma formação na área de supervisão para orientar?

R: Não existe uma formação específica dada aos professores de Prática Pedagógica, uma reciclagem como tal, mas os próprios professores passaram em instituições de formação de professores, o facto de passarem em instituição de professores têm aquilo que chamamos de formação ou agregação pedagógica.

Como têm agregação pedagógica com mas alguma superação ou auto superação que vai tendo com a pesquisas, então consegue lidar e gerir que não digamos, que seja uma Prática Pedagógica de cinco estrelas, pratica pedagógica perfeita mas que, acompanhe as evoluções do sistema.

4- O departamento de Prática Pedagógica tem algum programa de estudo?

R: Não, temos a planificação anual, temos a planificação do ano antepassado e passado e este ano ainda não temos planificação. Remetemos a documentação é necessário um documento para a substituição do chefe de departamento por causa da acumulação e preocupações faz com que, haja um défice do processo e há necessidade de haver um outro chefe de departamento para fazer um trabalho mais condigno e se faça uma supervisão constante que haja normas mais condignas num quadro de acompanhamento mais constante.

Como o departamento de prática é um núcleo da escola S B, nós quando concebemos uma planificação anual e não temos possibilidades de planificar embora feito um plano de actividades científicas, actividade administrativas, práticas e académicas, só que, a funcionalidade deste programa e que não tem sido muito viável, não tem sido aplicado na prática, carece da inclusão do chefe de departamento do director geral da instituição.

5- Os cursos que têm área de Prática Pedagógica têm um programa específico?

R: Não tem um programa específico, porque de acordo com a norma, cada curso devia haver um regente de Prática Pedagógica e este regente do curso de português seria o responsável na supervisão da Prática Pedagógica do curso de português e assim dos vários cursos de matemática, história, psicologia, pedagogia; então o departamento de Prática Pedagógica limitava-se em manter contacto directo com o regente da cadeira de cada curso, mas isto não acontece, devido a forma como o próprio sistema está montado, já há previsões de criação do departamento de prática.

E deixa de ser departamento prática e chamar-se-á departamento de prática e metodologias, no sentido de encontrar-se os regentes das cadeiras de Prática Pedagógica de cada curso e os professores em vez de serem só de Prática Pedagógica sejam também de metodologias e Prática Pedagógica porque tem havido muita contradição do que aprende em metodologias e depois o que vão fazer na prática com o professor de prática. O professor de prática diz que devia fazer assim e os de metodologia e para acabar contradição e depois fazer uma certa comparação com o professor de metodologia e seja o mesmo a dar a prática pedagógica e desta forma aconselha a eliminar as contradições do sistema.

6 - Como é feita a planificação da prática pedagógica?

R: Sim cada professor, faz a sua planificação e procura pôr em prática está planificação.

7- Os professores reclamam do elevado número de alunos 45 estudantes para um orientador como fica?

R: Correcto, necessariamente há uma certa reclamação do número de estudantes pelo professor orientador a nível da Prática Pedagógica, como sabemos, o departamento de prática necessita de um acompanhamento individualizado para facilitar cada professor e poder perceber os pontos fortes e fracos de cada estudante e desta forma verificar o que é que tem que dar mas,

quer em metodologia e fazer recurso a instrumentos para facilitar o aluno e buscar o que está atrasado em termos de formação.

Devido ao défice de professores que tenham o domínio do aspecto prático, leva um professor a ter um número elevado de alunos ou estudantes e isso interfere no processo de avaliação.

. Torna uma avaliação subjectiva do que objectiva, porque há estudantes que, são adultos e matreiros em vez de começar a assistir a prática nos primeiros dias de aula, aparece com desculpas e vem nos últimos dias, encaixa-se ali num grupo, e se, o professor não manter atenção a estes estudantes, o estudante acaba infiltrando-se aí, porque o professor tem muitos alunos, se,

não manter atenção, acaba por não conhecer cada um deles, se fossem 15 estudantes no máximo o professor só daria atenção estudantes que conhecia muito bem e quando no fim do ano o professor saberia encontrar os resultados objectivo de avaliação de cada estudante..

8- No curso de psicologia os estudantes vão fazer prática numa escola especial com aluno do ensino primário serão professores de psicologia ou professores primários?

R: Serão professores de psicologia, nós quando percebemos a existência do curso de psicologia na província do B, achamos ser uma mais-valia a prática dos estudantes do curso de psicologia no ensino especial, porque o estudante do curso de psicologia na escola superior forma-se para professor de psicologia.

Achamos que, a escola especial por albergar estes alunos com NEE acentuadas então para poder acompanhar os fenómenos que ocorrem ao longo da aprendizagem e achamos por bem os estudantes de psicologia fazer o prática na escola do ensino especial desta forma vai aplicar os conhecimentos que aprende em psicologia verificar e acompanhar os alunos no seu processo todo e verificar os fenómenos que ocorrem e desta forma encontrar soluções para uma educação mais condigna para as crianças que tenham NEE.

9- Os alunos mestres receberam metodologia para trabalhar com crianças do ensino primário?

R: Receberam metodologia para ensino da psicologia.

a) É uma contradição quando ele recebeu metodologia para ensino de psicologia e vai praticar as metodologias do ensino primário? Ele pode trabalhar com o nee sim, mas dando aulas no ensino primário não é uma contradição?

R: Não seria uma contradição como tal, o que leva para escola do ensino especial não é para dar aulas a crianças do ensino primário, mas, para ao longo do processo de ensino, ele verificar os vários fenómenos que ocorrem durante o processo de ensino nesta criança com NEE acentuada e então desta forma ele perceber estes fenómenos e contribuir no encontro de soluções para as crianças com NEE acentuada.

b) Mais a realidade não diz isto?

R: A realidade não diz isso, pode ser que sim, vão para lá e dão aulas a crianças do ensino primário com NEE acentuada, isto porque carecem de uma reciclagem ou da inclusão das metodologias do ensino primário, Metodologias de matemática, estudo do meio e ciências da natureza, metodologia de música e por aí fora no fundo são esses os défices que tem este processo, mas o que tem de se fazer é melhorar superar este problema.

Um dos factores que levou os estudantes do curso de psicologia para a escola especial, existe uma escola única de formação de professores no ensino médio pública no B que é a escola k e da ADPP privada.

A ADPP tem uma formação muito específica e diferente da formação que se dá no k antigo INE, neste caso porque queríamos que os nossos alunos fossem fazer psicologia e dar aulas na escola de formação de professores mas o défice descompasso de calendário os alunos nunca tinham aulas para juntar o útil ao agradável decidimos mandá-los a escola especial para não ficar sem prática.

10- O estatuto da carreira docente propõe para selecção dos professores seja feita a partir de bacharel e desde que tenha média 14 valores pode ser admitido, como professor do ensino superior como fica isso?

R: O meu colega dos recursos humanos tem melhores subsídios sobre isso. Eu ainda acho, é a minha opinião pessoal que não deveria ser condição *ini- qui non* para entrada no ensino superior.

a) Principalmente na escola de formação de professores?

R: Não seria condição *sini qua non*, porque, sabemos que a própria avaliação carrega consigo elementos objectivos e subjectivos, isto faz com que, elementos que tenham notas tão altas, alguns deles, naquilo que é a prática pedagógica do dia-a-dia poderia não ser muito benéfico. Julgo que deveria haver outro elemento *para a selecção do pessoal, e não muito pela nota, quando vai pela nota começo a ver uma* deussificação da nota como tal.

11- A selecção dos professores universitários no Brasil e Portugal no mínimo deve ter o mestrado e doutoramentos e a selecção baseia-se em livros escritos artigos e obras publicadas. O professor por excelência é um investigador, principalmente na escola de formação de professores.

b) No nosso contexto, a investigação não é tida em conta?

R: O Ministério tem estado a primar no sentido de reforçar as escolas, que os professores sendo já universitários devem primar pela publicação de artigos por exemplo. Ainda não começamos a publicar obras, como livros, vamos começar com artigos científicos que são passos iniciais para a publicação de obras ou livros. Só que é aquilo, Angola é um país que está a começar e tem dito os grandes teóricos o país que está a começar o licenciado forma outro licenciado, mestre forma outro mestre e o doutor forma doutor porque não temos quadros suficientes para agarrar o ensino superior.

c) -Mais isto não *prima pela qualidade*?

R: Sim... sim, se for isso, tem que primar pela qualidade.

d) Um bacharel forma outro bacharel, licenciado forma licenciado?

R: Normalmente mesmo em Portugal também opta por essa política, onde há défice de quadros para facilitar o processo e primar pela formação de quadros, o próprio licenciado forma outro licenciado, é o que acontece na escola superior pedagógica do B.

Hoje, tem um total de 5 professores doutores e um número considerável de mestres, mais quando começou havia 3 mestres o director e seus adjuntos e todos professores eram licenciados, hoje com aposta quer da direcção, como dos próprios professores muitos já são mestres e alguns estão a fazer doutoramentos.

Julgo o que tem que haver é uma supervisão e incentivo constante aos professores, para lançarem-se ao mundo da investigação e poderem ter conhecimentos mais sustentáveis durante a sua abordagem.

ÍNDICE	i
Agradecimento	ii
	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Citação	1
Abreviaturas	1
I INTRODUÇÃO	4
1.1 Problemática	4
1.2 Objectivos de estudo	4
1.2.1 Objectivos gerais	5
1.2.2 Objectivos específicos	6
1.2.3 Questões de estudo	6
II CAPITULO QUADRO TEÓRICO /REVISÃO DA LITERATURA	10
2.1 PERFIL DO PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR	13
2.1.1 Componentes do perfil profissional dos professores do E S	16
2.1.2 Competências básicas do professor do ensino superior	17
2.1.3 características ou qualidades do professor	19
2.1.4 Requisitos básicos do professor	21
2.2 MODELOS DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NO ENSINO SUPERIOR	24
2.2.1 Papel do formador de prática pedagógica	26
2.2.2 Atitudes básicas dos professores universitários	28
2.2.3 Orientações básicas da formação de professores	
2.3 O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS	
2.3.1 Modelos de Desenvolvimento Profissional	
2.3.2 O portefólio como dispositivo de desenvolvimento profissional	

2.3.3 Desenvolvimento profissional dos actores da supervisão pedagógica	30 31
2.3.4 Avaliação do desempenho docente	36
2.4 MODELOS DE SUPERVISÃO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO	37
2.4.1 Composição da prática pedagógica	39
2.4.2 Estatuto da Prática Pedagógica	43 46
2.4.3 As práticas curriculares dos formadores	48
2.4.4 Modelos de supervisão das práticas	50
2.4.5 Estratégias de supervisão das práticas	56
2.4.6 Avaliação da prática pedagógica	57
III CAPITULO METODOLOGIA	58
3.1 paradigma qualitativo	58
3.2 modelos de pesquisa	60
3.3 design estudo de caso	60
3.4 contexto	63 70
3.5 participantes	72
3.6 técnicas de recolha de dados	73
3.7 técnica de tratamento de dados	
3.8 questões de ordem ética	
IV APRESENTAÇÃO ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	

4.1 Análise dos dados dos estudantes resultantes da entrevista	73
4.2 Análise da observação feitas aos estudantes	83
4.3 Análise das entrevistas dos professores prática pedagógica	85
4.5 Análise da entrevista do chefe de departamento	
V DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	93
5.1 Competências identificadas para o processo de supervisão	105
5.2 Competências identificadas para desempenho da profissão	131
5.3 Competências identificadas pela instituição para selecção dos professores	138
CONCLUSÕES	143
Recomendações e sugestões	147
Limitações de estudo	
Sugestões para estudos futuros	147
Referências bibliográficas	147
Anexos	
Anexo nº 1 Observação das aulas Diário de Bordo Curso Psicologia 4º ano	149
	152

Anexo nº 2	Observação das aulas	Diário de Bordo Curso Psicologia	4º ano
Anexo nº 3	Observação das aulas	Diário de Bordo Curso Português	3º ano
Anexo nº 4	Observação das aulas	Diário de Bordo	Curso Português 3º ano
Anexo nº 5	Observação das aulas	Diário de Bordo Curso Língua Portuguesa	4º ano
Anexo nº 6	Observação das aulas	Diário de Bordo Curso Língua Portuguesa	3º ano
Anexo nº 7	Observação das aulas	Diário de Bordo Curso Língua Portuguesa	3º ano
Anexo nº 8	Diário de Bordo Aula simulada	curso de psicologia	4º ano
Anexo nº 9	Diário de Bordo Aula simulada	curso de psicologia	3º ano
Anexo 10	Guião de Entrevista exploratória ao professor de Prática Pedagógica		
Anexo nº 11	Guião de Entrevista Exploratória aos Estudantes		
Anexo nº 12	Guião de Entrevista Exploratória ao chefe de departamento		
Anexo nº 13	Guião de Entrevista descritiva ao professor		1

Anexo nº 14 Guião de Entrevista descritiva a Professora 2

Anexo nº 15 Guião de Entrevista descritiva a estudante 1 3ºano

Anexo nº 16 Guião de Entrevista ao estudante 3º ano E2

Anexo nº 17 Guião de Entrevista ao estudante 4ª Ano E3 curso
Psicologia

Anexo nº18 Guião de Entrevista ao estudante 4ª Ano E4 Curso
Psicologia

Anexo nº 19 Guião de Entrevista ao estudante 3 Ano E5 curso
Psicologia

Anexo nº 20 Guião de Entrevista ao estudante 3 Ano E6 curso Língua
Portuguesa

Anexo nº21 Guião de Entrevista ao estudante 4 Ano E7 curso Língua
Portuguesa

Anexo nº 22 Guião de Entrevista ao CD / professor de Prática
Pedagógica

AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim deste longo, árduo mas desafiante e gratificante percurso é, por si só, uma conquista que não teria conseguido concretizar sem o apoio de todos os que comigo partilharam as angústias e as descobertas, os avanços e recuos inerentes a um trabalho desta natureza. Assim, quero deixar expressa a minha gratidão a todos.

Ao Professor Doutor Luís Alexandre da Fonseca Tinoca, que orientou este trabalho, problematizando, ouvindo, encorajando... e que do ponto de vista pessoal e profissional sempre me deu apoio e ânimo nos momentos menos bons ao longo deste trabalho, amizade que muito estimo e retribuo.

À minha família que sempre me apoiou e incentivou, muito em especial aos meus pais, aos meus filhos, irmãos e colegas que sempre estiveram presentes, desta mãe e amiga, esta etapa dirijo-o à minha família que nunca me deixou desistir, apoiou, ajudou a suportar as ausências e impaciências e acreditou que chegasse até aqui, contribuindo para o bem-estar e garantia das rotinas familiares.

À minha amiga e colega Laura Matos, companheira inseparável na formação, no trabalho e na vida, pelas animadas viagens, discussões, críticas e sugestões que tanto ajudaram a tornar menos isolado este percurso.

Agradeço também a todos quantos, directa ou indirectamente, contribuíram para a realização deste estudo. Desde os docentes do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa que disponibilizaram o seu tempo e os seus testemunhos; a Mariana Bessa (mami), a tia Augusta, aos colegas do mestrado em Pedagogia do Ensino Superior e Administração Educacional, amigos que ajudaram a resolver as mais diversas situações, a todos, muito obrigada.

Por fim, dedico este trabalho ao colega Feliciano Ngungi que tudo fez para chirbitar e estar connosco, mas, o destino não deixou. Que a sua alma descanse em paz.

RESUMO

Neste trabalho, vamos analisar a supervisão da prática docente, o perfil de desempenho para o professor de prática docente, bem como o impacto da supervisão no desempenho dos professores. A abordagem desta temática não se propõe a encontrar fórmulas e receitas para solução dos problemas da supervisão e orientação das práticas, mas melhorá-la. O supervisor e orientador de prática docente é um profissional experiente, capaz de planificar, organizar, leccionar, orientar, reflectir de forma crítica e avaliar todas actividades inerentes ao processo de ensino aprendizagem com rigor e sucesso. Tratando-se de pesquisa qualitativa e descritiva, fizemos um estudo de caso e analisamos o quotidiano de uma instituição de formação do ensino superior em Angola. Como participantes professores, estudantes e chefes de departamento. Para a recolha dos dados tivemos em conta a entrevista semi-estruturada e observação das aulas; para o tratamento dos dados recorremos a análise de conteúdo. Tendo por base a literatura científica sobre a supervisão pedagógica, no nosso contexto, o trabalho traz a discussão o perfil deste profissional quanto a orientação e supervisão das práticas nas escolas de formação. Este estudo permitiu constatar o impacto da supervisão no desempenho dos professores, a falta de formação dos orientadores, para conduzir e supervisionar as práticas, o número elevado de estudantes para um orientador.

Palavra-chave: perfil de competências, supervisão da prática docente, supervisor, Prática Pedagógica e desenvolvimento profissional.

ABSTRACT

In this paper, we are going to analyze the supervision of teaching practice, the performance profile for the teacher of teaching practice as well as the impact of supervision on the performance of teachers. The approach of this subject is not intended to find formulas and recipes for solving the problems of supervision and guidance of the practices, but improve it. The supervisor and mentor of teaching practice is an experienced professional, able to plan, organize, teach, guide, critically reflect and evaluate all activities related to the teaching-learning process with accuracy and success. In the case of qualitative and descriptive, did a case study and analyze the daily lives of a training institution of higher education in Angola. As participants: teachers, students and department heads. For the collection of data we took into account the semi-structured interviews and observation of classes; for the treatment of the data we used content analysis. Based on the scientific literature on the pedagogical supervision, in our context, the work brings to discussion the guidance and supervision of practices in training schools. This study allowed to verify the impact of supervision in the performance of teachers, lack of training of supervisors, to conduct and supervise the practices, the high number of students to a mentor.

Keywords, skills profile, supervision of teaching practice, supervisor, Pedagogic Practice and professional development.

CITAÇÃO

“Aqueles que se apaixonam pela prática sem a ciência são como marinheiros que embarcam no navio sem timão ou bússola, que nunca têm certeza aonde se dirigem. A prática deve ser edificada sempre sobre a boa teoria, da qual, é porta e guia, sem a qual, nada é bem feito” (Leonardo Da Vinci 1452-1519).

Abreviaturas

PP	Prática Pedagógica
NEE	Necessidades Educativas Especiais
ADPP	Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo
CD	Chefe de Departamento
P1	Professor 1
E1	Estudante 1

ANEXOS

Anexo nº 1 Observação das aulas Diário de Bordo

Curso Psicologia 4ª ano manhã

Guião do diário de bordo

Aula nº 1

Disciplina: Língua Portuguesa

Assunto: Estudo da consoante P

Data 18 de Abril de 2013

1ª classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, domínio do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significativas, questões colocadas, acções do professor)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Título da canção: (todos os patinhos sabem bem nadar)

Começou por cantar uma canção que não conhecia a letra. Os alunos cantaram a canção com erros, o professor não corrigiu os erros que os alunos repetiam.

Desenvolvimento das actividades

Começou por apresentar uma gravura mal elaborada numa cartolina que continha vários desenhos sem pintura feitos com esferográfica vermelha.

O professor analisou a gravura sozinho sem ajuda dos alunos, perguntava e não dava tempo para os alunos responderem, de seguida respondia.

Não teve domínio do conteúdo.

As estratégias usadas não foram de acordo a idade dos alunos e suas necessidades.

Durante a discussão:

- Não houve discussão da aula dada pelo estagiário, nem autocrítica do trabalho realizado.

Outras observações:

Crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE)

O estagiário não dominava as metodologias do ensino primário, nem a metodologia do ensino especial.

A professora cooperante mesmo vendo tantos erros cometidos não intervinha nem suspendeu a aula.

O professor orientador deixou passar tantos erros e não disse nada, no final não houve correcção do trabalho.

A partir das 9 h 30 os alunos ausentam-se da sala e vão para o lanche e na volta quase ninguém regista a matéria estão todos com pressa de ir para casa.

Anexo nº 2 Diário de Bordo

Curso Psicologia 4ª ano

Aula nº 2

Disciplina Matemática

Tema Estudo do número 10

Data 18 de Abril de 2013

1ª classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Começou a aula com uma canção sobre os números

Mariana conta 1,2,3,4,5,6,7...

Desenvolvimento das actividades

De seguida apresentou uma situação problemática que foi analisada, manipulou alguns objectos onde todos alunos participaram activamente, representou os conjuntos em esquemas e seguida de símbolos matemáticos onde surgiram vários conjuntos e realizaram a contagem dos mesmos.

Desenharam os conjuntos nos cadernos seguidos da pintura.

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado.

Outras observações:

Crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE)

A estagiária dominava as metodologias do ensino primário e a metodologia do ensino especial.

A partir das 10 h 00 são alunos da 2ª classe

É de ressaltar que a professora cooperante trabalha sozinha sem nenhuma vigilante.

A estudante que leccionou a aula é professora do ensino especial em Luanda e tem perícia pedagógica, domínio do conteúdo e boa estratégia de trabalho.

Aspectos negativos

Um aluno que a professora disse para não completar a tarefa, começou a brincar e a incomodar os outros, quando a professora ralhou e mandou fazer a tarefa ela respondeu. “ Que aquela tarefa era para as crianças. ”

Anexo nº 3 Diário de Bordo

Curso Português 3ª ano Tarde

Aula nº 3

Disciplina Língua Portuguesa

Tema Palavras homónimas

Data 18 de Abril de 2013

8ª Classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Começou a aula contando uma notícia passada, no telejornal local no dia anterior.

Desenvolvimento das actividades

Levou os alunos a descoberta do tema, de seguida distribuiu texto de apoio contendo os elementos a ensinar. Não explicou a matéria e orientou exercícios, os estudantes tiveram dificuldades em resolver os exercícios.

Não deu exemplos concretos, erros ortográficos no quadro, má gestão do quadro. Não teve domínio do conteúdo. Voz audível.

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado.

Outras observações

Deve melhorar a caligrafia sendo professor de Língua Portuguesa

Anexo n º 4 Diário de Bordo

Curso Português 3ª ano

Aula nº 4

Disciplina Língua Portuguesa

Exercícios com palavras homónimas

Data 18 de Abril de 2013

8ª Classe

Tarefas propostas:

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Fez revisão da aula anterior.

Desenvolvimento das actividades

Distribui o texto de apoio e orientou que realizassem leitura colectiva, seguida da leitura em filas e individual. Selecção das frases contendo o assunto e análise das mesmas no quadro. De seguida explicou com exemplos e orientou a realização de alguns exercícios de forma individual e a tarefa. Cumpriu com o tempo. Teve domínio do conteúdo e criatividade. Linguagem audível e acessível. Letra legível. Boa gestão do quadro. Expressa-se correctamente

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado.

Anexo nº 5 Diário de Bordo

Curso Língua Portuguesa 4ª ano

Aula nº 5

Disciplina Língua Portuguesa

Tema Voz passiva

Data 25 de Abril de 2013

8ª Classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Começou a aula revendo os conteúdos da aula passada (voz activa), apresentou uma frase e orientou que, um estudante colocasse na voz activa.

Desenvolvimento das actividades

Apresentou um texto e distribuiu aos estudantes, seguiu-se a leitura do texto em coro, individual onde orientou que retirassem algumas frases do texto e lessem em voz alta, orientou que alguns estudantes fossem ao quadro e colocassem as frases na voz passiva sem antes orientar com algum exemplo. Os alunos tiveram dificuldades em transformar a frase na voz passiva. Apresentou um quadro com várias frases e não conseguiu explicar

A professora orientadora teve que intervir dando alguns exemplos. O professor cooperante não fez nenhuma intervenção. Muito barulho na sala de aula. Não teve domínio do conteúdo.

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado. Falta de sequência nos conteúdos.

Anexo nº 6 Diário de Bordo

Curso Português 3º ano

Aula nº 6

Disciplina Língua Portuguesa

Tema: textos informativos

Data 25 de Abril de 2013

8ª Classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Tarefas propostas:

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Começou a aula com uma notícia passada no dia anterior pela TV local.

(Afogamento de crianças num rio local)

Desenvolvimento das actividades

Começou por escrever uma frase no quadro com letra minúscula e os alunos corrigiram. Linguagem acessível e audível. Devia orientar as perguntas de forma simultânea individualizada, deste modo evitaria respostas colectivas. Evitar chamar os estudantes de queridinhos. Orientou alguns exercícios nos cadernos e ultrapassou o tempo. Teve domínio do conteúdo

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado. O orientador quando terminassem as aulas orientava que fossem embora sem análise do trabalho.

Anexo nº 7 Diário de Bordo

Curso Português 3º ano

Período da manhã

Aula nº 7

Disciplina Língua Portuguesa

Tema Oração subordinante

Data 8 de Maio de 2013

8ª Classe

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Tarefas propostas:

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Começou revendo o conteúdo da aula anterior (orações coordenadas).

Desenvolvimento das actividades

Apresentou um texto onde os estudantes fizeram a leitura do mesmo e de seguida o professor realizou a leitura, formou algumas frases de seguida orientou que, os alunos formassem frases e apresentou um quadro contendo vários exemplos. Orientou um exercício que foi corrigido seguido da tarefa. Teve domínio do conteúdo.

Durante a discussão:

Não houve discussão da aula, nem autocrítica do trabalho realizado.

Anexo nº 8 Diário de Bordo **Aula simulada** curso de psicologia

Aula nº8

Disciplina Psicologia 4ª ano

Tema Os estágios de desenvolvimento da criança segundo Jean Piaget

Data 7 de Agosto de 2013

Tarefas propostas:

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Não houve

Desenvolvimento das actividades

Explicou os diferentes estágios da criança: sensório motor, pré operatório, operatório concreto e lógico formal. Descreveu cada uma das etapas e deu exemplos. Teve domínio do conteúdo.

Durante a discussão:

Houve discussão crítica do trabalho.

Outras observações

Foi aula simulada. Houve correcção do trabalho, os alunos foram obrigados a permanecer na instituição até ao final das aulas. Estavam habituados aos rodízios, ficaram aflitos pela nova forma de trabalho porque a professora começou a fazer análise e correcção do mesmo e exigia a presença de todos.

Anexo nº 9 Diário de Bordo **Aula simulada** curso de psicologia

Aula nº 9

Disciplina Psicologia

Tema Estágios de desenvolvimento da criança segundo Freud

Data 7 de Agosto de 2013

3ª ano

Observações a registar: (Perfil professor estagiário, planificação das actividades, domínio e transmissão do conteúdo, estratégias usadas, controlo da turma, atitudes dos alunos, intervenções mais significantes, questões colocadas aos alunos, acções do professor, recursos usados, domínio linguístico, gestão do tempo, domínio do comportamento, avaliação)

Tarefas propostas:

Na apresentação da tarefa/ Motivação

Falou um pouco da vida de Freud.

Desenvolvimento

Falou das etapas de desenvolvimento da criança segundo Piaget fase oral, anal, fálica, latência e genital.

Pouco domínio do conteúdo, Muitos erros de linguagem.

Outras observações

Foi aula simulada com a turma de Psicologia, presença da nova professora PP.

A professora orientou várias actividades, corrigiu os planos, a expressão oral e escrita dos alunos, falou de questões metodológicas que, tinham muitas dificuldades. Houve discussão da aula onde a professora apresentou os aspectos positivos e negativos do trabalho realizado, e formas de remediar as dificuldades.

Os estagiários estavam muito aflitos pela nova forma de trabalho, achavam a professora muito radical quanto ao modelo de correcção das actividades, pois encontrava muitos erros e chamava atenção na forma de corrigir.

Orientou como deveriam fazer a autoavaliação e avaliação das suas aulas e aulas dos colegas.

Era obrigatório a permanência de todos estagiários das 7 h30 as 12h 30 na instituição, muitos ficaram afitos porque o rodízio tinha terminado.

Anexo 10 Guião de Entrevista exploratória ao professor de Prática Pedagógica

Anos de serviço no Ensino Superior?

1-Como descreve as suas funções/deveres enquanto docente do ensino superior?

2- Acha que qualquer pessoa pode ser docente no ensino superior?

3-Teve alguma formação para supervisionar a prática ou o estágio?

4-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

5- Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor?

6 – Quais as competências desejáveis para construir um perfil de professor de prática nos tempos que correm?

7– Partindo do desenho de perfil que está a indicar, é de opinião que é possível encontrá-lo na realidade ou será uma idealização?

8-Considera que é possível definir um perfil de professor?

9- Se tivesse oportunidade de alterar o processo de supervisão do estágio o que mudaria? Porquê?

Anexo nº 11 – Guião de Entrevista Exploratória aos Estudantes

Ano

Curso

1-Como aluno estagiário acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêm-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêem-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

Anexo nº 12 Guião de Entrevista Exploratória ao chefe de departamento

- 1 - Quantos departamentos existem na instituição?
- 2- Como é feita a supervisão das práticas?
- 3- Os professores que leccionam a prática receberam alguma formação na área de supervisão para orientar?
- 4- O departamento de p p tem algum programa?
- 5- Os cursos que têm área de Prática Pedagógica têm um programa específico?
- 6- No próprio departamento de p p como é a planificação?
- 7- Os professores reclamam o elevado número de aluno 45 para um orientador como fica?
- 8- No curso de psicologia o professor diz que vão fazer prática numa escola especial com aluno do ensino primário serão professores de psicologia ou pedagogia?
- 9- Os alunos mestres receberam metodologia para trabalhar com crianças do ensino primário?
 - c) Não é uma contradição quando ele recebeu metodologia para ensino de psicologia e vai praticar as metodologias do ensino primário? Ele pode trabalhar com o nee sim mais dando aulas no ensino primário não é uma contradição?
 - d) Mais a realidade não diz isto?
- 10- O estatuto da carreira docente propõe para selecção dos professores seja feita a partir de bacharel e desde que tenha média¹⁴ valores pode ser admitido, como professor do ensino superior como fica isso?
 - a) Principalmente na escola de formação de professores?
- 11- Estava a ler como é feita a selecção dos professores universitários no Brasil e Portugal no mínimo deve ter o mestrado e doutoramentos e a selecção

baseia-se em livros escritos artigos e obras publicadas. O professor por excelência é um investigador, principalmente na escola de formação de professores.

e) Mais isto *não prima pela qualidade*?

f) Um bacharel forma outro bacharel, licenciado forma licenciado?

Anexo nº 13 Guião de Entrevista descritiva ao professor 1

Anos de serviço no Ensino Superior

R: Três anos.

1-Como descreve as suas funções/deveres enquanto docente do ensino superior?

R: Eu vejo a disciplina de prática, como influência de todas disciplinas procedentes da cadeira de Prática Pedagógica, nós dividimos no ponto de vista da Didáctica a prática uma parte de observação e outra na prática pedagógica.

2- Acha que qualquer pessoa pode ser docente no ensino superior?

R: Não, qualquer professor desde que tenha conhecimentos tecnológicos, pode ser docente do ensino superior, além dos conhecimentos da ciência e a técnica devem ser acrescentados conhecimentos da Pedagogia e da Didáctica do Ensino Superior.

3-Teve alguma formação para supervisionar a prática ou o estágio?

R: Não, concretamente na licenciatura eu sou formado psicologia escolar. Dentro da Psicologia Escolar estudei também a Psicologia e a Didáctica. No mestrado estudei uma disciplina que interage com os alunos que é a Didáctica do ensino superior, com esses conhecimentos me permite interagir com os alunos dentro da prática pedagógica.

4-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: A primeira dificuldade era um instrumento que os professores deviam possuir e não tem um programa de prática, por isso o pequeno instrumento é organizado pelos professores de prática para definirem o que é que os alunos vão praticar.

A palavra prática é um termo muito lato, e os professores devem delimitar o quê que eles vão praticar dentro de uma sala de aula ou instituição.

A própria instituição desde que estamos aqui, eu lecciono esta cadeira a 2 anos e nunca me foi fornecido um programa de prática docente e que os alunos praticam é algo que os professores programam no início do ano lectivo. Claro que encontramos muitas dificuldades no exercício da disciplina, temos este problema da mono docência e pluri-docência e os professores não foram formados para a mono docência, pluri-docência, é que, não temos professores preparados para trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais, os professores não foram formados para lidar com crianças com nee.

Professores de psicologia vão fazer prática pedagógica numa escola primária não corresponde com os objectivos ou com o perfil de saída sendo um contraste, necessidades educativas especiais.

5- Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor?

R: Um professor de prática, uma das características deve ser professor no seu domínio específico, deve dominar escrupulosamente as técnicas e as teorias de ensino, estamos a falar da Didáctica Especial e a Didáctica de Ensino e também a psicopedagogia como lidar com os alunos.

Também os conhecimentos que devem lidar para prática docente, como sabe, ensinar também é arte, não é só ciência do ensino é extremamente importante para o professor de prática docente. Como repito a cadeira de prática para mim é a confluência de todas disciplinas procedentes e que, o professor tem que, dominar e sendo as disciplinas da área das ciências psicológicas e pedagogia

6 – Quais as competências desejáveis para construir um perfil de professor de prática nos tempos que correm?

R: Desde que tenha conhecimentos tecnológicos, da ciência e a técnica devem ser acrescentados conhecimentos da Pedagogia e da Didáctica

7– Partindo do desenho de perfil que está a indicar, é de opinião que é possível encontrá-lo na realidade ou será uma idealização?

R: É possível defini-lo sim. Nós vamos definir as qualidades e as qualificações dos professores de prática dentro dos professores do ensino superior, e se, os professores não têm qualificações, então vamos fazer seminários que qualifiquem esses professores porque o ensino é dinâmico.

Há professores não actualizados dentro da Prática Pedagógica e quem tem essa qualificação é uma forma de lembrar a esses professores e assim actualizá-los e estar a altura de poderem leccionar a cadeira de Prática Pedagógica.

8-Considera que é possível definir um perfil de professor?

R: É possível encontrar esse perfil, só seleccionando ou formando também é um dos requisitos dentro do ensino temos que passar a mensagem aos professores do ensino superior, actualizar esses professores.

Claro é preciso uma selecção rigorosa e para que haja provimento de vagas para professores no ensino superior.

9- Se tivesse oportunidade de alterar o processo de supervisão do estágio o que mudaria? Porquê?

R: Tudo partiria de um principio do programa e também tem muito a ver com os objectivos do curso dos alunos e qual é o objectivo, partido do principio estão a ser formados em quê?

Exemplo professores de psicologia e vão fazer prática pedagógica numa escola primária não corresponde com os objectivos ou com o perfil de saída sendo um contraste.

Devia ser o professor que lida com Necessidades educativas especiais que, ia praticar na pesquisa, na perspectiva de inclusão.

Já devíamos pensar no professor pedagogo ou psicólogo que vai passar a mensagem, com os que vão lidar na inclusão escolar, o professor do instituto

médio e do curso de pedagogia que, vai leccionar deve receber qualificações de necessidades educativas especiais. E é o que não acontece.

Temos este problema da mono docência e pluri-docência e os professores não foram formados para a mono docência, pluri-docência e o que não temos professores preparados para trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais.

Falo como psicólogo, falo do preconceito e estigma. Este dilema pode ser superado com antigo professor que, temos no processo de ensino, com o actual professor, é só actualização.

Anexo nº 14 Guião de Entrevista descritiva a Professora 2

Anos de serviço no Ensino Superior

R: Três anos.

1-Como descreve as suas funções/deveres enquanto docente do ensino superior?

R: Como docente do ensino superior vamos dizer que a dificuldade começa dos próprios estudantes que vêm mal preparados para enfrentar essa vida activa que é o ensino superior principalmente no curso de língua portuguesa onde os alunos vem de outras formações no ensino médio, até de ciências matemáticas mais como encontraram vaga no ensino da língua portuguesa estão aí integrados tem dificultado um pouco.P2

2- Acha que qualquer pessoa pode ser docente no ensino superior?

R: Não, porque para ser docente no ensino superior muito embora tenhamos o conhecimento do conteúdo programático precisamos conhecer as Metodologia, didácticas para podermos transmitir a matéria aos estudantes.

3-Teve alguma formação para supervisionar a prática ou o estágio?

R: Não tive nenhuma formação para orientar a prática docente.

b) Aceitou mesmo sem formação?

R: Havia necessidade porque se, os alunos não tivessem aulas de prática pedagógica haveriam de ficar condicionados na instituição.

4-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Muitas, se eu tivesse tido alguma formação na área de pedagogia muitos problemas tivessem sido sanados. Eu sou licenciada em Antropologia e fiz mestrado em Ensino da Língua Portuguesa.

No Ensino da Língua Portuguesa dei didáctica de ensino de Língua Portuguesa e Didáctica do Ensino da Literatura, mas, não tive prática pedagógica acredito se, eu tivesse prática pedagógica ou formação nesta área não teria tanta dificuldade como orientadora de estágio.

5- Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor?

R: Acredito que, o professor deve ter uma formação para ter bases naquilo que, vai leccionar porque como orientador ele deve estar preparado para orientar e corrigir o estudante.

6 – Quais as competências desejáveis para construir um perfil de professor de prática nos tempos que correm?

R: Formação básica pedagógica na área da prática pedagógica, ensino da didáctica e das metodologias.

7– Partindo do desenho de perfil que está a indicar, é de opinião que é possível encontrá-lo na realidade ou será uma idealização?

R: Eu tive oportunidade de trabalhar com um professor e encontrei nele este perfil. Considero que é possível defini-lo.

8-Considera que é possível definir um perfil de professor? Como?

R: Tendo formação na área para poder adquirir esses perfis.

9- Se tivesse oportunidade de alterar o processo de supervisão do estágio o que mudaria? Porquê?

R: Mudaria eu acredito que, a escola. Estamos a falar de prática pedagógica vão para uma escola de aplicação e a mesma devia ter condições para receber os estudantes.

Segundo um professor de prática e estágio não teria que trabalhar com 45 estudantes porque ele não tem como orientar em condições esses

estudantes, porque precisa colmatar algumas dificuldades que os estudantes têm, e os estudantes deviam dar mais aulas. Se cada professor trabalha-se em grupo cada estudante teria mais aulas de prática e acredito que melhoraria o trabalho não só do professor como dos estudantes.

a) Com o número elevado de estudantes quantas aulas leccionam?

R: Se, sair-se bem na primeira aula uma, e a prática docente só é uma vez por semana e até rodar os 45 alunos.

O período de aulas no ensino superior não coaduna com ensino secundário, muitas vezes o estudante só dá uma aula.

Anexo nº 14 Guião de Entrevista descritiva a estudante 1

R: 3 Ano E1 curso de Língua Portuguesa

1-Como aluna estagiária acha que, para desempenhar este trabalho de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: Em princípio nós estamos aqui para sermos formados acho que, o objectivo é para adquirir os conhecimentos que os professores vão nos transmitir e cumprir com aquilo que os professores transmitem, não necessariamente que tenha uma formação.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Acho, se a instituição colocou os professores aqui para cumprir essas obrigações acreditamos que tenham competências para tal.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: Ter domínio da matéria que vai leccionar, ter pressupostos necessários para ter êxito no seu trabalho.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

R: Não é qualquer professor, porque o professor de p p tem que ser aquele formado na área, ter domínio sobre as técnicas de ensino e formação na área específica de professores

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: Sim, numa escola pedagógica.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Acreditamos que o professor de estágio tem algumas dificuldades em função das diferentes características que os alunos apresentam Existem alguns alunos que adquiriram conhecimentos que trazem consigo alguns

conhecimentos que adquiriram nas classes anteriores de certa forma divergem com os conhecimentos que os professores trazem.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Tem de ser alguém formado na área, competente, capaz de orientar os estudantes da melhor maneira possível.

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Acho que tem sido uma boa orientadora, apesar de algumas dificuldades que não faltam.

**8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?
O que é que tem que ter/saber/fazer?**

R: Formação.

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêm-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: Em princípio o orientador quando depara-se com caso de género em que, os estudantes trazem conhecimentos das classes anteriores, o orientador tem que valorizar os conhecimentos que eles trazem e depois e apresentar certas propostas. Existem vários teóricos nesta área das práticas e valorizar cada teoria que cada estudante na instituição ou na sala de aula, é importante dependendo das circunstâncias.

Anexo n 16 Guião de Entrevista ao Estudante 2

3 Ano E2

1-Como aluno estagiário acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: Eu penso que sim, é indispensável porque se ele está cá para ensinar uma determinada cadeira deve ter noção ou pelo menos domínio do que ele vai ensinar. Não pode dar uma cadeira que o mesmo não tenha domínio e então achamos necessária formação na área ou pelo menos um curso preparatório nesta mesma cadeira.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Penso que sim, independentemente da forma de ser de cada um, porque a preparação que ele recebeu do ensino superior é uma mais-valia para nós, tudo aquilo que ele recebeu durante os seus anos de formação tentam empregar cá, isto é vantajoso e mesmo que não esteja preparado para tal.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: É fundamental a perícia pedagógica, ter domínio da pedagogia e saber como se deve transmitir uma aula.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área? Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: Não, para isso é preciso formação específica área da formação de professores. Deve formar-se em todas instituições competentes como ISCED, Faculdade de letras pode até a instituição não ser preparada para fim pedagógico.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Certo, porque os alunos vêm cá já de algumas instituições onde já fizeram formação de professores de ensino médio e estão cá para complementar esta formação, cabe ao professor lidar com esse tipo de alunos. Há também os que não receberam formação de professores no ensino médio e os que vieram também com o fim de ensinar, lidar com essa diversidade de alunos que, vieram de determinados cursos, então ele deve conciliar para a matéria, a e formação.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Deve ter perícia pedagógica e domínio da matéria que vai ensinar.

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Ela tem feito um esforço muito grande, porque não é fácil lidar com diferentes alunos principalmente eu, como alunos teimosos e acho que, os colegas dizem isto de os mim que, sou chata e teimosa é porque ainda não soube separar os conhecimentos do ensino médio e superior.

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R: Nós, recebemos já uma formação de práticas pedagógicas no ensino médio achamos que, é só complementar e não é bem assim, existem teóricos que falam sobre práticas pedagógicas que não aprendi antes, já estou aprender métodos, meios de ensino já é diferente então, lidar com essas duas coisas ao mesmo tempo tem sido um pouco difícil.

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêem-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: É fulcral que, se tenha a teoria e prática, pelo menos no primeiro semestre ou dois primeiros meses deste ano tivemos com a teoria de como se da aula, pegar nesta teoria e juntar a prática é que tem dificultado muitos. A teoria é só ler e responder as questões, agora estar lá no campo e ter de realizar a prática é que é complicado. É essa dificuldade que o aluno terá provavelmente, pode afectar o professor, mas o professor está munido de conhecimentos e práticas pedagógicas ou perícia pedagógicas que lhe vão ajudar na orientação correcta dos estudantes.

Anexo nº 17

Guião de Entrevista ao Estudante 3

4ª Ano E3 curso Psicologia

1-Como aluno estagiário acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: É necessário que, o professor tenha essa formação porque ele tem que dominar as técnicas básicas para poder dar uma aula em condições, e os alunos poderem perceber aquilo que o professor queira transmitir é necessário que, seja formado.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Tem sim, portanto todas as vezes que temos uma aula prática fomos corrigidos os erros a partir dos planos de aula como na forma de transmissão e conteúdos dos textos que nós apresentamos.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: Correção, ser um indivíduo orientador e tenha capacidade de corrigir os alunos e saber encaminhar a aula sempre que se desviar.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo

R: Não, se não seriam todos. A formação é geral na área da Pedagogia. Na escola de formação de professores como ISCED ou Escolas pedagógicas.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: São dificuldades normais de qualquer ser humano, todos eles têm, do ponto de vista pedagógico, não têm porque conseguem transmitir aquilo que é necessário.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Formação e domínio do conteúdo.

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Positivo muito bom.

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R: Deve saber encaminhar os alunos para a realização da prática, dar os atributos necessários para que os alunos consigam preparar a sua aula.

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêm-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: Como em qualquer especialidade, a teoria são os inputs necessários, e é mas difícil porque vem com a experiência. Os estudantes debatem-se com conteúdos científicos que, lhes dão na prática, é um bocado mais difícil. Então é com o decorrer da prática ou com realização de várias práticas que os alunos aprendem a fazer.

Como exemplo, um engenheiro licenciado em engenharia electrónica, se, ele não for praticar electrotecnia não vai saber o que é uma lâmpada e o curto-circuito na folha, mas, seus efeitos e como realizar esse curto-circuito ele não sabera com a prática que ele vai aprender.

Anexo nº 18 Guião de Entrevista ao Estudante 4 4ª Ano

E4 Curso Psicologia

1-Como aluno estagiária acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: É necessário que tenha formação, porque se, tiver formação específica para área de prática estará em condições de verificar melhor os nossos erros e ajudar a melhorar também.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Acho que ele tem preparação, mas, falta um pouco na forma como transmite, ele fecha-se um pouco na maneira como transmite, a forma como orienta para a transmissão, tem domínio mas falta um pouco.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: Deve ser uma pessoa coerente, pessoa critica, e propõe melhorias.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê? O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: Não, a orientação da prática deve ser para pessoas que tenham uma certa características, pessoas mais abertas a critica, dinâmicas, nem todos têm a mesma característica como a professora L.

Eu acho, que o professor tem formação, agora se precisa de retro alimentação sim, precisa de formação na área de prática. Deve fazer formação nos magistérios, ISCED e escolas superiores.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Muito presos as técnicas passadas e precisam de inovação seguindo esta dinâmica. Exemplo há coisas que trouxe para a prática e na minha escola são modelos a seguir a rigor. Se não viesse aqui na prática, aquilo que já não se usa actualmente estão ultrapassadas pelo tempo e necessitam de actualização.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Deve ser coerente.

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Razoável, porque senti mas a prática quando nos tivemos introdução da professora L porque eu em particular sabia que o professor T é fraco, e fomos fazendo as práticas e dávamos aulas não fazia críticas a partir do momento que professora começou, já havia assistência as aulas e houve inovação e havia coisas que começaram a ser limadas. E4

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R: Deve ter formação para orientar e corrigir, dinâmica como a professora L

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêm-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: A orientação do professor quando viemos para a prática os professores orientam a preparar um plano sem antes termos visto um modelo. É que cada um arranja na escola onde está ou colega arranja e desta forma meio que arrojada viemos fazer a nossa prática Depois da aplicação da prática ouvimos as criticas e como devia ser, não há uma preparação e estamos a ir directo para a prática.E4

Anexo nº 19 **Guião de Entrevista ao Estudante 5 3ºAno**

E5 **curso** Psicologia

1-Como aluno estagiário acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: De facto é, hoje a especialização é uma área que requer uma certa formação e certos conhecimentos que vai permitir com que este indivíduo exerça a sua profissão com excelência e sem a formação de facto terá uma dificuldade no exercício das suas funções ou tarefas.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Os nossos professores de facto pela experiência que eles nos transmitem até este momento, estamos construindo bases sólidas para nossas futuras funções. De facto eles têm experiência e capacidade e porque que não? A paciência é indispensável. E5

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: Primeiro a paciência, segundo o perfil da sua personalidade e postura que apresentam, terceira a disciplina que eles têm, e porque não falar da quarta depois do aluno dar a sua aula prática eles também têm a capacidade de encontrar os erros, porque pessoas há que estão aí mais não conseguem detectar onde está certo e errado.E5

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

R: Não, é necessário que a pessoa esteja preparada para o exercício, não é qualquer professor que pode orientar a aula prática, necessita de formação principalmente na área pedagógica e como estamos falando na formação psicológica.E5

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: A província há certas dificuldades de instituições porque varias instituições que nos temos têm as suas especializações em outras áreas enquanto ainda não temos áreas próprias da prática pedagógica esse professor deve estar dotado desses conhecimentos, onde é relativo.E5

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Certas limitações como parte positiva e negativas é relativo do professor quando ele detecta um erro tenta perder paciência um erro cometido

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Muito paciente acima de tudo.E5

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Para os meus professores de facto eles têm sempre aquele acompanhamento que fazem connosco.

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários? O que é que tem que ter/saber/fazer?

R: Paciente e ter formação

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêm-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: Acompanhando dos princípios da socialização a teoria é outra coisa e a prática também é outra, enquanto na teoria lidamos apenas com meios de ensino como a nossa lapiseira, o nosso caderno e os nossos livros; mas na prática estamos lidando com indivíduos de níveis diferentes e com conhecimentos diferentes e como a nossa missão é transmitir ou partilhar os nossos conhecimentos com esses indivíduos.

Por isso, da parte do professor como orientador desses alunos, primeiro deve preparar o aluno psicologicamente porque, vai encarar um auditório e esse aluno deve estar preparado psicologicamente, situações que acontecem essa pessoa é muito eloquente no bairro, quem sabe na rua, fala bem, mas diante de um público ele põe consigo o medo por isso, um desses elementos que

deve ser quebrado é o medo.

Anexo nº 20 Guião de Entrevista ao Estudante 6

3 ° Ano E6 curso Língua Portuguesa

1-Como aluno estagiária acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê?

R: É essencial para se ensinar Língua, o professor tenha conhecimento da própria Língua que, vai ensinar, as suas funcionalidades e os seus campos de actuação.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Nós, temos constatado que, a professora tem demonstrado capacidade para conseguir gerir a sala e dentro dos preâmbulos que ela cria nos conseguimos alcançar os nossos objectivos, como estudantes é indício que a professora tem que ter conhecimento da área que esta a leccionar mesmo que não seja um conhecimento profundo tem noção daquilo que esta a

fazer.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: Ser um exemplo como professor na sala, conhecer metodologia e Didáctica e até mesmo os princípios didácticos, com estes conhecimentos ser-lhe-á mas fácil transmitir aos alunos tanto na teoria como na prática.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

R: Não, como já disse é necessário que o professor deve ter conhecimento de prática pedagógica e o primeiro passo do professor de PP é conhecer didáctica e até pedagogia.

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: Deve fazer a formação nas escolas pedagógicas e dentro dos cursos estabelecidos de p p encontram-se inclinações ao curso e como preferência no fim do curso académico.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Uma dificuldade é a quantidade de alunos, tem dificultado a professora trabalhar com todos.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: É essencial que o professor não que seja aquela pessoa de deixar passar, mas desde que aprenda a conhecer as dificuldades dos estudantes de modo que possa compreender a situação e o que estudante falhou ou poderia ter feito alguma coisa.

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: É uma experiência nova, porque é uma ponte que me facilita conhecer de perto os colegas e suas capacidades e também manter os seus valores, esta proximidade não do ponto de vista pessoal mas do ponto de vista científico.

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R: Ter formação e conhecimentos suficientes para orientar.

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêm-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: Nessa tendência ao aplicarmos a teoria na prática, há sempre rasuras, não conseguimos completar totalmente. A professora procura verificar a aplicabilidade da teoria à prática que o estudante está a fazer, se, esse estudante estiver a cumprir com os objectivos a professora deve fazer uma boa avaliação. Caso contrário a professora deve ajudar este estudante para que da próxima vez não cometa os mesmos erros com palestras, aulas modelos, e a sua experiência das aulas práticas, e de outros colegas.

Anexo nº21 Guião de Entrevista ao Estudante 7

4 Ano E7 curso Língua Portuguesa

1-Como aluno estagiário acha que para se desempenhar este trabalho, de orientação das práticas, é necessária formação do professor? Porquê

R: O professor é um mediador do processo de ensino aprendizagem, para o professor estar na sala de aula é necessário que, tenha uma formação específica para que, o processo de ensino aprendizagem corra bem.

2 -Na sua opinião acha que os professores de prática têm preparação para realizar este trabalho?

R: Tem, porque tem fornecido materiais adequados e a orientação que nos tem dado tem ajudado muito para o nosso desenvolvimento como futuros professores.

3- Quais são as características que neste momento consideras importante no professor de prática?

R: saber orientar, ter conhecimentos desta mesma área como elaborar uma aula, saber planificar uma aula, traçar bem os objectivos, conteúdos. Um professor de prática de ensino é necessário que tenha domínio da Língua Portuguesa e domínio no que tange as práticas numa determinada aula.

4-Acha que qualquer professor pode ser professor de prática ou orientador de estágio? Porquê?

O mesmo necessita de formação específica? Em que área?

Onde deve fazer esta formação? E quem deve formar o mesmo?

R: É necessário que, tenha formação específica, formada na área das práticas pedagógicas.

5-Acha que os supervisores debatem-se com dificuldades na orientação do estágio? Cita alguma.

R: Dificuldades que o professor de prática enfrenta no domínio do conhecimento, na motivação, desenvolvimento e consolidação. Tem encontrado nos estudantes que têm praticado.

6-Quais são as características que neste momento consideras importante num supervisor ou professor de prática?

R: Ter um bom perfil, ter o domínio da cadeira que lecciona ou orienta e saber orientar.E7

7- Como caracteriza o trabalho que o orientador de prática realiza consigo?

R: Tem sido muito bom, porque estamos a melhorar muito, visto que, muitos vieram de cursos diferentes do ensino médio e estamos aprender muita coisa com a professora.E7

8- Na sua opinião, o que é um bom orientador para os estagiários?

O que é que tem que ter/saber/fazer?

R:

9- Os estudantes vêm da escola de formação com as teorias e quando chegam aos locais de estágio, vêem-se confrontados com a prática. Qual é o papel dos orientadores de estágio junto destes alunos? É importante? Porquê?

R: Quando os estudantes chegam a prática, uns acabam por esquecer e aquele medo que, apresentam alguns até não chegam a cumprir e não conseguem atingir os objectivos, e a professora tem chamado atenção a

esses estudantes que, apresentam esses problemas e corrige as falhas dos estudantes.

Anexo nº 22 Guião de Entrevista ao CD / professor de Prática Pedagógica

1 - Quantos departamentos existem na instituição?

R: Quatro (4) departamentos de ensino e investigação: departamento de Língua Portuguesa, Ciências da educação, departamento de Ciências sociais, C exactas.

Tem a funcionar cinco (5) cursos de Matemática Língua Portuguesa, História, Psicologia, e Pedagogia.

Todos cursos têm Prática Pedagógica, Matemática terceiro e quarto ano (3 e 4) há uma diferença apenas entre a prática que, se faz no curso de pedagogia tem prática I no 3 ano e estágio no 4 ano enquanto, nos outros cursos tem prática I no 3 ano e prática II no 4 ano.

2- Como é feita a supervisão das práticas?

R: Está analisar-se, e encontrar apenas uma única forma de actuação todos com práticas 1 no terceiro ano e estágio no 4 ano, no curso de Pedagogia. Para além de ser chefe de departamento, sou o professor de Prática Pedagógica no curso de Pedagogia no primeiro semestre do terceiro ano tem a prática 1 nós fazemos que, é chamado de familiarização é a prática de observação.

Tenho aconselhado aos professores que, o aluno precisa familiarizar-se quer com os professores da escola de aplicação quer com os alunos, conhecer a escola de aplicação na sua constituição quer na área pedagógica e outras áreas afins. Só após esta actividade que, é feita no primeiro semestre após tudo isso, é que é feito com entrevistas nos próprios actores educativos, sector pedagógico, secretaria-geral, secretaria pedagógica, área disciplinar para

conhecer como funciona. O estudante em formação deve passar por estas áreas todas quando terminar ele pode não ser um docente como tal, mais um gestor de escola e tem que saber como funciona cada área.

No segundo semestre com o 3 ano ele faz já a prática de aplicação, vai para a sala de aula leccionar como tal, porque no primeiro trimestre ele fez prática de observação, aproveita para observar aulas do professor titular; antes observou aulas do professor na escola de aplicação, por sua vez estas aulas são analisadas pelo professor orientador, onde vai avaliar com aspectos positivos e negativos, e estes elementos vão facilitar, analisar e reflectir o que, ele vai fazer no segundo semestre.

No segundo semestre, ele vai leccionar aulas como tal e todo processo feito no 1 e 2 semestre vai servir de avaliação do próprio estudante em formação. Este estudante em formação é avaliado não apenas nas aulas que vai ministrar no segundo semestre, mas, também na sua participação na prática de observação, e a forma como ele analisa uma situação e questiona aos atores encontrados na escola de aplicação, do processo de educação, tudo isto, faz perceber ao professor que, este estudante está a perceber de p p ou não esta a entender e mudar para que possa entender.

Depois, ele faz a prática de aplicação onde as aulas são avaliadas e no fim do ano o professor terá mais elementos para avaliar o desempenho deste estudante se foi favorável ou não.

Quanto a supervisão das práticas tem havido um défice na supervisão das práticas por vários factores:

- Devido a localização das diferentes escolas de aplicação e porque o departamento da ESP B, funciona apenas com uma pessoa, e sabemos que a nível do mundo nenhum departamento é funcional apenas uma pessoa.

Fazemos a supervisão, as vezes, entramos em contacto com a direcção da escola de aplicação, os professores da escola de aplicação, o pessoal da escola e fazer perceber que, a forma de actuação do professor orientador e alunos quer dos seus estudantes que, estão a fazer a prática, e fizemos assim uma supervisão para ver como actuam.

Às vezes mantivemos contactos informais com os professores na escola de formação do B, para ver se os professores necessitam é reforçar protocolos com a escola, com materiais de apoio e assim podermos fornecer.

Agendamos no ano passado visitas de supervisão pedagógica pelo director ESP B, eu fiz um plano de visitas as escolas de aplicação, estávamos prestes a começar com as visitas, que, achamos de supervisão mas como temos que, obedecer hierarquias e normas, tínhamos que fazer com anuência do delegado provincial de educação do B.

Mandamos uma carta, para avisar e o Dr. K sugeriu que o momento não era frutífero, porque estavam prestes a realizar-se as provas de frequência do primeiro trimestre na escola de aplicação. Então ele sugeriu após as provas, surgiram outros constrangimentos e não foi possível realizar esta visita, mas a supervisão das práticas ajuda bastante na melhoria da actuação do professor na sala de aula. Estava a ler um livro que diz para cobrir o défice da p p que é feita na nossa realidade reconhece como:

-Défice o descompasso académico do horário entre ensino geral e superior, o ensino geral geralmente começa primeiro o ensino superior começa depois.

Há um descompasso, quando nós arrancamos com grande celeridade o ensino geral esta em prova ou repouso, quando recomeçamos nós estamos em provas ou repouso faz com que a p p nas escolas de aplicação não seja feita com grande incidência.

Há um teórico que diz, para cobrir esta lacuna, os professores que leccionam as cadeiras teóricas nas escolas de aplicação devem ser mas sérios e procurar trabalhar com aulas teóricas e práticas, desta forma o estudante em formação terá possibilidade de ganhar mais conhecimentos teóricos e práticos que, levam a facilitar a sua actuação como bom técnico, capaz de ser objecto de mudança na escola de aplicação, quando formado para dar o seu contributo na escola de formação, fora da qual, se, não termos em conta estes aspectos nós fazemos uma formação mais teórica do que prática em pleno século XXI na formação de professores.

Não é fácil formar um professor apenas com conhecimentos teóricos, é necessário que saiba fazer a junção da teoria com prática, para que possa ou se torne então uma pessoa útil, para mudar o meio e para que possa transparecer aquele fruto da formação, que no fundo é aquilo que é o trabalho da escola de formação .

3- Os professores que leccionam a prática receberam alguma formação na área de supervisão para orientar?

R: Não existe uma formação específica dada aos professores de Prática Pedagógica, uma reciclagem como tal, mas os próprios professores passaram em instituições de formação de professores, o facto de passarem em instituição de professores têm aquilo que chamamos de formação ou agregação pedagógica.

Como têm agregação pedagógica com mas alguma superação ou auto superação que vai tendo com a pesquisas, então consegue lidar e gerir que não digamos, que seja uma Prática Pedagógica de cinco estrelas, pratica pedagógica perfeita mas que, acompanhe as evoluções do sistema.

4- O departamento de Prática Pedagógica tem algum programa de estudo?

R: Não, temos a planificação anual, temos a planificação do ano antepassado e passado e este ano ainda não temos planificação. Remetemos a documentação é necessário um documento para a substituição do chefe de departamento por causa da acumulação e preocupações faz com que, haja um défice do processo e há necessidade de haver um outro chefe de departamento para fazer um trabalho mais condigno e se faça uma supervisão constante que haja normas mais condignas num quadro de acompanhamento mais constante.

Como o departamento de prática é um núcleo da escola S B, nós quando concebemos uma planificação anual e não temos possibilidades de planificar embora feito um plano de actividades científicas, actividade administrativas, práticas e académicas, só que, a funcionalidade deste programa e que não tem

sido muito viável, não tem sido aplicado na prática, carece da inclusão do chefe de departamento do director geral da instituição.

5- Os cursos que têm área de Prática Pedagógica têm um programa específico?

R: Não tem um programa específico, porque de acordo com a norma, cada curso devia haver um regente de Prática Pedagógica e este regente do curso de português seria o responsável na supervisão da Prática Pedagógica do curso de português e assim dos vários cursos de matemática, história, psicologia, pedagogia; então o departamento de Prática Pedagógica limitava-se em manter contacto directo com o regente da cadeira de cada curso, mas isto não acontece, devido a forma como o próprio sistema está montado, já há previsões de criação do departamento de prática.

E deixa de ser departamento prática e chamar-se-á departamento de prática e metodologias, no sentido de encontrar-se os regentes das cadeiras de Prática Pedagógica de cada curso e os professores em vez de serem só de Prática Pedagógica sejam também de metodologias e Prática Pedagógica porque tem havido muita contradição do que aprende em metodologias e depois o que vão fazer na prática com o professor de prática. O professor de prática diz que devia fazer assim e os de metodologia e para acabar contradição e depois fazer uma certa comparação com o professor de metodologia e seja o mesmo a dar a prática pedagógica e desta forma aconselha a eliminar as contradições do sistema.

6 - Como é feita a planificação da prática pedagógica?

R: Sim cada professor, faz a sua planificação e procura pôr em prática está planificação.

7- Os professores reclamam do elevado número de alunos 45 estudantes para um orientador como fica?

R: Correcto, necessariamente há uma certa reclamação do número de estudantes pelo professor orientador a nível da Prática Pedagógica, como sabemos, o departamento de prática necessita de um acompanhamento

individualizado para facilitar cada professor e poder perceber os pontos fortes e fracos de cada estudante e desta forma verificar o que é que tem que dar mas, quer em metodologia e fazer recurso a instrumentos para facilitar o aluno e buscar o que está atrasado em termos de formação.

Devido ao défice de professores que tenham o domínio do aspecto prático, leva um professor a ter um número elevado de alunos ou estudantes e isso interfere no processo de avaliação.

. Torna uma avaliação subjectiva do que objectiva, porque há estudantes que, são adultos e matreiros em vez de começar a assistir a prática nos primeiros dias de aula, aparece com desculpas e vem nos últimos dias, encaixa-se ali num grupo, e se, o professor não manter atenção a estes estudantes, o estudante acaba infiltrando-se aí, porque o professor tem muitos alunos, se,

não manter atenção, acaba por não conhecer cada um deles, se fossem 15 estudantes no máximo o professor só daria atenção estudantes que conhecia muito bem e quando no fim do ano o professor saberia encontrar os resultados objectivo de avaliação de cada estudante..

8- No curso de psicologia os estudantes vão fazer prática numa escola especial com aluno do ensino primário serão professores de psicologia ou professores primários?

R: Serão professores de psicologia, nós quando percebemos a existência do curso de psicologia na província do B, achamos ser uma mais-valia a prática dos estudantes do curso de psicologia no ensino especial, porque o estudante do curso de psicologia na escola superior forma-se para professor de psicologia.

Achamos que, a escola especial por albergar estes alunos com NEE acentuadas então para poder acompanhar os fenómenos que ocorrem ao longo da aprendizagem e achamos por bem os estudantes de psicologia fazer o prática na escola do ensino especial desta forma vai aplicar os conhecimentos que aprende em psicologia verificar e acompanhar os alunos no seu processo todo e verificar os fenómenos que ocorrem e desta forma

encontrar soluções para uma educação mais condigna para as crianças que tenham NEE.

9- Os alunos mestres receberam metodologia para trabalhar com crianças do ensino primário?

R: Receberam metodologia para ensino da psicologia.

a) É uma contradição quando ele recebeu metodologia para ensino de psicologia e vai praticar as metodologias do ensino primário? Ele pode trabalhar com o nee sim, mas dando aulas no ensino primário não é uma contradição?

R: Não seria uma contradição como tal, o que leva para escola do ensino especial não é para dar aulas a crianças do ensino primário, mas, para ao longo do processo de ensino, ele verificar os vários fenómenos que ocorrem durante o processo de ensino nesta criança com NEE acentuada e então desta forma ele perceber estes fenómenos e contribuir no encontro de soluções para as crianças com NEE acentuada.

b) Mais a realidade não diz isto?

R: A realidade não diz isso, pode ser que sim, vão para lá e dão aulas a crianças do ensino primário com NEE acentuada, isto porque carecem de uma reciclagem ou da inclusão das metodologia do ensino primário, Metodologias de matemática, estudo do meio e ciências da natureza, metodologia de música e por aí fora no fundo são esses os défices que tem este processo, mas o que tem de se fazer é melhorar superar este problema.

Um dos factores que levou os estudantes do curso de psicologia para a escola especial, existe uma escola única de formação de professores no ensino médio pública no B que é a escola k e da ADPP privada.

A ADPP tem uma formação muito específica e diferente da formação que se dá no k antigo INE, neste caso porque queríamos que os nossos alunos fossem fazer psicologia e dar aulas na escola de formação de professores mas o défice descompasso de calendário os alunos nunca tinham aulas para juntar o útil ao agradável decidimos mandá-los a escola especial para não ficar sem prática.

10- O estatuto da carreira docente propõe para selecção dos professores seja feita a partir de bacharel e desde que tenha média 14 valores pode ser admitido, como professor do ensino superior como fica isso?

R: O meu colega dos recursos humanos tem melhores subsídios sobre isso. Eu ainda acho, é a minha opinião pessoal que não deveria ser condição *cini- qui non* para entrada no ensino superior.

a) Principalmente na escola de formação de professores?

R: Não seria condição *sini qua non*, porque, sabemos que a própria avaliação carrega consigo elementos objectivos e subjectivos, isto faz com que, elementos que tenham notas tão altas, alguns deles, naquilo que é a prática pedagógica do dia-a-dia poderia não ser muito benéfico. Julgo que deveria haver outro elemento *para a selecção do pessoal, e não muito pela nota, quando vai pela nota começo a ver uma* deussificação da nota como tal.

11- A selecção dos professores universitários no Brasil e Portugal no mínimo deve ter o mestrado e doutoramentos e a selecção baseia-se em livros escritos artigos e obras publicadas. O professor por excelência é um investigador, principalmente na escola de formação de professores.

c) No nosso contexto, a investigação não é tida em conta?

R: O Ministério tem estado a primar no sentido de reforçar as escolas, que os professores sendo já universitários devem primar pela publicação de artigos por exemplo. Ainda não começamos a publicar obras, como livros, vamos começar com artigos científicos que são passos iniciais para a publicação de obras ou livros. Só que é aquilo, Angola é um país que está a começar e tem dito os grandes teóricos o país que está a começar o licenciado forma outro licenciado, mestre forma outro mestre e o doutor forma doutor porque não temos quadros suficientes para agarrar o ensino superior.

g) -Mais isto não *prima pela qualidade*?

R: Sim... sim, se for isso, tem que primar pela qualidade.

h) Um bacharel forma outro bacharel, licenciado forma licenciado?

R: Normalmente mesmo em Portugal também opta por essa política, onde há défice de quadros para facilitar o processo e primar pela formação de quadros, o próprio licenciado forma outro licenciado, é o que acontece na escola superior pedagógica do B.

Hoje, tem um total de 5 professores doutores e um número considerável de mestres, mais quando começou havia 3 mestres o director e seus adjuntos e todos professores eram licenciados, hoje com aposta quer da direcção, como dos próprios professores muitos já são mestres e alguns estão a fazer doutoramentos.

Julgo o que tem que haver é uma supervisão e incentivo constante aos professores, para lançarem-se ao mundo da investigação e poderem ter conhecimentos mais sustentáveis durante a sua abordagem.